

de orgulho no cano respiratório d'onde já havia expectorado arrôtos de bestial prosapia, cravou em Julio os olhos que lhe irradiavam na fronte os clarões da gloria dos Demosthenes, e bradou do alto da sua consciencia— matei-o!—

—A falar-te a verdade, respondeu modestamente Julio de Mendonça, começava a pensar n'isso quando te ouvi.

E dizendo isto, surriô para Augusto de Sousa, como para lhe afirmar que aquelle sarcasmo não tinha nada com elle.

—Pois bem, disse Magalhães, sempre invulneravel no seu despejo, agora deixo-os a ambos e volto breve para o acompanhar ao baile, sr. Augusto de Sousa.

—As suas ordens, sr. Magalhães.

—Adeus, Julio.

—Adeus, menino.

Julio de Mendonça era uma bella natureza.

Alcunhado de *excentrico* na algaravia dos frivolos, accusado de extravagante nos prostibulos dos velhos, delatado de grosseiro nos soalheiros das mulheres, Julio de Mendonça nem era grosseiro, nem extravagante, nem misanthropo, para substituir o vocabulo de contrabando.

Excentrico diziam os primeiros, porque raro lhes soffria elle mais que dous minutos as nauseas do seu vasconço insuportavel. Extravagante, repetiam os segundos, porque a mais d'um regeitára com nobre altivez uma filha, que se vendia ao seu oiro. Grosseiro, affirmavam as mulheres, porque a todas quantas ousassem abocanhal-o no mais sancto da sua honra, obrigava elle, oito dias depois, a vergarem-se deante de si na mais torpe de todas as cedencias, para as esmagar assim com a gargalhada do mais desfaçado cynismo. Que elle era tão delicado como uma dama da côrte de Luiz xv, sabiam-no ellas bem, que por isso se deixavam cair na rede das suas feiticeiras promessas. E assim melhor apresentado aos nossos leitores, ouçamol-o:

—É de Lisboa, não é verdade, sr. Augusto de Sousa?

—Quasi que adivinhava, sr. Julio de Mendonça. Fui alli educado; tem-me alli corrido o melhor da minha vida; mas nasci no Algarve.

—Não era adivinhar que eu pretendia, redarguiu Julio sorrindo com amabilidade, tenho lido o nome do cavalheiro em alguns jornaes da capital, e era d'isso exclusivamente que eu tirava a minha pergunta.

—Méra curiosidade talvez...

—Perdão, continuou Julio, sorrindo sempre como se falára a uma dama, não era tambem interrogar de curioso. Seria por ventura um motivo de conversação, um ensejo para dizer-lhe que me parece não ter sido muito feliz na troca.

—A que se reporta o sr. Julio de Mendonça?

—Queria dizer que difficilmente pôde agradar o Porto a quem afez o paladar nas isempções da capital.

—Não me atrevo a contradizel-o. Observo porém que acho sempre um pouco injusto o depreciar uma terra pequena em face d'uma outra, que ás vezes não é maior senão pela estatistica dos seus habitantes. Afigura-se-me que em Lisboa como no Porto, no arruido da maior cidade como no silencio da mais pequena aldeia, as paixões são as mesmas, os dramas que se representam, perfeitamente os mesmos.

—De accordo n'este ultimo ponto. A tragedia e o drama são os mesmos em toda a parte. O que é diferente n'uma e n'outra é a comedia. Eu sou pessimista, sr. Augusto de Sousa. Matriculei-me na escola, onde o homem é considerado máo por natureza, e por conseguinte é preciso que elle me prove primeiro que é bom para o acceitar como tal. Da minha theoria conclue-se que nas grandes cidades, onde a maldade se rebuça na mascara da hypocrisia, a traição se esconde n'um sorriso de conveniencia, e a verdade se vella nos disfarces d'uma mentira embrincada, é menos pesada a cruz d'esta vida do que n'uma terra de gente acanhada, onde á superficie da sociedade sobresaé apenas o asco que ella tem, onde os homens se condemnam uns aos outros na denuncia reciproca dos seus infames intentos, e as mulheres se alimentam, como os gusanos, no pôdre das suas intrigas de soalheiro.

—E que differença haverá por fim entre uma e outra?

—Notem-lhe as differenças que quizerem. Eu entendo que para esta vida de dois dias o melhor é conhecer os homens, aquilatal-os bem pela sua propria historia, e depois haver d'elles o melhor proveito. Com este principio, no meio do grande mundo quando mais se não logre, é possivel ao menos ser util a si, em quanto que n'uma terra d'estas nem o podemos conseguir para nós, nem para os outros.

O debate sustentou-se ainda sobre este ponto mais alguns minutos. Augusto de Sousa não se cançava de escutar, enlevado nas maneiras de Julio, prezo ao iman da sua palayra insinuante. N'esta, via elle uma nobre represalia, uma eloquente desaffronta contra as parvulezes de que E. de Magalhães prefaciára a sua apresentação.

Julio porém interrompeu-se a si proprio:

—Deixemos estas coisas, que são um pouco mal cabidas n'este lugar. Diga-me, meu bello amigo... dá-me licença que assim o trate?

—Oh, sr. Mendonça, é uma honra...

—Não: é uma simples franqueza da minha sympathia, uma necessidade que eu tenho de chamar amigo ao homem, que me obriga a falar-lhe com tanto prazer. Diga-me, meu amigo, como julga esta terra? que lhe parece

esta gente? não a acha tão boa? tão inoffensiva? tão docil ao sarcasmo? O meu amigo Magalhães, que impressões lhe deixou?

— O seu amigo?

— Bem vejo. Ha uma recriminação n'essa pergunta. Eu justifico-me. O que aqui lhe digo, repito-o a elle mesmo quasi todos os días. *Amigo* lhe chamo, á falta d'outro nome, a elle e a muitos onde as minhas graçolas não tem resultado; n'uns porque são muito covardes, n'outros porque precisam do meu dinheiro, e n'alguns por uma e outra coisa.

— Perdão: longe de mim a menor ideia de offensa. O seu amigo, o nosso amigo Magalhães, foi a primeira pessoa, que conheci n'esta terra. Prevenido, por uma carta do conde de Lumiares, da minha chegada, procurou-me duas horas depois que desembarquei, e n'este momento sou-lhe já devedor de muitas bondades.

— Obedeço á sua insinuante delicadeza. Busquemos outro exemplo. O nosso Garrett dizia que pelo botiquim se conhecia da gente que o frequentava. Por este o que pôde adduzir-se? não acha tão bem dispostos estes tremós, de tão apurado gosto os labores do engaste?

— Não estão absolutamente mal.

— De certo. Vou até fazer-lhe uma confidencia. Tenho pensado muitas vezes no homem que os mandou aqui pôr, e hoje é de fé para mim que pouco vulgar devia ser aquelle talento. No seu tempo esta gente devia estar ainda muito peor que hoje, e elle por um nobre impulso de patriotismo expunha-lhe a sua propria imagem na lamina azougada dos seus espelhos como um incentivo poderoso á sua regeneração. Não seria?

— Talvez, respondeu Augusto sorrindo.

— *Talvez* é uma palavra sceptica. Aqui o *Peut-être* de Rabelais ou o *Que sais-je?* de Montaigne pôde ser um doesto affrontoso lançado á memoria d'um tumulo. É melhor acceitarmos a cousa sem contestação.

Julio discorreu ainda n'este tom mais de meia nora. Augusto de Sousa dizia no rosto o prazer com que o ouvia. Julio, a quem não escapava a menor demonstração da alegria de Augusto, continuava cada vez mais feliz nos sarcasmos que tão bem se ajustavam nos seus labios, ainda mesmo cerrados, sempre petulantemente ironicos.

Se por vezes ria, era um rir de febricitante. Adivinhava-se-lhe então n'aquella visagem menos alegre que desesperada o oceano de fel em que a alma lhe baldeava. A gargalhada de Julio, quando prolongada, era caustica como um sarcasmo de Voltaire; incisiva e curta, era amarga como uma apostrophe ridente de Lesage.

Uma outra cousa que para elle significava tambem a intuspecção sublime do primeiro possuidor d'aquelle estabelecimento, vinha a ser uma mesa collocada no meio d'aquelle quadrado, e que ainda hoje lá está.

— Aquella roda de marmore alli, dizia elle, é ainda o significado d'uma grande intuição. Ha certas horas no dia em que alli se ajuntam uns homens redondos, com quem era impossivel concorrer em sitio algum, se em todos os sitios o acaso ou a Providencia lhes não houvesse deparado logares separados da outra gente. Alli se aglomeram todos em massa, resumem-se todos n'um só; alli cascalham um estupido *kirchen-wasser* em mal cheiroso dominó, alli fungam tabaco, alli espirram sandices, capazes de converterem um tolo, e de alli se levantam por fim, deixando ao pobre do botiquineiro a pragana que trazem nas mangas d'um casaco lanzudo, que não andaria pelas ruas, se nós tivéssemos um conselho de saude zeloso, quando menos, dos narizes do publico. A mythologia antiga dizia que Jupiter transformara formigas em homens para povoar a ilha de Egina. Aquella mesa é uma nova Egina; mas, ao contrario da outra, posteriormente inventada para guarida d'estes homens, outros bichos por certo na sua primitiva essencia, como eu quero crer para gloria do Creador, que indubitavelmente não produzia taes monstros para serem a sua imagem e semelhança, mas que tambem não me persuado de que fossem nunca um insecto tão admiravelmente laborioso como esse que Salomão (a) nos dá a nós por modelo. O que por vezes me entristece é a travada suspeita de que aquella mesa seja uma rapsodia, como o foi a obra de Jupiter, que no dizer da mesma mythologia imitára Minerva, a qual tambem fizera a mesma brincadeira com uma tal rapariga, cujo nome me não occorre...

— Myrmex?

— É verdade. No entanto hoje creio na originalidade d'aquella admiravel presciencia pela respeitavel ignorancia do meu heroe, roborada por contemporaneos de irreprehensivel consideração.

Julio de Mendonça estava contentissimo. Raro se lhe deparava a elle monção de dar largas ao seu espirito, e por isso não a desaproveitava nunca, logo que ella se offerecesse. A sua linguagem era desaffectedada, natural, chã mesmo, porém mais ainda por esse motivo valiosa ao paladar de Augusto de Sousa, que por seu lado se orgulhava de a inspirar a um homem como Julio, e principalmente pela confissão muda, que elle lhe fazia assim da feliz impressão que lhe haviam deixado os seus escriptos publicados em diversos periodicos de Lisboa, e que Julio dizia ter lido. O maior de todos os sacrificios, que Julio lhe pedisse n'aquelle instante, seria para elle uma bella recordação a archivar no livro intimo da sua vida. Talento varonil, accitava com sofreguidão tudo o que podia dar-lhe o talento dos outros, e pouco retribuia do seu. Coração de creança, para não dizer de mulher, porque o da mulher engana ás vezes, pagava com mil extremos a mais insignificante das affeições que se lhe revelasse. Julio nem era menos intelligente, nem menos generoso. Por isso

a) Proverbios, xxx, 28

desde aquelle momento o coração d'um e outro se adivinharam, ambos se juraram eterna amizade, e um e outro pensaram na realidade d'uma maior ventura, de que aquelle encontro fôra apenas o prefacio.

—Sabes *tu*, Augusto, dizia momentos depois Julio de Mendonça, levantando-se e abrindo o relógio, são perto de nove horas e tu naturalmente queres ir ao baile do visconde.

—Agora é-me isso completamente indifferente.

—Não: quero que vás. Sou eu quem te apresento. Basta porém que curemos d'isso lá para a meia noite. Iremos primeiro ao theatro: é uma coisa que já podes vêr hoje, e naturalmente estaremos bem á nossa vontade; os meus de certo não estão lá por causa do baile, e será o camarote todo nosso.

—Antes porém, julgo acertado deixar uma indicação ao Magalhães, que poderá vir ainda procurar-me, apezar da sua demora já demasiado longa. Que diz... que dizes?

—É justo.

Julio de Mendonça bateu com o conto da sua bengala n'uma das mezas, deu a ordem a um dos criados, e saiu com Augusto de Sousa para entrarem ambos n'um elegantissimo landaw, que este já tinha admirado quando alli chegára com Eduardo de Magalhães.

—Para o theatro, disse elle aos criados depois de commodamente enterrado n'uma almofada, que faria as delicias dos joelhos d'uma imperatriz nas suas horas de devoção.

Tres segundos depois entravam no theatro de S. João, Julio de Mendonça e Augusto de Sousa.

O leitor, se quizer, pôde entrar tambem voltando a folha.

(Continúa)

VIEIRA DE CASTRO

UMA HISTORIA

INTRODUÇÃO

Essas páginas que ahi vão escriptas não são da minha lavra.

Deparei com ellas debaixo do travesseiro d'um amigo, depois que o seu espirito, desprendido para os anjos, legou ao mundo a sua memoria. Memoria de martyr que não foi canonisado pela Igreja, mas que bem fundo provou o travo aos amargores da vida.

N'um dia de Julho de 1854 recebi em Coimbra a seguinte carta:

Meu amigo: Presinto que vou morrer. Queria repartir entre ti e minha mãe a saudade do ultimo abraço, e a agonia do ultimo suspiro. Talvez que ainda chegues a tempo, e se chegares morrerá mais feliz o teu do C. Carlos de Mello.

Confrangera-se-me dorido o coração com a leitura d'essas poucas linhas.

Amigos d'infancia, a mesma patria nos tinha visto nascer, e quasi que o mesmo berço nos havia embalado.

As suas magoas eram para mim angustias, e os meus gostos eram para si deleites. Era uma d'estas affeições intimas a que os brinquedos da infancia fazem medrar as raizes, que mais tarde devêm de ser regadas pelas lagrimas do soffrimento.

Era força pois relevar-lhe o sacrificio pedido, e fôra isso ainda pouco para dar-lhe em tornas do seu affecto.

Parti de Coimbra.

Não correram dias que não visse as torres que deviam de solemnizar-lhe o triste sahimento.

Quando avistei a sua morada vi uma multidão immensa, que entoava á porta canticos sagrados: cuidei serem os psalmos funebres que se rezam por finados; enganei-me. Era Carlos que recebia os ultimos sacramentos. O padre sahia quando eu entrava. Apenas me conheceu vi resvalar-lhe uma lagrima pelas faces usadas e rugosas. É que a confissão fez-lhe saber que era um martyr; apertou-me convulsivamente a mão, e disse-me: ainda chegou a tempo. Corri immediatamente ao seu quarto. Ao ruido que fizera a porta pela minha entrada, Carlos voltou-se, e fez um esforço terrivel por se levantar, mas os membros ficaram soldados ao lençol que os amortalhava.

D'ahi a duas horas Carlos era um cadaver.

O seu ultimo arranco nas vascas da morte sacára-lhe do peito um laivo de sangue, e dos labios o nome de Zilia. Antes de morrer, porém, confiou-me um manuscripto e uma carta: no manuscripto continha-se uma historia traçada com lagrimas; na carta encellava-se um despedimento triste a uma mulher martyr como elle, por ser victima da mesquinha sordidez d'um pai despiadoso.

Essa mulher era Zilia.

Carlos extremecera-a do fundo d'alma.

Zilia idealizara-o nos sonhos do seu amor casto como o filho de Jacob, candido como o collo d'Eva, e pudico como a mãe do filho de Deus.

De pouco montaram esses extremos.

O corpo de Zilia fôra arrematado em almoeda por oitenta contos de réis a um homem, que a religião e a lei alcunharam de marido, mas a quem a razão acoimou, com justiça, de verdugo.

Na mesma noite em que morrera Carlos de Mello dava o Sr. João Antunes Nogueira um baile com o luzimento e pompa que pedia o anniversario do seu recebimento com Zilia.

Era-me força subir tambem aos salões do Sr. Antunes para cumprir perto de Zilia os ultimos cuidados de Carlos de Mello. Subi. Quando entrei, Zilia vibrou-me um olhar dessocegado, e inquieto, bastante para exprimir a agonia d'aquelle coração. Uma faculdade instinctiva espiritava-lhe que não se aproximasse de mim; a fatalidade porém desbravou o instincto, e dentro de poucos minutos terminava Zilia a leitura da minha carta. Mediante o tempo que delimitou esta leitura não lhe accusara a physionomia o mais leve rastro de soffrimento: é que as lagrimas ficam estanques no coração quando a dôr o confrange e estreita.

Zilia salvara-se aos salões do baile, e reapareceu pouco depois alli vestida no mais rigoroso lucto. Victima resignada do brutal imperio do marido, mostrou-se então orgulhosa da dôr suprema que lhe ia n'alma.

É bem certo que as grandes dores não choram. Soffrem-se, e aturam-se, mas não podem exprimir-as lagrimas: os olhos vertem-nas no coração, e alli chrySTALLIZADAS, guarda-as elle como recordações pungentes de provações dolorosas.

O apparecimento de Zilia produzira na assembleia o effeito do assombro. Um vestimento negro em dia de festa galhofeira devia de encher de pasmo ainda os mais pechosos em coisas d'esta laia.

Previra-se logo a causa d'isto.

O Sr. João Antunes ficara aparvalhado d'espanto, e estorcia-se em pasmos convulsivos de raiva concentrada.

Zilia acercára-se d'elle, e deu-lhe a ler a carta de Carlos.

Era a sua confissão, e o seu arrependimento. João Antunes lêra o que segue:

«Zilia

«Esta carta é escripta d'um tumulo pela mão ainda quente do cadaver, que a elle descera ha pouco.

«Certo a não lês antes que o estridor da lapide, que sobre mim cahirá com cedo, não chegue aos teus ouvidos. Amei-te muito... muito.

«Que t'ó digam as estrellas fulgidas do firmamento, quando por noites de primavera encontravam os meus pensamentos irradiados no espaço.

«Que t'ó digam as aguas limpidas do placido arroio, quando em si dissolviam as lagrimas chrySTALLIZADAS pelo fogo d'um amor sem esperança.

«Que t'ó digam os tenebrosos furacões do inverno, quando embalado por elles o meu espirito adejava pelas soidões do espaço, buscando a tua imagem querida.

«Que t'ó digam os saudosos échos da montanha, quando o teu nome exhalado com meiguice ia, espreguiçando-se na encosta, etherizar-se no celeste espaço.

«Que t'ó digam as auras tepidas em que se baloiça a folha amarelecida do outono, quando escondiam nas ondas voluptuosas de brandura os mais intimos lamentos d'alma.

«Quiz arrastar-me a teus pés como a çarça humilde, beijar-te as fimbrias do virgineo manto, e quiz depois morrer, para que uma lagrima tua de piedade fosse rociar os cyprestes da minha campa.

«Quantas vezes no remanso melancolico da noite traduzia eu pelo magico

«ciciar da briza um teu suspiro d'amor, e pelo desaparecer dos astros um novo
«finar d'esperanças?

«Á feição da alga esmorecida, que vegeta nas rochas limosas do mar, e que
«morre estiolada á mingoa dos raios vivificantes do sol, atrophiciei-me eu des-
«fallecido á falta da luz bonançosa da esperança.

«Adeus, Zilia. Presagiei-te que o meu suspiro derradeiro seria o teu nome.
«Hade sel-o.

Carlos de Mello.»

E fôra certo assim.

(Continúa)

VICTORINO DA MOTTA

A INFANCIA

Quão caro custa um mal dissimulado!
Quão presto passa o bem, que não se sente!
E quanto doe depois que é já passado!

F. RODRIGUES LOBO.

J'eus dans ma blonde enfance, hélas! trop éphémère,
..... un jardin... et ma mère.

V. HUGO.

Ha ahí quem não tenha na vida um momento
D'angustias sublimes, eivadas de dôr?
Quem sinta no peito, bem fundo, um tormento,
E ria, provando d'um pranto o travor?

Nascera. E, infante, mal vira este mundo,
—Prophético instincto!— com pranto o saudei.
Fizeram-me affagos, caricias me deram:
Soltei um vagido, gemi e chorei.

É triste e sinistro o baptismo das lagrimas!
Os prantos, que o homem no berço verter,
São duros espinhos que n'alma se encravam,
Que a c'roa de martyr lhe tem de tecer.

Nascera. Da infancia nos dias primeiros,
Achei-me nos braços d'um ser que perdi;
Perdi-o. E sorvi-lhe dos labios, n'um beijo,
Doçuras, meiguices que outr'ora senti.

Crescera, e, mais tarde, vivia dos mimos,
Cuidados, disvelos, extremos de mãe.
E ria, e folgava c'os doces carinhos
D'um anjo innocente, criança tambem.

Tão linda! inda a vejo colhendo as boninas
Que os campos esmaltam de viva esmeralda...
Sorrindo, doidinha! banhava-as nas aguas
Que alli murmuravam, do monte na espalda.

Parava... e absorta, extatica, presa
Da candida imagem que lá lhe surri...
Surria-se, meiga, á miragem formosa,
Que a julga uma fada, uma nymphá, uma houri.

E vinha, depois, pressurosa, assentar-se,
—Silphide das veigas, — mui junto de mim;
Contava-me, então, a visão que tivera,
Dizendo que vira do céu um ch'rubim.

Singella innocencia! Não posso, inda hoje,
Tão gratos momentos á alma lembrar,
Que suste nos olhos, ardentes as lagrimas,
No peito a saudade que possa calar.

Não posso, que sinto, que sei que este mundo,
Devasso, corrupto, venal e mentido,
Não dá, que não póde, um só lôgro que seja
Jucundo ao que tenha na infancia vivido.

Não posso. E quem ha de mentir a um espirito,
Já gasto na esp'rança d'um goso sequer;
Que ri das venturas, sonhadas no mundo,
Que as galas do mundo despresa, não quer?

Eu, não, que não devo, nem quero roubar-me
Saudades que tenho d'um tempo que foi;
Saudades que pungem no intimo d'alma,
Delicias amargas, prazer que nos doe.

É triste esta vida! De triste, nem sei
Se fôra melhor o deixar de viver.
Não sei se na morte se extinguem angustias,
Que férem de morte, que fazem morrer.

É triste... E que risos, sonhados, criança!
 Que esp'ranças criei, que futuro entrevi!
 Na mente, que sonhos então concebera!
 Que ardentes, que puros anhelos senti!

Amava as campinas, os montes e as brisas,
 E o céu cravejado de estrellas a mil;
 A lua e o sol, a aurora e o crepusculo,
 Das aves o canto, das aguas o anil.

Nas notas suaves das harpas do mundo,
 Nas auras que gemem por entre a folhagem,
 Não sei que poemas então soletrava,
 Não sei que harmonias sentia n'aragem.

A vida era bella! Nas faces mil beijos,
 Tão puros, tão castos, d'uns labios de mãe;
 No peito os affectos, os doces carinhos
 D'um anjo innocente, criança tambem.

Singella innocencia! Não posso, inda hoje,
 Tão gratos momentos á alma lembrar,
 Que suste nos olhos, ardentes as lagrimas,
 No seio a saudade que possa calar.

Villa-Real, 1859

AGOSTINHO DA ROCHA

A HERBIMANN

POR OCCASIÃO DO SEU BENEFÍCIO Á SOCIEDADE PHILANTROPICO-ACADEMICA

- «A mãe conchega ao peito o filho caro;
«A pomba estende a asa no seu ninho
 «Pelos filhinhos seus;
«Embala o arbusto agreste o fructo amaro;
«Guia a bussola o nauta em seu caminho,
 «Como um dedo de Deus:
- «Bebe a nuvem no mar, no rio a féra;
«Acha o—tigre—covil na antiga Hircania
 «—Nas serras de Ghilan—
«Renasce o tronco á luz da primavera,
«E no labio da flôr gotta espontanea
 «Cae á luz da manhã.
- «Onde ha ramo no mundo, em que não pouse
«Avesinha do ceu? espinho, palma
 «Sem um docel azul?
«Um peito, que n'um peito não repouse?
«Dois olhos, entre os quaes não gyre uma alma,
 «Como seu norte e sul?
- «Só eu um bem no mundo em vão pertendo!
«—Ghebro entre os persas, entre os indios pária,
 «Judeu entre christãos...—
«Só eu debalde ao céu as mãos estendo,
«Como o naufrago, á praia solitaria,
 «Debalde estende as mãos!

«Tenho no livro onde Elle o nome escreve
 «Nome... que o labio nunca pronuncia
 «Se a alma consultou,
 «Tenho mil vezes lido que não deve
 «Queixar-se mais que a flôr, que vive um dia,
 «Um verme, como eu sou!

«Ah! mas, chorando, as magoas diminuem!
 «Custa muito soffrer sem que um gemido
 «Revelle a nossa dôr!
 «E se aos olhos as lagrimas affluem,
 «É que este allivio nosso é permittido!
 «Orvalha o céu a flôr.»

O orfão diz; e os ais d'alma lhe saém
 Como suspiros d'harpa eolia em ermo;
 Ninguem no mundo o ouviu:
 Mas se a teus pés as lagrimas lhe cáem,
 Tocou a mão de Christo a mão do enfermo!
 O Lazaro surgiu!

HERRMANN! HERRMANN, espantas-me! Não scismo
 Nos prodigios da milagrosa vara,
 Que o Senhor Deus te deu:
 Teu coração, Moysés do christianismo,
 Tua alma é que eu admiro, e te invejára,
 Se o que é teu fosse teu!

«Bravo, Herrmann!»

O delirio, a febre, o extasi, a sessão do enthusiasmo contaminára estas cinco mil almas, que abraçadas n'um enlêvo commum, simultaneas no desafoço de um grito expansivo e espontaneo, bradaram e repetiram mil vezes em uma:

«Bravo, Herrmann!»

É de gêlo toda a palavra que vier a explicar o infinito das sensações, que vibram n'alma, ao voar dos labios um *bravo* como esses muitos que ainda hontem foram de victoria ao grande prestigiador da Allemanha.

Herrmann não é um homem que se admire, e menos um homem de quem se falle. Herrmann é um homem que se queima. Se ha ainda uma inquisição no mundo, que fuja d'ella o malsinado artista. Se ha ainda um povo escravo, elle pôde melhor do que Moysés salvá-lo, attestando a sua missão divina por maravilhas. Herrmann não carece de esperar no deserto pelo apparecimento de um rochedo. Herrmann dá de beber ao povo israelita de uma garrafa inexaurivel como o Oceano. Á voz de Moysés surgiram cobras verdadeiras a morderem nas dos magos. Herrmann mata e resuscita as aves; duplica e some alimarias vivas (a) como faria desaparecer os proprios magos, e extrahiria das respectivas ventas de Pharaó dusias de grosas de milhões de cartas. Herrmann, depois de empalmar a vara de Moysés, convencel-o-hia de que, se o grande legislador estava encarregado de uma missão especial juncto da côrte do rei do Egypto, elle era o ministro plenipotenciario do Senhor Deus de Israel, juncto de todas as côrtes. Herrmann tem o dom dos milagres. Em epochas de menos moralidade seria ou consummido no fôço, ou faria ruinas as religiões existentes para levantar sôbre ellas uma crença universal.

Herrmann, se se quizesse fazer seguir das multidões, renovaria o deslocamento d'essas massas que assombraram o mundo, e que os pequenos acontecimentos de uma edade envelhecida nos convidam a suppôr fabulosas.

Se Deus nos fez a todos á sua imagem, multipla é a imagem de Deus.

Um homem d'estes tem alguma cousa de grande e pouco vulgar no resto dos homens. Herrmann prova que o espaço é um absurdo; que a materia não é impenetravel; que os olhos não são o orgão da vista; e a concepção intima, a ideia, isso é-lhe a elle tão legivel como um cartaz de theatro, ou o annuncio em parangona de uma Encyclopedia. Se ha ahi palavra de explicação a essas tantas maravilhas com que os segredos d'aquelle eximio talento nos avassallam o espirito e os sentidos, será essa então a chave da philosophia de Heggel: no mundo ha só a ideia. Eis o que eu penso de Herrmann. Parece que não pensou cousa muito differente o Conselho da Academia Dramatica, que, na palavra, incisiva mas eloquente, do seu illustre coronal, o sr. Firmino de Magalhães, dissera ao sympathico professor estas curtas phrases de que prefaciára a offerta de uma bonita corôa:

«Herrmann,

«Le Conseil de l'académie dramatique vous offre cette couronne; elle est bien modeste, mais c'est l'expression sincère de la reconnaissance qui restera toujours gravée dans nos coeurs. L'académie ne vous fait pas d'éloges; l'europe entiere s'en charge».

Herrmann, poeta como prestigiador, enviava, a cabo de alguns minutos, ao camarote do Conselho o seguinte agradecimento prêso aos pedunculos de tres formosissimas camelias, em que o heroe de Dresde transsubstanciára uma pomba que igualmente lhe fôra presenteadá:

«Messieurs les membres du Conseil de l'Académie Dramatique de Coimbre. Que le pigeon, messenger de votre satisfaction et de votre sympathie, soit aussi le porteur interprète de la gratitude que je ressens au fond du coeur, pour toutes les bontés que vous m'avez témoignées par votre accueil généreux que j'emporte de Coimbre, comme le meilleur souvenir recueilli dans mes voyages. — Recevez, Messieurs, l'expression de ma sincère gratitude et de ma haute considération. — C. Herrmann».

(a) Alimaria é o nome generico de todos os brutos.

E o delirio, a febre, o extasi, etc...

Este *etc.* não tem pertença leve de parecer-se com aquelles muitos de Lord Byron, em que o atrevido yate, nas suas horas de ferocissima ironia para a sociedade que lhe era falsa, deixava roer os molossos escanifrados das pragmaticas classicas.

E é certo que a terçã do inthusiasmo dobrara de estremecimentos nos que foram dias depois ao theatro academico a victoriar, não o grande artista da Allemanha, mas o filho dilecto da humanidade.

Herrmann promettera transmudar em berço de flores muita esteira de espí-nhos, que devia de ser vaticinio precursor de desgraça a alguns enteados da fortuna. E asselára este promettimento com a dadiva de dois contos de réis á sociedade Philantropico-Academica. Por isso quando Herrmann assomou no palco era tudo aquillo uma vertigem de applausos. Palmas, bravos, discursos; flores, grinaldas, diplomas; rôlas, pombos, versos, tudo a granel lhe cahiu aos pés.

Parece que tambem lhe cahira em igual sitio, d'um camarote do lado direito, de envolta com algumas rosas, uma cousa que Herrmann apanhára no coração, se lá houvesse porto para dois amores.

Foi commettida ao ultimo dos membros d'esta nobre corporação academica a gloria de subir ao palco para offerecer, em nome d'esta, uma medalha de ouro ao illustre professor.

O indigno mandatario fallou assim:

«Monsieur Herrmann.

«L'académie de Coimbre ne pourrait être l'unique à rester muette devant les splendeurs de votre admirable talent. De tous ceux que vous voyez là bas, émerveillés de votre génie, j'étais assurément le dernier digne d'un tel honneur; mais la franchise et l'enthousiasme sont de tous les esprits, et cette medaille modeste n'a plus d'aspirations. C'est un hommage à l'harmonie de votre intelligence et de votre coeur, les deux liens de votre nature excellente.

Demain, les larmes du regret. Aujourd'hui, les lauriers de la gloire.

Demain, la prière du pauvre. Aujourd'hui, les saluts d'une académie de vingt ans».

Herrmann respondeu com abraços e lagrimas. A Miguel Pedroso, e ao humilde signatario d'esta chronica, coube a honra de colher tão valiosa recompensa.

E o delirio, a febre, o extasi, etc...

Cahiu o panno. Passeie-se agora o oculo ao derredor d'estes camarotes.

Aqui está uma senhora, de nobre linhagem, para quem ascende a primeira nota do nosso cultó. É bella e insinuante como um traço de Canova; é mages-tosa e humilde como um olhar de Maria Stuart.

Alliam-se n'aquelle todo as virtudes de uma nobre existencia; humildade e orgulho, castidade e belleza, saber e modestia. Impõe-se aos nossos acatamentos aquelle vulto, grande pela physionomia, maior pela alma...; pela alma, digna das famas e recordações nobilissimas, que lhe enriquecem os pergaminhos; pela physionomia, credora dos extasis do homem de mais puro e elevado sentimento que haja ahi.

Physionomia terna como caricia d'anjos, resignada como lamento de ave que se dóe, palida e mesta como a luz do sol posto, melancolica e triste como o echo das rapidas venturas d'essa noiva infeliz, cujo nome lá lhe repercute de hora em hora por sobre as cúpulas do seu palacio. Era linda e magoada como uma pagina de Ovidio.

Vinte e duas primaveras que porventura terá vivido a companhia das memorias de Ignez, são outros tantos crepusculos de tarde, longa, placida, serena, como de quem se não arreceia da noite que vem cortando já pelas alturas do céu.

Ha um não sei que de tristemente prophetico n'aquella physionomia de anjo, e de martyr...

É como a rapida aurora de um longo dia de inverno,

É como a penultima nota de um cysne moribundo,

É como o revibrar magico de uma harpa colia, que só vaga por soidões.

Eu admirei-a, admiro-a, sempre que a vejo, como o prodigio de um grande artifice suspenso sobre a terra.

E na mortalha d'essa pobre imagem se me gelaram os outros enlevos todos que debalde tentei levantar do espirito já embriagado...

Os meus amigos segredavam ao lado:

— Remonta o oculo á segunda ordem. Olha, vê como ella está bonita ainda! A grinalda do noivado descingiu-lhe a fronte das camelias brancas com que ainda hontem o anjo nos vinha aqui sorrir a todos. Bonito symbolo da saudade!

— Mas alli ao pé rebrilha sempre de novo fulgor aquelle outro rosto, fresco e viçoso como a laranjeira de Madrid. Não te magões, mas a tua estrella d'alva esváe-se nos clarões d'aquella aurora.

Victima do estylo levantado dos dois interlocutores, assestei o meu oculo para o alvo d'elles. Pensei comigo: entre as duas o poeta não hesitaria; nem o homem. A escolha estava feita. C... é a alma, Z... o corpo.

E começava de embalar-me n'estes ocios de imaginação frivola quando uma outra voz estremecida de inthusiasmo:

— Oh, aquillo sim! É vel-a e suspirar. É uma nota caída das harmonias celestes, é a penna de uma ave do Paraiso, é a authora do *Somno da infancia*, é uma poetiza!

Eu devêra ter commettido este penoso officio de chronista a um dos muitos admiradores cosmopolitas, que conheço. Esta minha alma é uma alma vil, é uma alma pequenissima; enche-a qualquer coisa de immenso amor. Fartam-na os folguedos da creança, a toada triste de um regato que se esquivava por devezas, o lyrio cahido do recosto da montanha á beira da estrada. Eu bem sei que se não deve metter n'estas andanças quem não tem no coração um hospicio, que valha pelo menos tres tendas de arraial, onde em aperturas d'estas deparem cuidados e diligencias todas as devotas; mas que querem?

Se ahi houvesse animo atrevido com denodo bastante para vir vergar os hombros ao braço d'esta cruz?

Não ha. Acabaram os martyres devotos. O homem de juizo não troca um minuto da sua esteril ociosidade pelas atribulações inglorias de um chronista que fomenta com vigílias calúmnias de covardes, acintes de ignorantes.

Minha leitora amabilissima, intelligentissima e perspicacissima, que exagêro de complacencia é esse com que v. ex.^a degenera o seu ouvido casto nas practicas incivis de uns palermas que por ahi andam a polear-lhe a paciencia com chocarreiras tolices, pelo simples e inculpado motivo de lhes ter denegado uma viciosa educação as primeiras noções de civilidade?

Porque lhes não repete v. ex.^a, a cada um, estes versos de Joanna d'Arc:

Où suis-je? ô ciel!...
Qu'ai-je entendu? par saint Luc! par saint Marc,
Est-ce mon âne? ô merveille! ô prodige!
Mon âne parle!...

Pois não as incommodam esses inxovêdos, minhas senhoras? — Não? — Então hão de ser victimas, como a grande heroína, do seu embevecimento; e é de força confessar-lhes, leitoras minhas, que, enquanto os não polir o triplice condão da vossa amabilidade, intelligencia e perspicacia, tereis sempre chronistas insulsos como este que ora vos falla. E a razão é porque os muitos de talento e gôsto, que bem poderam dizer-vos lindas coisas, esses doces aos avisos de melhor tino, fogem e acolhem-se com os seus gloriosos manuscritos ao fundo do socegado gabinete d'onde uma outra perspicacia aguarda a feliz monção da gloria. Que thesouros para a historia do genero humano se um dia se sacudisse o *pulverem olympicum* d'algumas gavetas de pinho azul, onde o egoismo do genio tem soterrados os titulos de muito triumpho espoliado pelo silencio á humanidade!

Não deixo no escuro a palavra de um amigo meu, ao sairmos ambos da platea n'uma das primeiras récitas. Ouvi-lhe perguntar: «Sabes, tu, quem falta ahi n'essa frisa, n.º 9?»

— Sei; é a formosa caditana que lá esteve ha quatro dias; porque não veiu?

— «Porque lh'o não permittiram os membros do Conselho. Defendem-se elles com os interesses da casa. Dizem que muitas senhoras fugiriam de se vêr juntas de uma reputação suspeita. E eu digo-te aqui muito á puridade: necessidades de um theatro particular. Exquisitices de uma terra pequena e de uma sociedade pequenissima. Nos templos tudo se ajunta, e niuguem se confunde: todos entram e saem, e entram e saem com o que levaram de casa. Nenhuma senhora, nem de Coimbra, nem de parte nenhuma deixa de ir a S. Carlos com medo de lhe ficar no camarote mais que o pó dos seus pés. Os homens serão sempre o que as mulheres quizerem, disse Rousseau; e a justiça será sempre o que os homens quizerem, diz toda a gente, e digo-o eu.

Que horror é esse pela mulher que para se enlaçar ao destino d'um homem não passou pelas formalidades da mãe-avó?

Aquella menina porta-se em público com a dignidade d'uma educação austera, e até com uma elegancia que a distingue.

Se ha alli nodoa, a vida intima pertence a Deus; e n'este mundo o justo pecca sette vezes no dia. Christo que não via com os olhos da carne, e que na frase da Escriptura esquadrinhava os rins: Christo, para quem a alma do homem era objecto palpavel, e este involucro de barro crystal purissimo; que viu elle em Magdalena?

Muito amor!

E Magdalenas ha muitas. Mandasse elle de novo atirar a primeira pedra, e diante da Samaritana caíra muito braço sem força.

É pena que bastando a natureza das coisas para se viver n'um valle de lagrimas, o homem se ponha ainda pela parte do nosso máu destino, e os corações se empenhem em alimentar ciumes e desamores, quando o mais doce dos affectos humanos é o perdão e a benevolencia.

A *Floresta do Mondego* continúa a ser o confluyente do mundo elegante d'esta terra, o *Regent Street* das vaporosas sylphides da Athenas lusitana. Haverá alguma razão philosophica que explique aos pechosos a alta utilidade d'este facto incontestado? Diga-se o que aquillo é, e tirem depois os corollarios que quizerem.

A floresta do Mondego, salvo melhor definição, é um empacho á civilização d'este seculo. Maravilha ao observador menos escrupuloso o vêr a freima com que a *alta sociedade* d'esta terra (fallo sério) se afana para ir alli beber as frescas brisas da tarde, quando, diga-se de passagem, aquellos amphitriões, que por lá andam, lhe não servem em saburrosa salva um ventruado copo de limonada, que prova bem a ingenuidade com que se escreveu acima esse parenthesis. A gente sensata, que ouve os gordos elogios com que alguns peralvilhos cá da terra pretendem pôr na plana dos homens benemeritos um austero sementeiro do feijão carrapaço, sente guinadas de perguntar se aquillo será a lastimosa conversão d'algum antigo paraíso mal fadado como os jardins de Armida.

Não se descrevem, nem podem aquilatar-se os attributos d'aquella coisa, a que uma gerencia inválida impede nas contumazes tendencias de ser ainda uma moita ubertosa de serpós e coentros. Antigo retrete de podres beldroegas, resurgiu aquillo, ao influxo da vara magica do sr. Domingos Maria Pereira, com ademanes e feitiços de um quintalejo de hervençaes.

É um capricho de zigzags, uma fieira ininterrupta de sendas envencilhadas, uma tal meada de labyrinthos inredados, torcidos e inextricaveis, cujo computo resvalla ao olho do mais atilado analysta. Chama-se aquillo *Floresta*.

A de Bondy acoitava assassinos que ás vezes matavam o viajero que se atrevesse a devassal-a, mas não pedia dinheiro á entrada nem insultava lá dentro os incautos que por ella se entranhassem. Vou explicar-me.

Na floresta do Mondego, mais temerosa para algumas naturezas tibias que os bosques druidicos, ha uma secção de terreno, logo á esquerda do espaçoso adito, onde o bosque se embastecé de tal maneira, que chega a ser medonho para os espiritos desajudados de animo, e influidor de visualidades pavorosas nas ima-

ginações assustadas das senhoras, que para alli vão desaperebidas de nomina contra alvedrios do espirito ruim. São, vistas de perto, algumas pavêas de milho, que maisnam para o futuro o holocausto d'aquellas outras bellezas desingadas d'alli pelo sovínismo crú do proprietario. Tem sido incomportavel ao orgulho malsofrido dos fidalgos d'esta terra, que o sr. D. M. P. receba no celleiro dos cavallo da sua casa as senhoras dos seus patricios.

É duro de ouvir n'aquelle purgatorio a algazarra de uma orchestra de en-diabrados *executores*. São carrascos provados que não tremem ao manusear o terrivel *instrumento* de morte.

O sr. Domingos, alijava das costas a carga da censura se um dia nos regallasse a vista e os ouvidos, já exuberantemente penitenciados, com o sacrificio d'aquelles macrobios castigados nús em tufos de espinheiros, que podiam, sem desdouro para o edificio, substituir aquellas voluptuarias couves pencas, onde se desfadiga a vista cansada do hospede adventicio.

Domingos Maria Pereira é um nome como se não encontra outro nos heroes eleitos da humanidade. Nos *homens illustres* de Plutarcho não ha nenhum que o valha. É por si uma ode e um poema, uma ecloga e um romance, uma tragedia e um drama. Jules Janin, antes de Victor Hugo escrever o prefacio de Cromwell, e tomar a si os destinos da arte dramatica, desenconchou de um theatro de Paris o nome de um homem que ha de ser eternamente a desesperação de todos os nomes predestinados. *Guilbert de Pixérécourt* é o venturoso mortal de quem fallo. No dizer da critica franceza, as vogaes e consoantes d'este nome fizeram conchavo commum para darem aquelle resultado sonoro e retumbante. D. M. P. é o rival do grande tragico d'além dos Pyreneos.

Nome herdado de avós, com todos os esplendores de uma gloria patronimica, D. M. P. é ao mesmo tempo um cantico de lagrimosas saudades, uma historia de gososos avoengos.

O estylo é o homem, disse Buffon. Domingos Maria Pereira é um nome que revela pachorrenho descanso, instincto religioso, esperança no futuro e amor á fructa. O senhor d'estas joias é tudo isso. *Guilbert de Pixérécourt* acordou um dia aos arruidos do seu nome, e jurou vingar-se da tumultuaria ideia do padrinho, fazendo estalar de dôr os corações de toda a França. Escreveu tragedias infernaes, horriveis, tetricas e excruciantes. D. M. P. sorriu do alto da sua magestade remansosa ás ideias comezinhas do perfido francez, e, estimulado pelos mysterios jovias do seu nome auspicioso, promete obrigar o seculo afflicto a desentranhar-se em gargalhadas.

D. M. P. entesta com as avolumadas creações do seu antagonista e diz d'ellas o que *Guilbert de Pixérécourt* dissera das obras de Sophocles n'uma hora de mordentes e allucinadas ironias: *La belle affaire!* — Dito isto, impa as bochechas, toma folego e escreve um idyllio estupendamente picaresco nos parreirae da sua horta. Logrou o amaldiçoado intento. Mas já que a Providencia o dotou com tão invejavel nome, faça pelo menos o sr. Domingos algumas modifcações no seu quintal, por gratidão mesmo áquellas meninas que alli vão refouçar á competencia de qual lhe tornará mais bonita e graciosa a sua vivenda.

Aquella excrecencia devotada a Ceres, e reveladora de instinctos broeiros, de que acima fallei, desserve principalmente, no meio d'outros aleijões, a sua reputação de homem de gósto.

Folgáramos que alguma boa alma se lembrasse de ir deletrear ao sr. Domingos Maria Pereira estas linhas de sisuda reflexão. E tome-as o progressista conimbricense á boa parte se não quer ainda em vida assistir aos funeraes da sua nomeada.

Appareceu alli uma coisa com o programma de café-concerto. Á luz d'este titulo tudo aquillo é d'uma lastimosa indigencia. Figuras, vozes, musica, tudo, emfim, se levanta refractario contra as investigações d'uma critica sisuda. Já tive coegas de descobrir n'aquella feiticeiria toda um imbuste do hospedeiro que pertendeu assim espantar o pardal atrevido e vezado a depenicar-lhe o cebolinho e a tronxada. Affigram-se-me ainda outras coisas; mas impõe-me silencio o mesmo ponderoso motivo que obrigou á caridade o espirito philantropico d'este

publico altamente benemerito. Calam sarcasmos aonde fala a necessidade de esmoliar infelizes.

Chamo apenas á auctoria da chronica aquelle somnambulo que de lá nos surdiu d'entre as sanefas do tablado, desconfiado e trémulo como a sombra d'um peripatectico. Cahiú alli para nos atanazar o ouvido paciente com as guinadas d'um *cravo*, a que o programma impudente denominara piano. Não conheço aquelle senhor. Dizem-me que é da terra. Dou-lhe os parabens, e aconselho-o a que tome juizo, não sacrificando os coeiros de Thalberg embrionario ás capoeiras do sr. Carólo. Se fôr teimoso ha de ser victima de si mesmo, e o incenso da hecatombe, subido até ás ventas do sr. Domingos, volverá em espirros avessos ao elixir de tanta gloria e abnegação para a terra, cuja é, no dizer das minhas informações, o heroe que na cegueira do entusiasmo vira costas ao rosto envergonhado das senhoras.

Dutocq Carvalho podia tambem, sem desvaler um apice no seu abundoso diploma de artista eminente, deixar de remissa para as suas patricias aquellas evoluções arriscadas das suas bayonetas, com que se abalam de medos e sustos os corações das meninas timidas. D'aqui lhe agouramos já uma visagem pavorosa na cara de todos os bilheteiros, se nos não fôr accete a conscienciosa sentença.

Vem aqui muito a ponto o responder a um articulista do Nacional, que descobriu n'um pobre discurso, proferido por nós no salão do theatro academico, ironias e não sei que mais. O que eu lá disse foi isto:

Meus senhores

Cumpre-me antes de tudo agradecer com o mais profundo sentimento do meu coração o afan e a delicadeza com que vós, porventura a parte mais illustrada da academia, correstes açodados a um chamamento, onde estavam empenhados os vossos brios, a vossa honra, o vosso cavalheirismo, e o vosso bom nome. Repito n'esta ultima palavra o motivo essencial do meu convite. E perdoae-me se houve n'isso indiscripção.

Eu pensava que era esse o segredo de provar a estreiteza d'estes muros, e o acanhado d'este recinto. Vibrei para isso na vossa alma a corda que ella tinha mais sensível.

Venho aqui, senhores, a cumprir uma missão, que é digna de vós, que é honrosa para mim, que é altamente nobre para o cavalheiro que m'a commetteu.

Antes de vol-a apresentar, porém, permiti-me, senhores, o prefacio de duas palavras.

Não se tem chorado ainda lagrimas bastantes de saudade, que valham a obliterar do coração d'um de nós, o nome do homem que ahi veio hontem provar-nos que essa creatura de barro, de que se tem alimentado os epigrammas e as satyras de tanto escriptor falso, é realmente uma grande creatura, quando ella se chama Charl Herrmann. Relevae-me pelas minhas boas intenções, se vos magóo na cicatriz d'uma saudade ao acordar d'este nome. Eu li no mesmo livro, em que vós todos lestes, que a saudade é um espinho acerbo, mas da mesma fonte soube que d'esse espinho o pungir é delicioso.

Não venho falar-vos do artista. Deante d'este estaes de ha muito plena e largamente desempenhados.

Aos vinte annos nem se mercadejam as palmas nem se prostituem os bravos.

Victoriastel-o assim. O triumpho a que aspira Herrmann, e os artistas da sua plana, é ao que parte d'um coração imbevecido em enthusiasmos. Talma, vivo, que ahi viesse não pertendera a mais.

Fallo-vos, senhores, da outra metade da divida. Da que nos pede de longe, não o artista, mas o homem, o cavalheiro, franco, generoso, rasgado e nobre.

Quando Herrmann, no seu ultimo abraço de despedida, travava comsigo mesmo um dolorosissimo duello entre as lagrimas que lhe jorravam das palpebras, e a palavra que lhe morria estrangulada em soluços na garganta, o grande artista teve um momento de grande heroismo, dominou-se na sua propria dôr, e pediu-nos a nós, que eramos tão expansivos em lhe conferir loiros de gloria, que o fossemos igualmente na caridade, em proteger infelizes, nós, filhos da sciencia, filhos da arte, e por consequencia irmãos dos desvalidos da sorte, que elle impu-

nha ao nosso agasalho. E nós abraçamos a ideia, como cavalheiros dignos do cavalheiro que nol-a propunha, perfilhamol-a com um brado simultaneo, onde vinham confundidos estes grandes sentimentos, o da nossa generosidade, o da nossa caridade, o da nossa admiração perante aquella sublime natureza, que descia os olhos das corôas que nós lhe collocavamos na frente para os descer até ao razo do pavimento onde humedeciam as lagrimas d'alguns enfeitados da fortuna, e para depois nos dizer: protecção para estes, que são ermos de affectos, caridade para estes, que são ermos de gloria. Não os humilhem essas flôres que me engrinaldam no triumpho.

Foi este o ultimo desejo, a ultima vontade, o ultimo pensamento d'aquelle tão bem formado coração para quem eram poucos os minutos, quando elle se lembrava de os contar por acções generosas.

A academia, quando lhe não restava de Herrmann mais que uma saudade, como cumpriu o seu promettimento?— Como era de esperar; d'um modo digno d'ella, digno dos seus brios, das suas famas, da sua honra e das suas tradições. Nos passeios, nas ruas, nos nossos gabinetes de estudo, em toda a parte se discutiu o melhor meio de solevar de nós o pêso d'esta divida.

Transverbava porém um tal ou qual descorçoamento n'esse discutir, reflectia-se um como desalento no conversar de tal assumpto. É que a academia impeçava em estorvos e difficuldades ao traduzir na practica os seus bons desejos.

Eu, senhores, fui o primeiro a descorçoar, eu fui o primeiro a contaminar os outros do desalento que porventura germinou em mim.

Mas em resalva da minha culpa, venho hoje trazer-vos o remedio que pôde curar-nos a todos.

O remedio, senhores, vem n'esta carta, e n'esta bolça. Permitti, senhores, a leitura d'este documento honroso para nós todos, porque é d'um nosso irmão.

« Amigo Vieira de Castro,

« Herrmann — que é para nós um nome de familia — recommendou á Academia, representada no conselho do theatro os artistas do café concerto: artistas, como é publico, fraudados vergonhosamente em Portugal.

« Esta recommendação não passa no espirito d'Herrmann d'uma simples recommendação; mas as pessoas que assistiram a este facto, e todos quantos mais tem chegado ao conhecimento d'elle, não podiam deixar de lhe dar uma traducção mais lata.

« Tres foram os meios suggeridos para chegarmos a esse fim: uma récita no theatro, um Beneficio no Hotel-Mondego — e uma subscripção.

« Entre as difficuldades que se apresentaram para a adopção de qualquer d'estes tres meios apparece uma cuja soluçao — por uma feliz coincidencia — ousou pedir aos meus amigos e condiscipulos licença para remover senão no todo, n'uma pequena parte.

« Tomo esta liberdade para com os meus collegas e amigos, por não ser possível hoje em Coimbra adunar a brevidade d'uma cobrança com a pressa do pagamento.

« Accredita nos sinceros sentimentos que professo pela dignidade da corporação a que pertenço.»

É um cavalheiro, senhores, que nos offerece o seu oiro para resgatar-mos com elle uma palavra sagrada. Cavalheiro como o sabe ser todo o homem de alta educação, o meu amigo está longe de vos querer violar n'um compromisso de honra, e de arrogar a si uma gloria que é de vós todos. A divida paga-a elle hoje, paga-a em vosso nome. Reembolsae-o vós, quando quizerdes.

Eis, senhores, cumprida a minha missão.

Sede vós agora a enchugar lagrimas, a mudar prantos em risos, a trocar magoas por alegrias. Não vos faltam n'alma os segredos de agasalhar a desventura, sem a humilhar.

Cálo, senhores, o nome do cavalheiro, de quem sou indigno delegado, porque na secretária d'onde sahio este dinheiro ficou hypothecada a minha palavra de honra para o não divulgar.»

Ora se aqui ha ironias, então *cebolorico*...

O dia de Nossa Senhora da Conceição foi para a-Universidade um dia de ple- nos regosijos. Ao archivo das suas glorias passaram os nomes d'aquelles mance- bos, a quem o estudo e o talento conquistaram honrosos diplomas de distincção academica. Mestres e discipulos abraçaram-se, n'aquelle dia, dignos uns dos outros.

A classe do Instituto abrio tambem no dia 17, por uma brilhante discussão, as suas tarefas d'este anno. Ouvi discursar com proficiencia, com amor e intlu- siasmo sobre a possibilidade de rejuvenescer o theatro academico do seu antigo brilho e esplendor. Não havia preferencias alli. Todos os oradores se elevaram á alteza do assumpto.

Ao escrever d'estas linhas, correm já a desfadigar-se nos collos maternos, das pesadas lucubrações da sciencia, alguns dos meus amigos. Vão todos com santas disposições de ajoelhar reverentes á rodoma do Deus-menino.

Coimbra passa portanto a resonar quinze dias, ou mais, até que a sineta do senado, para quem ella transcura os seus interesses, se lembre de a chamar de novo á vida e ao tumulto.

Coimbra, Dezembro

VIEIRA DE CASTRO

ATHENEO

PERIODICO MENSAL SCIENTIFICO E LITTERARIO

PERIODICO MENSAL SCIENTIFICO E LITTERARIO

REDACTORES

Camillo Castello Branco — A. C. Vieira de Castro
A. Victorino da Motta

PRIMEIRO ANNO



A publicação do ATHENEO sera continuada em series de oito numeros. A primeira serie delimita-se com o mez de Outubro de 1839 e o mez de Maio de 1840.

Distribue-se no ultimo dia de cada mez.

Assigna-se e vende-se; — em Coimbra e no Porto nas lojas de Sr. More; — em Lisboa na Livraria Central, rua do Ouro n. 113; e em todos os srs. Comissarios da Imprensa da Universidade.

N. 4

Assignatura, por cada serie

Em Coimbra	1200 reis
Provincias	2500
Ayuso	300

CONDICAOES

Toda a correspondencia sera dirigida, littera de porte, ao Ill. Sr. Olympio Nicolau Ray Fernandez — Coimbra

Impressão da Universidade

O ATHENEIO

PERIODICO MENSAL, SCIENTIFICO E LITTERARIO

PRIMEIRO ANNO

31 de Janeiro de 1850

N.º 4

SUMARIO

LIA.	A C. C...., <i>poesia</i> , por João de Deus.
O PHILOSOPHO DE TRAPEIRA, <i>romance</i> , por Camillo Castello Branco.	HISTORIA E CAUSA DA DECADENCIA DOS BONS ESTUDOS, por Antonio Nunes Ribeiro Sanches.
ALCYNA, <i>romance</i> , por J. C. Vieira de Castro.	UMA HISTORIA, por Antonio Victorino da Motta.
MARIA, <i>poesia</i> , por Antonio Victorino da Motta.	CHRONICA, por J. C. Vieira de Castro.

32A

•Klopstock!•

VERTHER.

•Desalento!•

A. A. (*Meditações*).

I

Pegue o leitor em Eva, e lance-lhe por cima a tunica de Christo.

Ahi tem Lia.

Era uma tarde. O sol paira sobre a montanha: e em espadanas de oiro, escreve pela abobada do templo unico, na lingua de todos os povos, o nome ineffavel de Deus!

Adeus! nos acena elle a todos, ricos e pobres, escravos e senhores, felizes e infelizes.

Adeus! nos diz elle na lingua silenciosa do coração.

Adeus, filhos do pó! adeus, filhos da luz! adeus, filhos da terra! adeus, meus filhos!

Outros me esperam: deixo-vos.

E a ti, operario infeliz; allumiem-te agora os olhos dos teus filhos, esses em que só bebes um riso de verdadeiro amor!

A ti, homem dos mares; a ti, que ainda achaste no globo um canto livre; a ti, allumiem-te o norte e o sul.

E a ti, victima do amor, poeta! meu filho prodigo! allumiem-te as estrellas moveis do céu!

Renegado da patria e da familia! Cain mechanico, que serves só de fazer os homens escravos, e os reis tyrannos; a ti, soldado! o mais desprezivel dos homens... allumiem-te os tectos e os campos incendiados de teus irmãos.

E a ti, alma virgem, coração por abrir; donzella, toda pejo e toda amor, vago, impalpavel, ethereo como a luz e como Deus! a ti, allumiem-te os anjos e as aparições celestes dos teus sonhos! —

E á similhaça de Deus, innublando-se no Synai, para falar a Moysés, o luminar do dia, abaceado pelos vapores do mar, já permittia ajustar-se-lhe em torno um anel de gigante.

O diametro media-se-lhe, como se mede a palmos a testa do leão moribundo; e baço, froixo, no fundo de quatro planos de montanhas, por onde o verde-escuro se ia progressivamente desgraduando até ao azul desmaiado do céu, como se a natureza quizesse dizer que a morte confunde tudo, o sol... desconhecel-o-hieis.

—Vem ver, diz Lia. Lembro-me da ultima benção de minha mãe sempre que o sol nos deixa: e a tarde que o eu não contemplo ao despedir-se, não sei como o dia se passa, que a noite surprehende-me. Vem ver! passo pela memoria aquelles versos teus!

—Meus?

—*Paz, meu Deus, áquella martyr...*

—Lia, a memoria é-me infiel desde que ás folhas dos livros preferi as das arvores.

—É a minha oração da tarde: digo-a sem sacrificio... queres?

—Da tua bocca tudo me é doce, Lia! —E ella como prevenindo lagrimas importunas, calcou as palpebras com as pontas dos seus dedos, e pondo os olhos no clarão posthumo do sol:

Paz, meu Deus! áquella martyr,

Martyr humilde, que chora,

Só, callada em sua angustia,

E, inda assim, soffrendo, adora...

—Não tenho a minima ideia, mas é uma razão de mais, dize?

—Se não são teus não digo.

—Eis ahi, Lia, uma razão de menos.

—E ahi está uma expressão equivocada que podia ter uma significação profunda...

—As expressões, Lia, que podem ter uma significação profunda, afferem-se pelo coração. Aqui, ha um nome em relevo...

—E na minha alma um outro.

—O de tua mãe?

—E o teu!

—Lia!

— E o amor é para mim um sentimento sacrosanto. Se eu uma vez o profanasse pela mentira, teria commettido uma impiedade, acreditas-me?

— Como nos livros sanctos, Lia! juro nos teus labios como no Evangelho de Christo.

— E todavia, meu irmão e meu filho... realmente, que hei de eu chamar-te? Todavia, eu sinto que este amor te é inutil!

— Inutil, Lia? Não aspiras tu no meu amor um só allivio? Não te excita elle um sorriso sequer n'esse crepusculo da tua saudade continua? Não viste nunca, na tua sombra, uma alma que te segue, e beija o vestigio dos teus pés, como os degráus d'um altar?

Inutil! Inutil, porque é santo como a tua alma e ingenuo como a innocencia! Lia! não ha um amor inutil, como não ha uma religião impia. Inutil é um termo profano que é blasfemia ajuntar ao que é de Deus. Inutil, Lia, é o amor simulado da prostituição.

Quando nas regiões mysteriosas do futuro, minha alma simples como um atomo de luz, lá aonde já este involucro fragil nos não prende ás baixesas da vida... se ahí uma vez nos encontrassemos, Lia, eu supplicára a Deus ainda a companhia da tua alma como uma benção. Vês?

— Vejo: vejo que sim, mas tambem sinto e vejo que a estrella do teu destino ou se perdeu ou se innublou: que ha em ti só essa meia ventura do que sonha delicias; que o horisonte da tua vida é, como este, sem estrelas e sem flores, desallumiado, incerto. Não és feliz! e eu, eu que sou o espelho da tua alma...

— Como eu da tua, anjo da minha guarda! supplica a Deus resignação para a dôr; confia em que tua mãe gosa maior felicidade no céu que n'este mundo; enceta como as aves o dia por um canticó, e ver-me-has feliz. Vejo-te nos labios o sorriso ficticio da tua imagem no espelho; vejo que cada nota do teu canto é um gemido, cada palavra um ai, cada fôlego um suspiro: e eu, Lia! eu que te amo como em menino amava minha mãe, como hoje a amo ainda, a ella e a meu pae e a meus irmãos; eu que te amo, como tu amas a virtude, e os anjos a Deus, e Deus seus filhos... Lia!

— Eu não quizera nunca intristecer-te; mas sendo tu a unica luzerna d'este carcere, has de me perdoar! A quem hei de eu mais dizer que amo? A quem direi eu mais que sóffro? A imagem de minha mãe é muda como a imagem de Jesus. Quando eu só respiro aqui, o pavimento nem range debaixo dos meus pés, e os meus vestidos parecem os d'um phantasma. Eu desconfio ás vezes de que existo. A minha harpa intristece-me como as ondas d'uma praia deserta, e o echo do meu canto lembra-me os gritos d'uma ave nocturna. Quando em sonhos me poisam nos labios os labios de minha mãe, os meus beijos apagam-se no vácuo, e acórdo para não tornar a dormir. Oh! quantas ve-

zes não tenho eu abençoado esse infeliz, que pôde de lagrimas formar a mais suave e melancolica harmonia do mundo :

Quando das minhas máguas a comprida

Maginação os olhos me adormece,

Em sonhos aquella alma me apparece,

Que para mim foi sonho n'esta vida.

Lá n'uma soledade, onde estendida

A vista pelos campos desfallece,

Corro apoz ella; e ella, então, parece

Que mais de mim se alonga, compellida.

Brado: não me fujais sombra beuina!

Ella, os olhos em mim, com terno pranto,

Como quem diz que já não pôde ser,

Torna a fugir-me...

E como a pomba esconde a cabeça na aza, ao escurecer do dia, Lia sumiu o rosto entre as mãos.

— Tens o tacto dos anjos para apalpar o bello! Esse gemido do poeta, accorde o mais delicado que ainda até hoje saiu d'uma alma dupla, nunca lhe avalei os incantos como agora. Conclue.

— Não posso.

— Choras?

— E é quando eu vivo. A borboleta não descança senão no calix humedecido da flor. O meu coração é a borboleta das lagrimas. Deixa-me pois chorar. É o meu balsamo. Deus deu ás flores o sol e as nuvens. Os nossos olhos são como as flores: se os não refrigerassemos, seccar-se-hiam.

E as lagrimas começaram a cahir-lhe d'uma em uma no seio, como ao sol posto as estrellas se derramam no céu.

(No coruchéo da Batalha.)

O PHILOSOPHO DE TRAPEIRA

LIVRO I (a)

O Doutor Anselmo Sanches

Le soin que nous prenons de notre renommée
Répond de toute chose à la personne aimée;
Et c'est en nous qu'on trouve, acceptant notre coeur,
De l'amour sans scandale, et du plaisir sans peur.

MOLIÈRE (*Le tartufe*).

III

Entendem cordatos physiologistas que o amor, em certos casos, é uma depravação do nervo optico. A imagem objectiva, que fere o órgão visual no estado pathologico (b), adquire attributos ficticios. A alma recebe a impressão chimerica, tal como o sensorio lh'a transmite, e identifica-se com ella, a ponto de revesti-la de qualidades e excellencias que a mais esmerada natureza denega ás suas creaturas dilectas. Os certos casos com que acima se modifica a generalidade da definição são aquelles em que o bom senso não pôde atinar com o porque d'algumas sympathias exquisitas, extravagantes, e estupidas, que nos enchem de espanto, quando não é de inveja.

E tanto mais se prova (continúa a sciencia de muletas, até esbarrar na tolice) a referida depravação do nervo, que preside ás funcções da vista, quanto a alma da pessoa inferma, victima de sua illusão, nos parece propensa ao bello, conhecedora do sublime, e opulentada de dons e meritos, que o mais digno homem requestaria com orgulho.

Se me desarmam d'esta convicção, cimentada em desoito annos de experiencias e observações (c), não sei como hei de explicar o amor de D. Rita Emilia de Sousa ao doutor Anselmo Sanches.

(a) Vem do n.º 3.

(b) Pedese venia para o palavrório infatico, porque sem isto não ha sciencia, e a sciencia gorda aqui é uma necessidade.

(c) O auctor começou a observar e experimentar aos quinze annos.



Defendo-a d'esta vergonha como defenderia o réo do mais execrando crime. A allucinação, a perversão phrenologica, a demencia, em fim, explicam acaso, e deviam no maximo das vezes absolver a mãe que mata seu filho, o filho que mata seu pae, e a mulher que se dá em corpo e alma aos Anselmos Sanches.

Posto isto, dispensam as repugnantes conjecturas, que, tantas vezes, o pasmo e a compaixão me suggeriu, meditando no inenarravel mysterio dos amores de Rita e Anselmo. Indulte-se a infeliz em nome da depravação do nervo optico, em nome da physica e da pathologia, em nome da caridade evangelica, em nome de tudo que aconselha a lástima, a piedade, e o perdão.

Rita amava Sanches: acceitem o facto consummado. Francisco José de Sousa, illeso da enfermidade visual de sua mulher, via o doutor, qual a natureza o fabricára, feio, nauzeento, canhestro, mazorro, abrutado e refractario ás frechas do deus de Gnido. Embalde se cansaria a malevolencia, insinuando ao brasileiro, por cartas anonymas,—expediente em voga e creio que até inventado no Porto—a suspeita de que sua mulher encarava Anselmo com olhos menos judiciosos que os d'elle marido.

E a suspeita era já de si tão absurda, que não houve, no Porto, alma sufficientemente damnada que se atrevesse a inquinár a virtude de Rita.

D. Margarida Carvalhosa disse-me um dia:

«Vou contar-lhe uma injoativa novidade. Prepare-se para rebater um ataque de inveja...

—De inveja, minha querida senhora!? Vai v. ex.^a dizer-me que presentou o mais feliz dos mortaes com o seu coração... Invejo, realmente invejo...

«Calle-se; não se tracta de mim. É um escandalo...

—Ah! dissesse-me v. ex.^a logo no principio que era um escandalo... Ser-me-ia impossivel associar a um escandalo o nome de v. ex.^a Tracta-se de Guilherme do Amaral? de Cecilia? do barão de Bouças?

«Não, sr.; tracta-se d'aquella pudibunda Ritinha de quem o amavel poeta dizia que andavam inamorados os anjos.

—E os demonios, minha senhora. Diga, diga o que souber, porque eu, sem conhecê-la mais que o preciso para adoral-a, interesse-me em saber tudo que rescende d'aquella essencia angelica.

Margarida Carvalhosa descompoz-se a rir segundo o costume, e, já cansada, continuou:

«Pois o perfume da tal essencia angelica está sendo um perfume de arruda, meu caro romancista.

—Arruda, minha senhora! Queira explicar-se!

«Rita deixou de ser a cara metade de seu marido, e passou inteira para o doutor Anselmo Sanches.

—Calumnia torpe, sr.^a D. Margarida—exclamei, odiando n'aquelle momento a minha interlocutora, que eu julgava capaz de infamar a mais impecavel mulher.

Margarida tangeu uma campainha, sorrindo com ironica indulgencia.

«Venha cá, Josefa—disse ella á criada que entrava—Repare se a man está por perto.

A criada disse que a sr.^a baroneza estava no jardim.

«Conte deante d'este sr., sem acanhamento nem receio, o que me contou a respeito da brasileira.

E, voltando-se para mim, accrescentou:

«Esta criada sahiu ha tres dias de casa de D. Rita. Escute-a.

A criada hesitava; mas, animada pela ama, disse o seguinte com grande repugnancia:

— A brasileira... então que quer v. ex.^a que eu conte?..

«Como se chamava o amante de sua ama? disse Margarida.

— Era o sr. doutor Anselmo Sanches.

«Como soube vossê que ella amava o doutor?

— Como soube? soube-o porque eu era a criada do quarto da senhora.

«Aquillo é muito significativo, sr. Ernesto — disse sorrindo maliciosamente a familia do barão da Carvalhosa; e continuou: — E como tem vossê a certeza de que sua ama sustentava intimidades o menos innocentes possiveis com o doutor?

— Ora essa! a senhora está a rir! Pois eu não sabia tudo? De mim só se escondia elle; mas ella, quando o doutor começou a querer seduzir a pupila do sr. Sousa, chorava muito e desabafava só comigo.

«Conte lá essa historia da seducção da pupila. Como era isso?

— O sr. Sanches sabia que a sr.^a D. Marianna era rica, e disse á senhora que o melhor modo de continuarem a viver sem que o mundo desconfiasse, era ella consentir, e fazer com que o marido consentisse no casamento d'elle com a menina. Depois, a minha ama deu-lhe um desmaio, e esteve ás portas da morte. Quando melhorou, abraçou-se a Marianna, perguntando-lhe se o doutor já lhe havia dito alguma palavra a respeito de casar com ella. A menina entrou a chorar, e não dizia palavra. Isto mais affligia a minha ama, e ás vezes mettia medo vel-a em desespero. Tanto fez que a sr.^a D. Marianna confessou que o doutor a perseguiu quatro mezes, todas as vezes que a senhora não estivesse ao pé; e que vindo com ella uma vez de Guimarães onde fôra visitar umas tias...

A criada n'este ponto levou o avental ao rosto para incobrir que não corava; mas Margarida, relanceando os olhos d'ella para mim, e de mim para ella com um brilho de alegria só comprehensivel para as mulheres despenhadas, que folgam a cada victima abysmada com ellas, disse com imperio:

«Acabe a historia, Josefa.

— A historia está acabada, sr.^a D. Guilhermina — disse eu.

«Faltam os commentarios — redarguiu D. Margarida — em que tanta gente anda preocupada. Esta D. Rita, sr. Ernesto, quando me estendia a mão n'uma sala fazia-m'o com um ar de sobrançeria, que me incommodava como uma reprehensão. Ouvi-lhe muitas vezes, fallando de Cecilia, dizer com azedume: «Vergonha das senhoras.» Regeitou convites para bailes de certas senhoras que não aspiravam a sanctas. A mim me disse com pedantesco ar maternal: «Menina, as exterioridades, por muito francas e innocentes que sejam, bastam para condemnar. Cohiba-se de tudo que póde favorecer a maledicencia. Olhe que a honestidade não está sómente no coração; basta um olhar e uma palavra irreflectida para depôr contra as mais honestas intenções.»

De Marianna só lhe direi, que ainda ha quinze dias a vi com aquelle ar virginal voltar-se para a brasileira, que estava perto de mim na missa dos Clerigos, e murmurar palavras a meu respeito, que eu não pude comprehender. Esta criada estava ao pé d'ellas com um filho da brasileira, e ouviu o que eu não podéra ouvir; foi isto o que ella disse: «Aquella Margarida Carvalhosa tem uns modos tão improprios de menina solteira!» Ora isto, para quem oito dias antes, vindo de Guimarães, acceitára uma catastrophe tão estranha em menina solteira, não me parece critica muito justa dos meus costumes... Em quanto ao doutor Anselmo Sanches — proseguiu Margarida entremeando de frouxos de riso as palavras — esse deixou á habilidade do sr. Ernesto Pinheiro

avalia-o. Póde retirar-se, Josefa, que vem ahi a mamã. Venha logo vestirme... Vai hoje ao baile do visconde de Mesão-frio, sr. Ernesto?

—Vou, minha senhora. Não tinha tenção de ir, mas o doutor Sanches não é relação do visconde?

— Não sei, mas presumo que será. Todas as familias se hõnam com as relações do doutor. Não sabe que meu pae o julga modelo de juizo e probidade?

Entrava a baroneza da Carvalhosa, e com ella o commendador Tiburcio, amigo da casa.

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

ALBYNA

ROMANCE

CAPITULO III

meu virtuosissimo leitor nunca se forrou ao cumprimento d'uma promessa? Se me diz que não, desereio-o. E releve-me esta minha irreverenciosa incredulidade, em desconto do superlativo, com que se abre esta página, e que, a meu ver, não será o ultimo. Escreve-se este capitulo para ver se é possível desenguiçar o author d'umas dúvidas impertinentes. Não se póde soffrer por mais tempo os impetos da penna pertinaz em fazer umas considerações que ella pensa serem-lhe de proveitosa utilidade no animo público. É forçoso ceder uma secção extraordinaria á discussão do seu capricho; se, como todas as secções extraordinarias, não colher um resultado, sumir-se-ha para sempre nas fileiras de tanta desgraçada, que por ahi jaz esquecida nos cartularios de muito archivista, com igual vilipendio. Além d'isso terá para mais glorioso exilio, se quizer, o coito d'algum quinquilheiro; que por uns formigueiros, que me remoinham na cabeça, concluo sahirá este capitulo assim á laia de tenda imboncada de arames inviscados com que se apanha a innocencia incauta. Isto não é ter o leitor em conta de innocente. Eu não sou lisongeiro. É apenas uma imagem que obriga o author a pensar mais uma vez com tristeza n'uma idade a que elle, por desgraça, não voltará.

Deixemos por ora pois socegado no seu camarote o nosso Julio de Mendonça com o seu amigo Augusto de Sousa.

Eu nasci no Porto ha vinte annos... nasci, digo, porque penso com Sterne que é a unica coisa de que não posso duvidar. Vai dizer-se por que se archiva este glorioso nascimento. Julgou-se uma prevenção judiciosa a declaração do lugar onde vi a luz, porque se depois de morto não vierem sete cidades contender a posse do meu corpo, é muito para recear que o façam pelo menos sete aldeias circumvisinhas do burguez invicto, e assim deixo aos sabios este depoimento, escripto por mão propria, a prevenir excessos entre bacalhoeiros de cá e tanoeiros de lá.

Em deredor do meu berço cresceram muitas flores; flores que se geram espontaneas do primeiro alento de todo o ser, demagogo ou monarcha, plebeu ou principe, peão ou nobre; flores todas de esperança, de prazer, de felicidade, candidas como as lagrimas puras da aurora, que as reanima de instante a instante, porque os prantos do innocente são como o orvalho de perolas da arraiada d'uma nova existencia; flores todas de primavera, nenhuma outoniça; flores em fim que se erguem hoje viçosas, para amanhã se encostarem emmurchecidas á loisa do sepulchro... o segundo berço do homem.

Flores que se transformam em brinco de innocentes, como instrumento de morte, onde se não adivinham perigos nas trevas escurissimas d'uma ignorancia feliz.

Flores que se esmyrram sobre o berço, sem se lhes gostar o nectar do calix, como illusão que se esváe, apenas creada, ao sopro da realidade.

São tres as rosas do berço...

A primeira diz *meiguice*; a segunda *amor*; *amizade* a terceira. Aquella para os labios que nos ensinaram a primeira prece, esta para a primeira mulher de cabellos louros, com que sonhou a phantasia no arraiar da vida do coração; est'outra para o primeiro homem, que irá um dia conosco carpir saudades sobre o tumulo d'essa mulher. *Mãe* é um cantico da consciencia. *Amante* um hymno do coração. *Amigo* uma nota de saudade do coração e da consciencia depois do cantico e do hymno.

.....
« Amigo, sobre as aras da minha penitencia desceu hoje uma nova condemnção. Os guardadores do meu supplicio tomaram o vaso da credencia, « e encheram-no de novo com o absyntho dos reprovados. Tinham cuspidos o « meu nome nos prostibulos da calumnia, haviam-me manietado com o mais « indigno cadeado de torpezas villissimas. Era pouco para elles. Perdôe-lhes « Deus. Não sabes? Quizeram arrastar sobre a mesma infamia a reputação « de Maria. No mesmo jornal onde me assoalharam vem hoje o nome d'ella...

« Maria, aquella alma de pomba, aquella resignação de martyr, aquella « humildade de anjo, aquelle espontaneo acurvar-se de victima expiatoria em « todos os altares...

« Que lagrimas não deve de estar chorando agora a nossa infeliz Maria, « amigo!

« Mas eu creio que lagrimas assim são presciencia de venturas na bem- « aventurança dos céus. Diz-me o adivinhar do coração que os prantos de san- « gue, que tiverem arado aquellas faces de mulher nascida para o martyrio, « quando lhe apagarem de todo a vida do corpo, hão de acompanhal-a depois « á morada dos archanjos.

« Sofrer sem culpa... e soffrer calado... oh! que martyrio é este, santo « Deus!»

.....
Eu recebi ha duas horas uma carta onde vinham essas linhas. Não reescrevo as outras. É-me defeso o publicar a historia triste d'um rapaz desgraçado. Relembro apenas essa carta como a ultima das tres flores, que me resta ainda para espalhar sobre o estrado onde já viçaram as outras.

Mas a que ponto vêm ahi essas impertinencias! Vêm, leitor, para dizer-te que apesar de tudo isso eu não desestimo a minha terra, que sou incapaz de renegar da patria, como qualquer barão de moderna data, que ahi chegará amanhã com dinheiro negro como as lagrimas da escrava, que lh'o deu, para em leilão de Juliettas bastardas, cevar a cupidez torpe de velhos mercenarios. E deixemos este estylo, que vae a desandar de mais para o tragico. Esta vida

não se leva a chorar. É a theoria dos asnos que escoucinnham ao luar. No dizer d'elles Heraclito era o primeiro dos parvos.

São portanto injustas todas as accusações, que o leitor austero se lembre de assacar contra as primeiras páginas d'este meu pobre livro. Duas adivinho eu já.

Primeira: Que os dois capitulos escriptos são uma censura inconveniente feita a esta terra por um seu proprio filho.

Segunda: Que revela um talento mesquinho a criação d'um heróe que, sendo tambem do Porto, se apresenta a lisongear vaidades d'um lisboeta, depreciando os seus.

A esta não respondo eu. Ha de desencarregar-me d'este pesado officio Julião de Mendonça. Á outra direi que não tenho conhecimento de legislação nenhuma que obrigue, nem moralmente siquer, o conterraneo da aldeia de Paio Pires a sobrelevar aos arminhos de Astréa as palhas bichosas do seu berço de pedra. Nada, não me pilham n'outra, que a minha fama de escriptor público, que promettia assombrar a d'um fazedor de lunarios, foi logo agorentada no baptismo por maus olhados que me trouxeram aberrações d'essa casta. Ainda hontem ahi veio a essa terra um kágado vestido de mulher, com a cinta no pescoço e os cantos da bocca nas orelhas, de quem eu tive o despejo de escrever no folhetim d'um jornal, entre parvoices identicas, as linhas seguintes:

« Joanna Pêga é um typo distincto. Airosa nas fórmas, esbelta no talhe, flexivel no corpo, não a crearia mais bella a mente romanesca de imaginoso artista. Os seus cabellos, se vêm soltos brincar-lhe com o seio, pleiteiam encantos com a rêde d'ouro da Venus Idalia; se, presos, se enroscam em ondadas spiras, então, menos severa que o porte da esculptura grega, dil-a-heis copia fielmente roubada pela natureza ao pincel de Rembrandt. Ao vel-a assim, gentil e formosa, bailando alegre sobre estrado de flores, sorrindo amorosa aos lumes que a alindam, quem não adivinhára o amor ingenuo das bucolicas de Theocrito! Se a contemplamos depois, correndo offegante com as tranças a doudejarem livres, é mais luxuriante então; nos olhos petulantes d'amor reserve-lhe a vida; na soberania do garbo, na sua magestade varonil ha o brilho arrogante da virgem fragueira dos bosques... Joanna Pêga, similhando na firmeza, no garbo e na magestade, a estatua de Phidias, é sempre o sentimento sublime da esthetica deificado nas formas seductoras da plastica.»

E escrevi isto d'uma Joanna Pêga, que envergonharia pégas! perdoe-me Deus. Apezar de o não quererem outros, orçam por este quasi todos os meus peccados.

De mais a mais eu tenho ainda um não menos forte escudo para rechazar as settas da critica inconsiderada. N'este livro historiam-se successos passados ahi em 1850. Ha nove annos pois, e nove annos de revolução moral na cidade do Porto, onde o progresso é uma ideia moderna, equivalem a nove seculos em qualquer outra parte do globo, em que a civilisação tenha sido sempre o pensamento constante de todas as épocas. Eu, quando se me deparar azo favoravel de elogiar por ahi qualquer-asneira, hei de escrever um artigo, que principie assim:

«O Porto começa a regenerar-se. Era de fé. Apertaram-lhe tanto as tenazes da critica, que não teve remedio senão acordar da sua modorra opiada. Entrou ahi muita sangria, é verdade, mas não lhe açulou isso a molestia, porque o mal-aventurado não estava phisico. Saiba o leitor, que não é medico, que a effusão do sangue nos phisicos abate as ancias do pulmão, mas torna a morte

mais certa. Não, senhores. O Porto não estava pthisico. Nos obitos da medicina não consta mesmo de ter sido nunca affectada de tal doença a greda chorumenta de burguez independente. O Porto foi pingue sempre como a intelligencia d'um camarista, obéso e rotundo como o *alter ego* de Dom Quixote, ou o microcosmo ambulante de Falstaff. Receou-se muito aqui ha annos um ataque apoplectico nas regiões abdominaes do estafermo, que não tinha outras. Foi confiada a cura preventiva a um grande homem de então. O visconde d'Almeida Garrett começa a provar que o barão é o successor do frade, mas bicho ainda muito mais hediondo, muito mais crapuloso, e espregueira por aqui a vêr se a regeneração era possível. Qual! refastelaram-se mais nas suas poltronas flacidas, começaram de fazer negações ao livro, surraram-no com os dedos, e consta por uma declaração ingenua da *baroa* em plena assembleia, que a sua morte fôra tão affrontosa e suja, como a que um dia estivera pendente sôbre a cabeça d'um antigo cantor da tenia. Ai, meu pobre Garrett, morte como a tua é que eu não conheço nenhuma! soffreste com resignação ingratições de extranhos, da patria e de amigos! soffreste mais, muito mais, mas o que tu não previras nunca, na longa noite dos teus martyrios, era o derradeiro coice do asno: por mais este titulo émulo do nosso Homero, que cantaste, e que, *na dolorosa intuição dos seus infortunios não previra tambem um Severino* (a). Sobreviveste ás injurias, aos doestos, aos motetes de muito animal; ao que tu não podias sobreviver era ás *Viagens a Leixões* (b). O crocodillo agarrou-te na praia, impingiu-te o veneno misturado com a salgagem da areia, e tu morreste a pronunciar sôbre o teu assassino a primeira das hemaventuranças. Veio depois o sr. Camillo. Tomou elle o espartilho adstringente, affeioou-o o melhor que pôde, nas fórmulas broncas d'esta sucia; e eil-o ahi a puxar, a puxar e a repuxar ha perto de vinte annos, penso eu, com sua chicotada de vez em quando. Diga-se em respeito á verdade, esta terra deve-lhe muito, o meu amigo tem entrado mui sufficientemente nos lombos d'estes patriarchas. É tambem elle o primeiro a reconhecer a sua obra, que já ahi está a redigir um jornal, que se não assigna por menos de tres mezes, e denominado o — *Mundo Elegante*. — Não ha duvida, o Porto vae a regenerar-se. Já por ahi despontam vocações litterarias, artisticas e theatraes. Já quasi que se lê em toda a parte. No *rez-de-chaussée* a actriz novel delectra as páginas de Arsène Houssaye, e inthusiasmam-na ou os triumphos de Adrianna Lecouvreur, ou as aventuras romanescas de M.^{lle} Clairon: em cima, no segundo andar, a mamã soletra á filha o livro de Aimé Martin. Isso vae bem. Analyse-se agora uma d'essas muitas flôres que por ahi estão a abrir.»

E depois com este exordio analysava-se tudo quanto por ahi ha, e tudo eram flores a abrir, até, se eu quizesse, a intelligencia em botão d'esse visconde, que retirou a sua assignatura do *Nacional* por que o seu nome não vinha nunca no meio da palha, que, em sua cordata opinião, aquelle periodico trazia sempre. Olhem que isto não é leria, sabe-o por ahi toda a gente, e creio mesmo que já não sou eu o primeiro que o escrevo.

O *ultimatum* do progresso social está, dizem, na civilisação do homem pela mulher, e na regeneração d'esta pelo amor. Fallo, já se vê, no estylo gordo dos humoristas campanudos. Ora, o que era a mulher do Porto em 1850? Querem afferir-lhe os outros dotes pelo da intelligencia? Pois bem. A mulher de então aos quinze annos não sabia nada, aos vinte e cinco sabia alguma

(a) Veja as chronicas do *Nacional* do verão de 1857.

(b) Promette-se dar breve uma noticia d'este lobinho litterario.

cousa, que era peor que não saber nada, cousa horrivel para Othellos susceptiveis como o mouro da tragedia britannica, maravilhosa e soberba para Sganarellos pacientes, taes como a posteridade os deparou no precioso testamento do divino Molière, que na sua época os estudou a fundo em dignos originaes de muito marido capaz e com nota de excellente pessoa. Creio que escrevi que farte para a maliciosa comprehensão de imberbes precoces. Desculpem. Todos os auctores têm d'estes precalços quando a estabelecida reputação do leitor lhes confere legitimos direitos de dúvida sôbre as qualidades do seu atilamento.

Aos quarenta annos a mulher tinha saudades da ignorancia dos quinze, remorsos da illustração dos vinte e cinco. A primeira perguntava á segunda por que ria, a segunda perguntava á terceira porque chorava. E no repetir das perguntas iam-se escoando os dias que insensivelmente deviam aproximar os marcos infalliveis onde a mão do *inevitabile fatum* das experiencias tristes tinha de escrever a resposta que uma e outra se denegavam de conceder. Esta era a historia inalteravel de todas as mulheres. A excepção era rarissima. Havia-a porém, e fazia-a o morgado de provincia, que se deixára arranhar no *musculo oco* pelas unhas retrincadas d'um Cupido idiota e desageitado. Este heroe salvava sempre um seraphim de quinze annos, vermelho como o archote de Lucifer, seraphim que dous lustros mais tarde devia sujar, desmaiado no balaustre da escada, o oidum torpe d'algum *jokei* mais atrevido que o janotinha palerma, que se contentava com um olhar furtivo ao despedir-se da avó.

Mulheres d'estas como podiam civilisar homens que por ahi andavam, cõgumelos de caneco derrubado até abaixo do occipicio piolhoso, pirangas ventrudos com as ventas no ar e as mãos atraz das costas? Era impossivel. Hoje sim. A cousa é diversa. As mulheres fizeram um milagre. Inventaram o modo de falar constantemente dos banhos da Foz, e o acaso, que é o deus dos tólos, deparou-lhes por ahi cardume de humildes lôrpas a quem encampam, em todas as sanctas vinte e quatro horas dos trezentos e sessenta e cinco dias de cada anno, as mesmas semsaborias, as mesmas tolices, salobras e indigestas como tosse repicada de velha pretenciosa. O agiota aperfeiçoou-se tambem. O agiota é, na minha humilde opinião, a lente por onde melhor se espreitam as aspirações progressivas de qualquer povo. E depois d'este o extravagante. Affigura-se-vos entrar nos ultimos segredos dos mais terriveis dramas da moderna babilonia, se contemplais os trinta destinos que tem presos na mão cada um d'estes Lovelaces.

A proposito. Um apontamento de hontem escripto na minha carteira. Eram meados do estio de 58. Chegaram ahi ao Porto umas colarejas, vindas de Lisboa, citadas ainda hoje na feira do pescado por muita fritada com que por alli se enlabusaram. Entre ellas vinha uma que o meu amigo F. de A. achou *fresca*, e que teve a habilidade de enamoral-o com uns assomos de Lucrecia que ella se dava, quando despia a camiza de comborça que uma noite deixara rasgada no largo de S. Roque. Um dia dormia eu o doce somno das dez horas da manhã no meu quarto, n.º 11, da hospedaria da Estrella do Norte, quando F. de A. impuxando com violencia a fragil porta, e saltando-me para cima da cama, brada descomposto:

— Quero já saber quem são estas mulheres!

Eu abri o cantinho do olho direito, fiz-lhe um bico, e voltei-me para a parede resmoneando em remelado soliloquio:

— Não estou cá para aturar tolos.

F. de A., furioso, garra as mãos na roupa que me agasalhava, e d'um

jacto arremessa com ella ao chão, levando na passagem de exterminio o espelhinho modesto que se exhibia de bruços sôbre o fanado lavatorio.

Eu, indignado, ferido no mais sagrado de todos os meus direitos, ergo-me sôbre o leito, nú como o enfermo do Evangelho, descuidado como o Adão primitivo, e exclamo, despedindo um murro para o tecto, que não se fizera para homens tão altos:

— Declaro-te que és um infame!

F. de A. perguntou submisso:

— Quem é esta gente?

— Não sei, palavra de honra. Ouvi que eram umas bailarinas italianas que ahi vinham dançar não sei aonde. Ignoro tudo o mais que satisfaça a tua curiosidade teimosa.

— Mas nada mais facil. Ellas estão lá em baixo na casa do jantar, mandamos para lá o almoço?

— Se queres...

F. de A., ligeiro como a ondina, salta fóra do quarto, impunha o ceboso barbante que n'essa época era uma das alfaias d'aquella antiquissima albergaria de rollas estafadas, e ordena ao meu criado, prestes ao tanger da sineta, que sirva o almoço no segundo andar. Na escandecida phantasia de F. de A. os bifes e os ovos eram os cartões que antecipadamente annunciavam ás deidades de *crinoline* a entrada proxima de dois conquistadores irresistiveis. Dez minutos depois desciamos gravemente a escada que conduzia ao suspirado eden. F. de A. ia adiante. Entrou na sala e fingiu não ver ninguem. Contemplou primeiro dois quadros, e depois, apontando para elles com visos propheticos, disse: *No me piace!* Acordado d'este sonho repentino pela primeira pancada do relógio, que batia meio dia, continúa retezando os collares:

— Bem te dizia eu que era cedo para a minha hora de almoço...

Marianna *Pitteri* dá um espirro, e F. de A., simulando espanto, dirige-lhe um amavel cumprimento, que foi correspondido com todos os encantos d'um pudor *incontestavel*. F. de A., que achára apressada a hora do almoço, apesar de duas leves chavenas de chocolate que bebera na *Aguia d'ouro*, acompanhadas de tres classicas torradas, enguliu-me os ovos e os bifes e o chá, sabendo com alguma mágua que o jantar não podia ser antes das tres horas.

F. de A. aventou em seguida os preludios d'uma conversação frivola, em que eu me vi obrigado a fazer de estatua para me poder guardar nos limites da composta seriedade das estatuas. Perguntou á mais gorda do rancho, que livro tinha ella no regaço. A mulher espriguiçando nos labios um sorriso sorna, descêa com o palito indicador sôbre o topo da página e lê:

*Amor de mi pecho,
Pecho de mi amor!
Arbol, que has hecho,
Que has hecho del flor?*

— Conheço esse romance, diz F. de A. apumado e vaidoso como perú de granja em preparativos de alliciações illicitas. Devo recompensar-vos, continúa elle em tom irrisoriamente apaixonado e dando ás palavras um accento melodramatico, devo recompensar-vos com tres versos do immortal Dante, que a vossa declamação inspirada me despertou na adormecida memoria.

Eu pisei o pé de F. de A. a prevenil-o das difficuldades do meu papel. Elle crava os olhos ardentes na papeira carnuda da sua musa e exclama com

a mão direita sôbre o coração e no ar a esquerda, que, para não estar ociosa, levára nos dentes do garfo uma pellicula de bezerra:

*Amor, ch'a null'amato amar perdona,
Mi prese del costui piacer si forte,
Che, come vedi, ancor non m'abandonna.*

E para traduzir eloquentemente em linguagem sua o ultimo verso, devora sôffrego o pingente aereo que da sinistra descamba nos sequiosos labios. Porém um espirro fatal oppõe-se ao socegado deglutir do exemplo já mascado e empurra para as nasaes em glandulas verde-negras uma stalactite, que deslisa na venta esquerda sem lhe importar que F. de A., no meio das suas tarefas, houvesse perdido o lenço. A aforçada matrona, enleçada a principio com o recitativo abrupto, fungou nas paginas do *Romancero* um frouxo de riso ao descobrir no horisonte vermelho do meu amigo a visão suja.

E eu serio.

F. de A. para vingar o ridiculo da sua posição pergunta a final com modos claramente sarcásticos:

— Aquella menina que alli está com os hombros na cinta e nariz açafroado sôbre o disco da bocca, e que me está fitando agora com seraphica parvoíce, é a tal sylphide de fórmas breves, recommendada pelos jornaes de baixo do gracioso diminutivo de Joanna?

As mulheres perceberam a ideia sem atinarem com o sentido privativo de cada palavra e encararam o meu amigo com visagens entre lorpas e colericas.

Eu disfarcei a irrupção da gargalhada impendente nos ralhos d'uma tosse improvisada, e levantei-me.

Se eu não tivesse receios de prolongar de mais um dos capitulos do meu romance com as minudencias escusadas d'um pequeno incidente, vinha muito a ponto o enquadrar aqui o burlesco d'umas scenas que alli se representaram então, dignas de serem archivadas para a historia das glorias portuenses. Agradeçam-me esta omissão aquelles dos meus amigos, que para alli me foram tantas vezes sarjar a paciencia com aquelle tiroteio deslavado de immutaveis perguntas, disparadas ás sobredictas, *si quale piace piú* ou *piú piace, si Lisbona si Porto* ou *si ó Porto, si á Lisbona*, capazes, na opinião do meu amigo F. de A., de nos miatarem ás gargalhadas se as cócegas assassinassem.

Meia hora depois subiamos outra vez ao meu quarto.

— Sabes tu? diz-me F. de A.

— O que?

— Gósto d'uma d'estas mulheres.

— De qual?

— Da Amalia.

— Sim?

— E tu? — Eu não. Acho-a caprichosamente estúpida.

— Parvo! É por isso mesmo. Para as espertas ha só dous lugares em minha casa, que minha avó destina todos os annos para duas gatas, que baptisa sempre com dous nomes de romance.

— Tonteria de velha!

— Será. Mas o que te digo é que preciso de oitenta ou noventa libras, e vou já ao M... da rua das Flôres saber se elle me empresta com alguma usura quatrocentos ou quinhentos mil réis.

— Sim, isso em todo o caso é conveniente, e não te esqueças de me dar parte do resultado.

F. de A. mandou montar um *coupé* do sr. Barros, e partiu. O meu amigo, quando pedia alguma cousa, era sempre de carruagem; no theatro, quando não tinha dinheiro, estava sempre na platêa superior, encostado á varanda da orchestra, os dedos na algibeira do colete, e os olhos atirados com desprezo de millionario para a tribuna de sua real magestade. Meia hora depois os cavallos que o conduziram voltavam a todo o galope. O cocheiro parou á porta da Estrella, levou tres bofetões que F. de A. lhe dispensou não sei a que pretexto, segurando-lhe as iras ao choque electrico de quatro pintos de gorgeta.

F. de A. subiu as escadas, rapido como um corisco, entrou no meu quarto, atirou o chapéo sôbre a cama, a bengala para o chão, emmaranhou os cabellos com as mãos, e contemplou-me desatinado como Hamlet ao vêr a sombra do finado rei da Dinamarca.

— Que é isso? Viste a sombra de Banquo? perguntei eu.

— Vi, respondeu F. de A. com azedume. E em seguida arrancou do peito um *ah!* cavernoso e prolongado.

— N'esse *ah!* tornei eu, traduziste com talento toda a amargura do rosto de Lacoonte.

— E tu, n'essa graçaola insipida, provaste pela millesima vez, que és o mais indigno de todos os parvos que eu conheço.

— Ora dize, que fizeste?

— Nada.

Este *nada*, tetricamente pronunciado, tinha suas parecenças com o *ninguem* do Frei Luiz de Sousa.

— Então, nada?

— Nada.

— Nem esperanças?

— Nada, já t'o disse.

— Nem veremos sequer?

— Nada, nada, nada.

Aqui o *nada* perdeu toda a graça que tem o laconismo da resposta do romeiro.

F. de A., fertil no phantasiar de esperanças novas, não era homem para se deixar vencer muito tempo por influencias tristes.

— Sabes tu, meu amigo? É esta a terra mais miseravel que tenho visto...

— Ainda agora?

— Realmente. Fui a casa do tal homem, que me disseram ter arriscado por vezes sommas consideraveis em avanços identicos ao que eu lhe propunha, e metteu-me nojo. Não te faço a descripção d'elle, porque o vi apenas e pareceu-me tão pequeno no corpo como na alma. Só lhe pude enxergar o nariz, que é um dos mais atrevidos pleonasmos, que a natureza de quando em quando se diverte a escrever em greda. Perguntou-me ao que ia. Respondi-lhe. Disse-me que nunca fizera isso. A mulher dos bordeis tambem diz assim, para depois se render. Ponderei-lhe algumas reflexões attendiveis, a que elle redarguiu gaguejando, que finalmente era uma quantia excessiva, e que o sr. Jorge de Marialva, filho-familias de 24 annos, o rapaz mais gastador d'esta terra, na sua vida estragada de sete annos, em que dispendera, sem licença do tutor, cem mil réis, nunca lhe ousára pedir tanto. Não te posso dizer como contemplei aquella alimaria, em quanto elle em monologo surdo continuou dizendo para si no mais comico tom, que nunca vi imitar nem em Lisboa por Taborda, nem em Pariz por Saint-ville ou Brasseur:

— Quatro centos mil réis! Que horror! — Virei-lhe as costas, e deixei-o no seu charco de pôdre vegetação. Agora, não me dirás quem é o tal sr. Jorge de Marialva, que gasta cem mil réis nas suas extravagancias de sete annos?

— Não sei, não sei, meu velho amigo. Eu ouvi dizer a C., que n'esta terra eram os homens os que faziam a virtude das mulheres. Creio-o, e penso que se d'aqui a vinte annos os Marialvas devassos gastarem só cincoenta mil réis, esta gente será tambem cincoenta mil vezes mais feliz.

E aqui tem o leitor provado logicamente como no Porto as mulheres, os homens e os agiotas, que são uma especie de homens, depõem todos em favor da sua civilisação progressiva.

Entenda-se. Isto não é com todas nem com todos. Aquelles a quem estas verdades quadram, tenho eu certo que não têm este livro, porque não têm cousa nenhuma. É porisso que me não demoro em cumprimentos. A leitora está de mais a mais enfasiada com estas empadas de philosophia á sôbre posse. Ouço-a perguntar:

Poderá agora o romance continuar sereno e placido?

Vamos vêr.

(Continúa)

VIEIRA DE CASTRO

Quantas vezes via a onda espriguiçar-se
Nas praias... e morrer;
Deixando em branca espuma desenhados
Os marcos pelo Eterno alli traçados,
Para os não exceder!

E eu via nas estrellas — os teus olhos;
Nas ondas — teu chorar;
Que as ondas são os prantos do gigante,
Que se cança em um pouco mais ávante
Seus limites passar.

Era, Maria, então por essas noites,
Que abrazada em amor
Traduzias n'um beijo a eternidade,
N'uma phrase o poder, e a immensidade
Do verbo do Senhor.

Então scismava em ti — o pensamento
Mais livre que o sonhar,
Embalava-se em ondas de ternura,
Indo juncto de Deus a formosura
Do teu rosto adorar.

Teu nome era suspiro desferido
Dos labios com amor;
Teus labios eram petalas d'um lyrio,
Descingido da c'roa do martyrio,
Que te offertára a dôr.

Tua face era roza mal aberta
Da manhã ao luzir,
Em que lagrimas verte a noite fria,
Como sancto baptismo de poesia
No berço do existir.

Os teus loiros cabellos descahidos
Do teu seio no alvôr,
Eram os raios pállidos d'um astro
Fluctuando sôbre um plano d'alabastro,
Da mais vivida côr.

Como a nuvem que o sol vê no occidente
 E começa a corar,
 Tingia-se o teu rosto de mil côres,
 Se esta alma te exprimia os seus amores,
 Nos raios d'um olhar.

A que fôste, mulher, no pó dos tumulos
 O teu rosto esconder?
 A que fôste pedir aos céus amores,
 Fazer curtir aos anjos as mil dôres,
 Que me fizeste soffrer?

Bastava eu para amar-te — o fogo immenso,
 Que ao ver-te em mim ardeu,
 Era pequeno o mar para extinguil-o,
 Pequeno o ar subtil para nutril-o,
 Curto para elle o céu.

Se vegeta uma planta sôbre musgos
 Sôbre solos a arder,
 E cresce, e volve aos céus frondosa veste,
 A que fôste tu jasmim terrestre
 A vida ao céu viver?

A G. G...

(No coruchéo da Batalha.)

Pois, se como sempre fomos

Somos

Petalas da mesma flôr;

E o que eu sinto, ou eu me illudo,

Tudo

Tambem sentes; gosto e dôr:

Que te arrasa os olhos d'agua?

Magua,

Em que eu não deva tocar?

Oh! mas se ha quem a suavise,

Dize,

Vou-lhe um suspiro levar!

Não se alcança... não se avista...

Dista

D'aqui muito o allivio... ou não?

Dos teus olhos, muito! e, pouco,

Louco!

Pouco do teu coração...

Sei o que vae em teu seio;

Leio-o

Talvez melhor do que tu:

Faz pouco o labio calando

Quando

L'âme se mêle partout... (a)

(a) Stael.

HISTORIA E CAUSA DA DECADENCIA DOS BONS ESTUDOS ^(a)

ESCRIPITO INEDITO

DE

Antonio Nunes Ribeiro Sanches

Logo que os santos apóstolos saíram de Jerusalem a prégar os preceitos de seu Divino Mestre, e estabeleceram congregações de fieis christãos, e juntamente eschololas para ensinar a doutrina christã, os mestres que n'ellas residiam eram os bispos e os diaconos, e tambem alguns christãos mais bem instruidos, que ensinavam áquelles que queriam bautizar-se. O abbade de Fleury ^(b) que seguiremos n'estas noticias, diz que n'estes tres primeiros seculos da christandade não havia outras eschololas públicas entre os christãos que as referidas.

A doutrina, que se ensinava n'estas eschololas, era a explicação das sagradas escripturas, os Mystérios da Fê, e tudo o que conduzia para a observancia da religião christã. Na eschola de Alexandria, Origenes, e Clemente de Alexandria ensinaram esta doutrina, e não lêmos nas suas obras, que ensinassem sciencia alguma humana, como tambem nas de Santo Athanasio, S. João Chrysostomo, S. Cyrilo, ou Santo Agostinho, que todos ensinaram, e formaram discipulos excellentes.

Ainda que Clemente de Alexandria, e quasi todos os Santos PP. fossem doutissimos, e inteiramente instruidos nas sciencias humanas, não as tinham aprendido nas eschololas christãs, mas nas dos gentios gregos e romanos; e como d'estes muitos se converteram á religião christã, d'aquí procedeu serem instruidos tão cabalmente em toda a sorte de litteratura, porque n'aquelles tempos a egreja não necessitava para a sua conservação e augmento, que da sciencia das cousas divinas, pois que vivia debaixo do dominio das potencias mundanas; e se tinham então por profanos aquelles que ensinavam ou estudavam outros conhecimentos que os sagrados.

O methodo de ensinar n'estas eschololas sagradas, era primeiramente corrigir, e arrancar do animo d'aquelles, que se queriam bautizar, os maus costumes que tinham contraído na sua educação; quando uns chegavam a sair do caminho dos vicios; e que n'elles se observava o ardente zelo de bautizar-se,

^(a) Continuado do n.º 3.

^(b) Discours sur l'histoire eccles. Discours xi, § 13.—Paris 1750, in 8.º

eram admittidos ás instrucções mais elevadas, como são as da fé e das escripturas sagradas.

Já vemos n'estas congregações dos primeiros christãos duas sortes de ensino: o primeiro dos *bons costumes*, e o segundo dos *mysterios da religião*. Do primeiro tinham cuidado os inspectores, ou guardas dos costumes; e do segundo os mestres, que eram os bispos, diaconos, e os mais instruidos nas escripturas sagradas.

De tão limitados principios, como veremos pelo discurso d'este papel, saiu aquelle poder que têm os bispos sôbre todos os estudos e eschololas da christandade, como tambem aquella geral inspecção sôbre os costumes. Veremos que os Imperadores christãos, e os Monarchas seus successores, deixaram no seu poder, e arbitrio, estas duas obrigações, que têm, de mandar educar os seus subditos pelas suas direcções, e de corrigir e regradar os costumes nos seus dominios.

No principio do iv seculo já estava a religião christã espalhada quasi por todo o mundo conhecido; já floreciam as eschololas christãs em Alexandria, Jerusalem, Antiochia, e em Roma; já n'ellas se ensinavam a grammatica, as humanidades, e a philosophia, e principalmente depois que começou a reinar Constantino Magno e seu filho Constantino. Porque vemos que o Imperador Julianno, Apostata, prohibiu por uma lei, decretada no anno 362 (a), que nenhum christão ensinasse publicamente a grammatica, ou philosophia, nem outra qualquer sciencia; signal evidente de que os christãos n'aquelles tempos eram já professores d'estas sciencias.

Mas como esta prohibição não durou muito tempo, ficaram os professores christãos senhores das eschololas, nas quaes ensinavam antes; porque por uma lei dos Imperadores Valentianno, e Valente, decretada no anno 365, entraram depois os mestres das eschololas nos seus cargos (b). E para que mais facilmente se comprehenda, que toda a educação da mocidade christã ficou á disposição dos bispos, tanto na instrucção como nos costumes, relataremos aqui as leis que decretou Constantino Magno em seu favor, e da religião christã, para ficarmos persuadidos do que fica dito antecedentemente.

Relata Baronio (c) que Constantino Magno mandou abolir os templos da idolatria e os collegios dos seus sacerdotes; que permittiu aos bispos dar liberdade aos escravos que abraçassem a religião christã, auctoridade que só tinha o Pretor Romano com muitas formalidades; que ordenára aos thesoureiros, e aos collectores dos colleiros de todo o imperio, dar aos bispos a quantidade de trigo que lhes pedissem para distribuir por aquelles christãos que fizessem, ou tivessem feito voto de castidade; abrogando ao mesmo tempo a lei Julia Papia, a Poppéa de Augusto Cesar, pela qual os celibatarios ficavam excluidos das heranças dos grãos transversaes. Que todos os ecclesiasticos fossem exemptos de todo o cargo civil, e militar; abrogando por esta lei a do Imperio, na qual para entrar nos grandes cargos da républica era preciso estar allistado em algum collegio sacerdotal do gentilismo. Permittiu, tanto aos seculares como aos ecclesiasticos, appellar para os bispos depois da final sentença nos tribunaes seculares, e que do tribunal dos bispos não havia appellação (d): que os bispos e os clérigos se vestissem da mesma sorte, de vestidos que usavam os sacerdotes da gentildade; permittiu a cada qual ter bens

(a) Apud. Baron. tom. 4, pag. 107 e 108. Romand. ex Epistol. 42, e Julian. Apostat.

(b) Apud. Baron. tom. 4, pag. 172. Siquis erudiendis adolescentibus vita pariter et facundia idoneus erit, vel novum instituat auditorium, vel peperat intermissum. Dat. 3, ad. Januar.

(c) Tom. 3, edit. Rom. per totum.

(d) No decret. de Gracian. parti. et caus. 11, cap. 2 e 3, 36 e 37, vid. Fleury Histoire Eccles. liv. 59. n.º 28 e le Discours 7, sur l'Histoire Ecclesiastique.

moveis e immoveis, em favor das egrejas, ainda que esta lei foi abrogada pelos imperadores seus successores; que as terras pertencentes á egreja seriam exemptas de todas as taxas e tributos. Esta lei é a ultima que se lê no *Codex Theodosiano* com data do anno 315; e a maior parte dos commentadores a têm por espuria.

Não era factível, em um imperio tão dilatado como era então o romano, que todas estas leis se executassem como requeria o zêlo dos ecclesiasticos; mas é certo que no tempo do imperador Theodosio, o Grande, a maior parte das leis referidas, ou estavam em seu vigor, ou tinham sido reformadas em utilidade mais da religião christã, e ecclesiasticos, que do estado.

Autorisados os bispos com a jurisdicção do Pretor, e da divina instituição, de ensinar, e de prêgar, instituiram, cada qual nas suas egrejas, não sómente as escholas para aprender a religião christã, mas ainda as sciencias humanas, que n'aquelles tempos quasi todas se reduziam á eloquencia, e á sciencia moral do Evangelho. E ao mesmo tempo tomaram a si a incumbencia de regrar os costumes, com tanta exatidão, que do tempo de Constantino acabou em um seu thio aquelle honorifico e tremendo cargo de *Censor*, dignidade d'este imperio, e para correcção dos costumes da gentildade.

Até o tempo de S. Gregorio, o Magno, a mais illustre eschola foi a de Roma, ainda que existia aquella de Alexandria, e de Constantinopla; mas ou porque as sciencias humanas não eram necessarias para o augmento da fé, ou por outras causas que relataremos, é certo que no tempo de Theodorico I, rei dos Godos em Italia, no anno 494, reinava tanta ignorancia, que todas as lettras se extinguiram totalmente, se os frades de S. Bento, e S. Bazilio, e os ecclesiasticos nas suas Sés, não conservassem os originaes gregos, e romanos, que temos ainda nos nossos tempos.

Não sómente a invazão das nações barbaras no dominio do imperio romano destruiu as sciencias, mas tambem a errada economia do imperador Constantino (a). Este supprimiu os salarios aos mestres e professores nas escholas, e nas academias, tanto de Athenas, e Alexandria, e Roma, como no resto do imperio (b), porque este imperador, como nos consta de Procopio e Zonaras (c), dispndia profuzissimamente em edificar egrejas, e muitos outros edificios; e não bastando as rendas imperiaes a tantas despezas, lhe foi preciso supprimir aquellas que fazia o imperio com os mestres e professores das sciencias.

Entre os canones do concilio de Carthago, celebrado no anno de 686 (d), se lê que d'ahi por diante não fosse permittido a nenhum secular ensinar nas egrejas cathedraes, e que nenhum bispo podesse lêr livros compostos por autores idolatras.

Até o septimo seculo, todos os frades eram leigos, e todos, pela regra de S. Bento, trabalhavam sete horas por dia, e o resto do tempo gastavam na meditação dos divinos preceitos. Mas depois que accrescentaram o officio de Nossa Senhora ao grande officio, ou reza, e um grande numero de psalms, o que tudo se cantava pelo canto Gregoriano, que S. Gregorio Magno tinha introduzido nos conventos e nas cathedraes pelos annos 600, não havia mais tempo que para satisfazer a obrigação do côro, faltando aquelle que se empregava no trabalho corporal, e nos estudos das lettras sagradas e profanas: como já n'estes tempos havia conventos bem dotados, com terras em Italia,

(a) Apud Herm. conrigium de antiquitatibus Academicis, editionis Heumari; Dissert. 7, Gotingd, 4.º ibi pag. 33. Dissert. prima. O imperador Justiniano viveu no anno 565.

(b) Inarcana Historia, pag. 113.

(c) Tom. 3.º

(d) Traité des écoles episcopales et ecclesiastiques, por Claude du Lys, Paris, 1678, ibi 92 e 112 e 113.

Allemanha e França, sempre n'elles se conservaram as escolas, e persistiram na ordem de S. Bento até o anno de 1337; e n'este mesmo anno o Papa Benedicto XII lhes prohibio que ensinassem; ordenando sómente que os frades estudassem a philosophia e a theologia.

No seculo 8.º começou a ordem dos conegos de S. Chrodegung; viviam nos seus Cabidos do mesmo modo que os frades nos seus conventos; ensinavam publicamente a grammatica, a rethorica, a arithmetica, a muzica, a geometria e a astronomia; mas com tão pouco conhecimento da verdadeira sciencia, que passam estes tempos por barbaros, e os mais depravados nos costumes.

Nos capitularios de Carlos Magno, decretados no anno 787, se ordena que se erigissem escolas de lér para os meninos; e que em cada mosteiro, e em cada sé houvessem mestres que ensinassem a grammatica, o canto Gregoriano e a arithmetica: esta lei não era mais que para obrigar os bispos, e aos prelados dos conventos, a observar pontualmente o costume que tinham de ensinar não só as artes referidas n'este capitulario, mas tambem a theologia, e o Direito canonico.

Do referido vemos claramente que até o seculo IX, sómente se ensinaram nos mosteiros, e nas Sés, a Grammatica, a Arithmetica, o Canto Gregoriano, a Rethorica, a Dialectica, a Theologia e o Direito Canonico; que os mestres eram unicamente os frades e os ecclesiasticos, e que não havia escola alguma onde ensinassem os seculares. Desde o anno 500, quando toda a Europa se devastava em guerras continuas pelas barbaras nações do norte, e os Sarracenos, nenhum principe tinha outra maior necessidade do que de ter um exercito potente para resistir a tão poderosos inimigos. Nenhum secular tinha tempo de applicar-se ás letras, e eram raros n'aquelles tempos os que sabiam lér, ou escrever: foi preciso aos ecclesiasticos applicarem-se ás letras, não sómente para ensinar a religião christã, mas tambem para servirem aquelles Estados, que todos por necessidade vieram a ser militares.

Necessitavam os principes de ministros de estado, de embaixadores, e de medicos, necessitavam os povos de juizes, de advogados, de notarios públicos, e só nos conventos e nos cabidos achavam as pessoas que podiam exercitar estes cargos. Não nos devemos admirar que os frades, e os mais ecclesiasticos servissem estes empregos, méramente seculares, considerando a ignorancia d'aquelles tempos causada da erupção de tantas nações barbaras, e conquistadoras de toda a Europa.

(Continúa)

Para elle cada frase era um crime, e cada periodo um insulto á sua honra d'elle.

Mais tarde levantou-se: a onda de cholera, prestes a sair em borbotões pelos labios, refluiu para dentro, e foi injectar-lhe de sangue negro o branco dos olhos.

Ao brasileiro, afeito a cevar enfurecido a sanha no corpo dos negros, não caíra a mão sem força para marcar um insulto nas faces da escrava que fôra vendida ao seu dinheiro.

A bofetada estalou, e deixou visiveis na pallidez da face os vincos da mão vil que a ultrajara.

Zilia não verteu uma lagrima pelo insulto: ergueu as mãos para Deus, e sorriu-se. Com o estalido, porém, da bofetada soára o ultimo momento da sua estada n'aquella casa: Zilia saíra, e na sua sahida encontrou uma unica amiga, desgraçada como ella, que lhe estendeu os braços para partilhar comsigo a amate de no amargoso quinhão da desventura.

Era a mãe de Carlos de Mello.

Zilia acceitou; antes d'isso, porém, quiz implorar a benção de seu pai. Este repelliu-a de si como serpe venenosa, que contaminasse pelo contacto.

Era dor de mais para a desventurada.

Conculcou-se á degradação d'esmollar uma lagrima de piedade, e responderam-lhe com sarcasmos vivos d'uma ironia grosseira.

Verteu lagrimas... bebeu-as, e sentiu que estas lhe volviam aos labios em expirações mephiticas e apodrecidas.

Colheu no prado uma flor viçosa, e viu que o seu halito resequido lhe crestava as petalas lubrificadas pelo grato orvalho da manhã.

Fitou o firmamento; recordou-se das noites em que por cada astro contava um affecto, e viu-o escurecido por nuvens negras e tenebrosas.

Então, entre duas maldições e um tumulto, rasteou-lhe pela mente a ideia do suicidio.

Suffocada por tanto soffrimento anciára a morte como marco extremo de tantas dores.

Resignou-se, e esperou; não pelo prazer que era impossivel, mas por maior martyrio ainda.

O sr. João Antunes viu sahir sua mulher, e não teve uma lagrima que verter sobre o rastro dos seus vestidos. É que o Sr. João Antunes não era um homem.

A ultima lagrima de compaixão coagulou-se-lhe na face, quando mandou arrancar os olhos a uma escrava, que não quiz prestar o seu corpo aos dissolutos desejos do seu senhor.

De resto, o coração havia-o elle amoldado a uma espessa epiderme de ferro, e por sôbre elle resvalavam tibios os espinhos agudos do soffrimento. O sr. João Antunes folgava de ver uma victima a estorcer-se de dor, e jubilava em ser elle proprio o que lhe aparelhasse o equuleo onde ella se extenuasse em agonias cruciantes: e senão... que o dissesse Zilia. Findou o baile.

No dia seguinte a critica de soalheiro, virulenta, e pôdre, como pustula sarnosa, saciava o estomago faminto nos succedimentos da noite, e escorchava até á fevra mais tenue a innocencia de Zilia.

O mundo honesto, e decente, constituiu-se em verdugo despiadado da mulher, cuja culpa unica era ter esgotado até ás fezes a essencia sordida do mais asqueroso fel, e cujo unico peccado era ter pizado com os pés sanguentos e descalços os espinhos entalhados no rasto de esperanza, que se lhe esvaecêra no occaso.

A mulher do capitalista rico era na bocca da canalha honesta uma prostituta, que traia sem fé, sem honra, e sem consciencia os mais santos deveres d'esposa. Se mendigasse um perdão de porta em porta cuspir-lhe-biam no rosto um desprezo insultuoso, ou uma injuria contumeliosa. Mas ella não havia mistér de indulgencia ou de perdão.

A mulher que santifica no sacrario da alma uma affeição santa e pura, e resiste ao mundo corrompido que lhe estende os braços, é immaculada como virgem de bosques druidicos ou como rosa que começa a desabrochar aos vividos raios d'um sol d'Abril; e se a opinião publica lhe impõe ás costas a cruz do aleive injusto ou os cilicios mortificadores de immerecido ultrajê, a mulher refugia-se no santuario casto da sua consciencia, aspira o suavissimo perfume das rosas immarcessiveis que tecem a sua corôa de noivado, e consola-se da dôr suprema que lhe confrange o espirito; mas depois, se lhe morre a unica affeição que a prende á vida, solta dois suspiros de saudade, que réparte por Deus, e pela memoria do unico homem que amara sobre a terra.

E Zilia era innocente como sonho de virgem, pura como sorriso de anjo, e casta como... Zilia.

Viera a noite d'esse dia: o sahimento de Carlos de Mello desenrolava-se em vagarosas ondulações triste, lugubre, e sombrio como serpente negra e longa que arrastasse na cauda a ossada d'um cadaver. Á claridade funebre das tochas divisavam-se não longe do sahimento dois vultos negros.

Um estranho que os visse pensaria serem dois anjos da morte que pelos vestigios das lagrimas ensinassem ao cadaver o caminho do tumulo na ultima jornada do homem sôbre a terra.

O sahimento chegára ao termo; e afastou-se tudo silencioso e triste como viera.

Só d'entre os cyprestes que orlavam o cemiterio saíram dois vultos, que se acercaram do cadaver deposto á beira d'uma sepultura aberta.

Um d'elles ajoelhou na terra bolida de fresco, debruçou-se sôbre o esquife, quiz apertar ao seio o filho unico que estremára entre todos os affectos do seu coração no mundo, e recuára espavorido da frialdade que o gelava.

Essa mulher era a mãe de Carlos de Mello.

Á desventurada nem sobrára um alento para estreitar ao peito o filho na hora extrema d'um solemne despedimento.

O outro aconchegou-se mais de perto, collou-lhe ás faces os labios frios como ellas, e estampára ahi um beijo que exprimia uma eternidade de desesperanças.

Aquelle vulto era Zilia.

Fôra o primeiro, e ultimo beijo d'amor, que se coára por aquelles labios de anjo.

Um pouco depois já quando o rumor dos vivos não ia acordar o repousar dos mortos, sentia-se a enchada do coveiro a pizar e recalcar a terra, e o baque surdo da lousa a cair sobre a sepultura, como atavio derradeiro posto no leito do homem que desde o berço havia luctado sempre contra as adversidades d'uma vida malaventurada.

N'essa mesma noite corri ao encontro de Zilia.

A desgraça, como ulcera profunda nos tecidos do coração, carece d'um balsamo que a refrigere. A dôr precisa d'um mar em que veleje, ainda que esse mar seja de lagrimas.

Achei-a pallida e desmaiada como raio de lua por noites d'almo estio, e desfallecida e timida como lyrio a quem embate o rijo sopro do gelado norte. Queria affectar resignação á angustia que lhe espremia d'alma, mas fallecia-

lhe o esforço quando a memoria lhe aivava recordações dolorosas. Queria fallar-me, e a dor constringia-lhe nas fauces as palavras como tenaz de ferro ardente.

Queria estillar nas faces lagrimas de sangue, mas consumia-lh'as, devorava-lh'as a labareda que lhe medrava nas entranhas.

Respeitei o silencio amargurado em que parecia dormir sereno aquelle coração acalentado pelas tormentas da vida, e aquecido pelos calores ephemeros d'uma estrella que nascera n'um horisonte d'esperanças, e logo se extingui.

A historia d'aquella dôr sublime vim folhear-a depois nas paginas do manuscrito que vai ler-se.

(Continúa)

VICTORINO DA MOTTA

CHRONICA

Estou desconfiando hoje da minha aptidão para engranar n'uma chronica legivel os factos dignos de nota especial, que avultaram no discurso d'estes ultimos trinta dias. Não que elles fossem poucos, ou de pobres desmerecessem as attentões d'um historiador importante como eu, mas sinto a musa aguada para a chacota, e a bossa respigadora de escandalos n'um estado de depressão e esterilidade pasmosas. E não havia motivo para isto...

O sr. Guimarães Fonseca escreve folhetins para o *Purgatorio*...

Essa linha era o chόco de mil paginas picarescas para o ęstro mais acanhado e zambro. Eu pelo menos não tomava o sr. Guimarães a serio, se o tomasse d'alguma maneira. O sr. Guimarães faz-me cocegas. Quem é o sr. Guimarães?

O leitor não o conhece, mas não tenha pena d'isso. — Filipe do Quental, F. de Magalhães, e Silva Gajo castigaram n'uma das secções do Instituto estes imberbes da critica. A eloquencia dos meus amigos caiu em terreno sáfico como a semente da parábola. O menino Fonseca, fez-lhes lá do seu palheiro uma negaca, e expectorou um zurro. Eu tenho pena d'este menino, palavra de honra. Pelos modos, elle diz lá coisas do arco da velha no tal *Purgatorio*. Dizem-me que embirra com quem toca flauta; pois, menino, se tem inveja, eu recommendo-o aqui ao sineiro da Sé Velha, que lhe ensina a virar a porca do carrilhão. Eu parece-me que havia de dizer muita coisa a este folhetinista *borrado* (a), se não conhecesse seu pae, pessoa de muito respeito. Havia de provar-lhe que ao poste da chronica d'onde se erguia o sr. Carόlo só podia descer o menino Guimarães. Era facil vasculhar depois uns laços de parentesco entre o pégaso da *Saudade* (b) e o Pixérécourt de Jules Janin; e de tudo isto, penso eu, havia de inferir-se que o menino Fonseca é um tόlo. Ora este menino é tambem muito ingrato. Pois manda-me cá a sua criada a pedir-me os numeros do *Atheneo*, e depois diz mal de mim? Isso sempre é de muito máosinho, menino Guimarães. Ora escreva, escreva, e diga tudo o que quizer, mas não diga bem do *Atheneo*, nem dos seus redactores. E quando voltar á terra onde vio pela primeira vez a luz do phosphoro, peça ao padre cura que lhe diga o que vale um *ingrato*.

Eu não castigo o sr. Guimarães. Transcuro para o sr. dr. Ruřno a gloria de corrigir o pequeno quando elle lhe falhar á taboada.

Agora uma reflexão. Não é para o travesso do folhetim. O menino não merece nada, e menos o desperdicio d'uma tira de papel.

Eu não sei se é facil ainda hoje harpoar com o latego da satyra os mil e um ridiculos que sobrenadam á tona da sociedade.

Os bodes emissarios estão por ahí tão patentes á expectação do vulgo; os vergões, que a garrocha lhes imprimiu no dorso, asylo immune de amabilidades taes, exhibem-se tão claramente manifestos, que não sei em verdade como crer no possivel de verberal-os com um novo supplicio, a não considerar-se já um atrevimento impio a ancia de adivinhal-o.

Aristophanes e Cervantes, Lesage e Molière, Boileau e Juvenal, Casti e Fielding, seriam prophetas? Estas perguntas inguicam-me por vezes o espirito logrando convencil-o de que a resposta deve de ser affirmativa. As pustulas sociaes, que o trépano d'estes grandes mestres não bastou a cauterisar de todo, serão as mesmas de hoje no confronto dos symptomas, ou poderemos diagnosticar-lhes n'aquellas ou n'estas provas de indole heterogenea? Eu de mim penso que o Gil Blas, o Jorge Dandin, o Tom Jones e o Dom Quichote hão de passar de posteridade em posteridade como altos prodigios d'uma presciencia mirífica. E já agora, muito de intimo o digo, hei de morrer n'esta sancta e piissima crença. O Sganarello é o prenuncio do marido actual; o Tartufo a preexistencia dos hypocritas do seculo dezenove. Isto para mim, repito, é ponto de entranha fé.

E se por ahí ha algum satyrico embrionario que pertenda pór-me pecha ao que levo dito, discorra a sua desconfortada vista pela satyra 3.^a do liv. 2.^o de Horacio, e diga-me depois se o historiador latino não antevira n'aquelle seu adivinhar de penetração dupla este bem aventurado seculo de *bestas* dinheiras, que nem as unhas do José Agostinho eram capazes de esfolar. Quem será o novo Ausonio que virá ao mundo com a gloriosa missão de cantar estes Cressus quando o espirito se lhes escapar para as fomalhas de Satanaz a ouvir os convicios e os chascos grossei-

(a) Peço venia a Evaristo Basto. Este capacete de neve que o illustre folhetinista afeiçoou n'outro *engenho* vem agora como tentativa extrema, para a testa anfractuosa d'um mentecapto.

(b) Eu não sei se o sr. G. F. vale um *pégaso*. *Saudade* sei eu que se chama o periodico por onde elle despejou as suas primeiras ejaculações poeticas. E a não ser alado o quadrupede exalce-se então a generosidade d'alguns nomes sympathicos que o sofriam n'aquella redacção.

ros d'essa gentalha, que por cá lhes vai ainda assoprando o vil fumo de assafetida com que até se enoddam de torpes cambiantes os seus proprios thuribulos de latão?

Quem quer que seja penso, com profunda magoa o confesso, que esse tal virá tarde.

É de pouco avisado seria dizer o contrario em face d'uma immensa barreira de necrologios, que ahí está sempre prompta a reivindicar foros de honradez para toda essa copiosissima tribu de marotos, que de anno a anno se escóda pela dala dos cemiterios.

Ora quem realmente perdeu muito n'esta deploravel anticipação foi a nobre classe dos escriptores ociosos que hoje se acham infecundos ao fantasiarem para as suas victimas novos zarchunchos d'uma critica despiedada. D'antes o tólo era um homem original. Hoje não, senhores; os parvos são copias, copias muitas vezes safadas de typos que passaram, e dictos *excentricos* na algaravia d'elles. Sabiam isto esses talentos inspirados que acima por seus nomes chamei á fala. E por que o sabiam evidente se mostra que lhes não contentava as aspirações o prazer ephemero e instantaneo de castigarem, nos salões ou nos cafés, nas praças ou nos passeios, com o acerado das suas ironias causticas aquella ou est'outra feição grutesca que mais destacava d'entre os bustos dos seus convívios particulares. Era preciso o livro, o monumento, a historia. Veio tudo. Levantou-se o marco e escreveu-se a legenda.

Legenda sem data. Sem data, porque alli não se archivavam os successos do presente, diziam-se os destinos do futuro, do amanhã em que o homem devia depois de tudo acordar inhabil para crear parvoicos. O seculo é dos tontos. Diz a taboleta: *Guimarães Fonseca*.

Admittidas estas sumarentas verdades, a chronica n'esta terra é impossivel, e *Revista de Coimbra* vem a ser um titulo posposamente vão, uma epigraphe ridiculamente pretenciosa, um embeleo arditosamente mascarado em composura de seriedade. Ou, mais bem definido, *Revista de Coimbra* é frase sem sentido, é locução sem idéa, é estylo sem assumpto.

Por mais que me digam, as coisas d'este mundo não caminham direitas, e a humanidade corre demasiado apressada para baquear-se, mais cedo ou mais tarde, n'aquelles horrendos boqueirões de que reza em tremebundo estylo o sabio e venturoso auctor do *Speculum vitae*.

Pelos modos, d'antes isto não era assim.

Quando as mãos travessas do menino vendado se divertiam a brincar com as melenas brancas do poeta Alcibiades;

Quando Horacio se desafadigava no regaço de Lydia das insomnias que lhe custava a sua arte poetica;

Quando Tibullo e Catullo se demasiavam em innocentes galanices deante de Delia e Lesbia;

Quando Ovidio bolhava lagrimas estuosas nas mãos trémulas de Corinna;

Quando Boccaccio jeremiava ternissimas queixas aos pés de Fiammetta; e finalmente quando Socrates deixava os bancos da eschola para ir dizer semsaborias a Glycère de Sycione: o mundo era melhor do que hoje é; a vida coava-se por uma santa e eterna homilia que não queimava, como as de hoje, os labios dos celebrantes, nem os ouvidos dos penitentes.

Quando Milton, cego e apoiado como Homero a um bastão, vendia por dez escudos o melhor dos seus poemas;

Quando Torquato Tasso escrevia á sua gata um soneto, que eu nunca li, mas onde me consta que lhe pedia a luz verde dos seus olhos:

Non avendo candelle inscrivere i miei versi.

Quando Savage apanhava nos algares de Paris o papel que devia acolher-lhe as inspirações do seu genio;

Quando Vaugelas legava o seu corpo a um gabinete de anatomia para que o preço do seu cadaver pagasse os remedios que mais depressa o mataram;

Quando, em fim, tantos outros talentos de igual vulto, como Dryden e Ariosto, Henri Estienne e Justi-Wondel, (não fallo em Camões, que já faz piedade atirar tantas vezes com esse opprobrio de eterna vergonha ás faces d'esta degenerada raça de villãos) quando, digo, esse brilhante cortejo de poetas tinha o máo gosto de comprar com os horrores da fome os pergaminhos d'uma gloria immorredoura, a existencia era para elles uma noite transitoria, cujas trevas devia r-xpel-as o sol que se erguia além do sepulchro.

Ora vão lá dizer aos poetas de hoje que amem como n'aquelles tempos se amava, que vivam como então se vivia. Hoje não se ama em verso, ama-se em prosa e em villissima prosa. O leitor bem sabe como é, e, senão sabe, eu não posso dizer-lh'o em letra redonda. Hoje morre-se de indigestões; mas o que de certo não mata ninguem é a aversão aos restaurantes.

Entenderam os cathecumenos da eschola moderna que Descartes fóra o philosopho de mais juizo, quando disse «que os bons bocadinhos não eram só para os parvos» e desataram a comer que é uma coisa pasmosa.

D'esta bemaventurança abdominal resultou o que era de esperar; dizer mal de tudo e por tudo, de todos e de todas, não acatar a probidade do proximo, nem a castidade da proxima; e, resumidamente, desancar a humanidade com o mesmo amor com que Xerxes um dia se lembrou de ameigar as vagas do salso elemento.

Isto é realmente uma infamia. N'um paiz onde o cidadão benemerito se lembra de retemperar as molas do giro social augmentando, por artes de sua invenção, o numerario que escasseia no mercado; aonde o marido avisado confia das praticas moraes *historias peccare docentes* do primeiro Tartufo a consciencia vacillante da esposa tresmalhada dos deveres conjugaes; aonde o primeiro salteador, versado na administração de fortunas alheias, póde reclamar para a sua inspecção os bens da viuva e do orphão (a); n'uma terra d'estas dizer mal é mesmo officio de quem não tem que dizer.

(a) Veja os jornaes d'esta terra do verão de 1859.

Isso realmente é assim. Eu, meus caríssimos burguezes que porventura me lerdés, também estou varado d'estas pias convicções; mas em fim é forçoso acceitar o facto pelo que elle é, e não pelo que de vera de ser. E que vos importa, no meio das vossas delicias de pachorrento ocio, as flatulencias que nós outros escrevemos contra a brutalidade da vossa estúpida inercia? que mal vos fazem as satyras dos meus amigos poetas? os apodos dos meus collegas romancistas? e as chancas desapimentadas d'este humilissimo chroniqueiro? A providencia dotou-vos com uma intelligencia capaz de não entender nada, e, crede-me, bemaventurados da cartilha, que n'esses fóros inaufervéis a vossa vingança é cruel. Esperae-nos lá a todos, nas vossas espeluncas de rebatedores, quando, entre espirros e arrotos, estiverdes assobiando com estridulos sorvos a avarenta pitada de sordido e nauseabundo simonte, e então nos direis como se deixa a tripeça para vir com mão callosa e cebenta descontar a cincoenta por cento titulos onde involuntariamente a penna omittiu uma virgula sem consequencias.

O signatario d'estas paginas teve um momento lucido em que escutou um judicioso vaticinio da sua sibylla. Provou-lhe esta n'um estirado aranzel a inhabilidade da sua musa para escrever hoje uma chronica decente. Desconfia a senhora que se me obstruiu a veia do siso para vir dizer aqui, n'essa desempenada contumelia, cousas que se não dizem nunca n'uma terra pequena, e principalmente a uma classe honradamente laboriosa, aonde, para maior agravo, o author gosa de estremecidas sympathias.

Torno a ler os ultimos periodos que escrevi. O arrependimento diz-me que a reprehensão é justa. Ia caminhando sobre um volcão. *Incedo per ignes...*

Coimbra, Janeiro.

VIEIRA DE CASTRO

Separe-se da chronica uma commemoração triste...

Morreu a ex.^{ma} sr.^a D. Amelia Adelaide Pinto Casal.

Não se mareie uma existencia pura com a myrra vulgar de saudações pósthumas.— Não têm historia as flores que vem á terra exhalar um perfume de Deus para depois desmaiarem sobre a haste.— A ambula que encellava aquella alma, grande para o mundo, partio-se, e o espirito do anjo revoou para Jezus.

Nasceu na antemanhã d'um dia lindo. O primeiro hausto de ar sorveu-lhe para o coração as primeiras caricias do astro do Senhor, e aos seus labios de virgem refluiu instintiva a oração de MARIA.

Mas quando ao pé da grande Luz cahia a cortina do crepusculo, a pomba bateu as azas para que se lhe não innublassem os olhos nas cerrações da noite.

Amelia nasceu e expirou assim.

V. DE C.

Correcções do n.º 3.º — pag. 65 — onde se lê — derrubava — leia-se — derribava; anno — annos — pag. 67 — onde se lê — influencia — leia-se — infancia; pag. 69 — onde se lê — rigorosa — leia-se — vigorosa; dou — elevo.

REVISTA

PERIÓDICO MENSAL, SCIENTIFICO E LITTERARIO

REVISTA DE CIENCIAS, LINGUAS E HISTORIA

REDACTORES

Castillo Castelo Branco — A. de Vitoria de Castro
e. Vitoria de Noite

CONSELHO DE REDACÇÃO

A publicação do ATHENED será continuada em series de oito numeros. A
primeira serie delimita-se com o mez de Outubro de 1889 e o mez de Maio
de 1890. Distribua-se ao ultimo dia de cada mez.
Assigna-se e vende-se: — em Coimbra e no Porto nas lojas de Sr. Moniz —
em Lisboa na Livraria Central, rua do Ouro n.º 113; e em todos os Srs. Com-
missionarios da Imprensa da Universidade.

PREÇOS

Em Coimbra	12800 reis
Provincias	15010
Aviso	300

CONDICIONES

Toda a correspondencia deve dirigida, franca de porte, ao Ill.º Sr. Director
Visconde Ray Forquades — Coimbra.

IMPRESSA DE REDACÇÃO

O ATHENEIO

PERIODICO MENSAL, SCIENTIFICO E LITTERARIO

PRIMEIRO ANNO

28 de Fevereiro de 1860

N.º 3

SUMARIO

VISÕES, por A. A.

AUGUSTA.

ALCYNA, *romance*, por J. C. Vieira de Castro.

BEATRIZ, *poesia*, por João de Deus.

HISTORIA E CAUSA DA DECADENCIA DOS BONS ESTUDOS, por Antonio Nunes Ribeiro Sanches.

UM TEMPORAL NA MADEIRA, *poesia*, por Joaquim Pinto Ribeiro Junior.

CHRONICA, por A. Victorino da Motta.

O ATHENEO

PERIODICO MENSAL SCIENTIFICO E LITTERARIO

PRIMEIRO ANNO

22 de Fevereiro de 1860

N.º 3

SUMARIO

Historia e cartas da provincia de	Alagoas, por A. A.
nos Estados, por Antonio	Aguiar.
Historia da	
em tempo de J. C. Vieira de	
Joachim Pinto Ribeiro Junior	Castro
(chronica), por A. Victorino de	

VISÕES

O Racionalismo e o Christianismo

Quando as palpebras cerrando-se m'escondem o mundo das realidades, os olhos do espirito voltam-se para o mundo das existencias ideaes. As vezes a felicidade e a esperanza vêm consolar-me então; muitas vezes, porém, os sonhos máus me perseguem; e por bem alto preço me saem os instantes de ventura transitoria, trazidos por visões consoladoras.

A. HERCULANO.

VISÃO PRIMEIRA

I

Era na hora, que precede cerrada a ante-manhã.

Longa me tinha sido a noite velada á luz do candieiro sôbre a página de livros, que a Allemanha diffunde por todos os povos, como o vento varre por todas as nações o cholera do Ganges, sacudindo assolação sôbre todos os povoados.

O corpo alquebrado tinha-me pendido em torpôr escadelecente, e eu buscára o meu catre, como se para o meu anhelar de lenitivos me fôsse alli guardada.

O espirito do Senhor baixou então sôbre o meu espirito, e inundou de luz as trevas do meu pensamento.

E eu vi.

Vista foi essa de horrores, que ainda ao lembral-os me regelam o sangue e para cujo descrever não sei de palavras em linguagem de homens, que vivas as retratem.

—O coração do homem é um como molde, em que o sentimento vaza acendradas as concepções da phantazia, as maguas da saudade, e as aspirações do futuro.

Como o excesso de metal candente, vazando-se no molde, o fende e despedaça, deixando defeituosa a estatua; assim o excesso do sentimento, rompendo do coração, só tem para enviar aos labios palavras inintelligiveis, phrases incoherentes.

Não, não venham pedir-me o pautado do rythmo, quando a angustia me trocar as palavras em lagrimas!—

Ao principio, obscura e confusa, a scena deixava apenas descortinar-se; e só o arruido de fallas, pragas, e maldições me estourava nos ouvidos como o fragor da vaga espedaçando-se em extensos alcantis de praia solitaria.

Pouco é pouco veio depois aclarando a meus olhos. Vasta era a região em que a scena se passava:—era no coração da Europa.

E eu achei-me alli transportado em espirito, para vêr o horroroso espectáculo, para escutar as infernaes blasfemias, que por escriptura me vou agora a manifestar.

Quem tiver ouvidos para a verdade, ouça: quem tiver olhos para a luz, veja: quem tiver coração para a piedade, amerceie-se. O Senhor vê nas entranhas dos nossos pensamentos, como o homem vê no transparente do crystal.

II

Extensa região era aquella: o céu anuviado e negro de bulções sôbre lhe pezava como campa chumbada em sepulchro: luzir de estrella, melancolico e suave, não rompia atravez da cerração.

Era a hora, em que o poderoso se delicia nos bailes e se embriaga nas orgias; em que o indigente treme entanguido sob o tecto nú e clama a Deus o pão quotidiano; em que, ao passar juncto do brejo arraiado de fogos fatuos, o camponez sente confranger-se-lhe de pavor o coração, e a bocca lhe reza rezas inaprendidas. Era a hora dos mysterios: mysterios na natureza e mysterios no coração do homem.

E foi então. Em volta de cemiterio, longo e vedado por altos pannos de muro, enxameavam, em tripudio obsceno, vultos de homens indiscriminaveis e ruidosos: as phrases torpes e as gargalhadas insultuosas d'alli partidas res-trugiam-me nos ouvidos como assonancia de mil gritos de condemnados, casados n'uma só blasfemia.

Palavras com que se alentavam, não são para referir-se, sem se debulharem olhos em lagrimas e o corpo cair em joelhos, afervorando orações.

Gloria a Deus nas alturas, para que ponha nos meus labios palavras de consôlo, que esforcem o espirito, narrando visões que infiam medos em corações religiosos.

III

O negrume, que circumdava o quadro, começava clareando mui tenuemente, e os vultos appareciam já distinctas fórmãs de homens.

Cessára o tripudiar: — e vêl-os que accorrem englobados para a gradaria do cemiterio e lhe mettem hombros, tentando deschumbal-a do cantó immovel na muralha. A grade resiste e o ferreo portão geme concusso nos gonzos seculares.

Lá dentro, o ramalhar dos cedros e o menear dos cyprestes, açoitado pelo vento, vertem uma toada lugubre sôbre as lageas ennegrecidas dos tumulos. A coruja, esvoaçando em torno do cruzeiro, levantando na area central do cemiterio, apagou com a ponta da aza a luz que bruxuleava na lampada sagrada. As corôãs de perpétuas e de goivos caíram desfolhadas das urnas funerarias. — Vae lá um quasi profundo silencio que contrasta com o tumulto de affrontas e injúrias trovejadas fóra do ádito.

Redobrau de impulso os golpes na ferrea porta: as barras arqueam-se, cedendo: as dobradiças e ferrolhos estalam, partindo. Um ultimo impeto e eil-a que cae pedaços, dessoldadas as maciças hastes.

Como a ribeira, engrossada no inverno com os corregos das serranias, rompendo de encontro ao muro do campo, o alúe e, entrando furiosa, se espraia e leva comsigo o celleiro e os gados e o alpendre, deixando a devastação e a miséria e a fome; assim, rasgada a entrada, essa pinha de homens, como bando de abutres medonhos, se alastra por entre as campas, para começarem a sua obra de impiedade.

Tranzido de horror tentei desviar então as minhas vistas do barbaro espectáculo, e furtar os meus ouvidos ao terrifico das pragas: — embalde: o espirito do Senhor ordenou-me que visse, e ouvisse.

E as minhas vistas viram, e os meus ouvidos ouviram. — Grandé é o Senhor, que descobre ao homem as sevicias do perverso.

IV

A cruz estava hasteada firme sôbre todas as sepulturas. A piedade murmurára ahí, durante seculos, a oração que supplica a paz e esquecimento do mundo.

Mas os vultos amontoam-se-lhes em torno; e a cruz oscilla, e a lagea partindo-se deixa a descoberto os esqueletos carcomidos.

Um rugido soturno de contentamento, reboou então de todos esses homens, ao colherem ás mãos os ossos escarnados de seus paes. Era um rugido satânico.—A cruz ficára outra vez immovel.

Do centro do cemiterio soou em seguida uma voz, chamando-os pelos seus nomes a juramento:—«Strauss, Bauer, Lutzberger, Feuerbach, Stirner...» e outros e outros que a minha memoria deslembra. Folgando e rindo eil-os correm por sôbre as ossadas como se por sôbre mimosas alcatifas de veludo.

—Meu Deus! meu Deus! que a impiedade assim folgue em meio do seu delirio!

Que homem é esse que, alteado no pedestal da cruz, e tendo em uma das mãos uma taça de licôr, e pousando a outra sôbre um craneo esburgado e lustroso, ajuramenta seus irmãos, para derrubarem a cruz, escarnecendo a memoria do Christo?

«A cruz é uma affronta, disse elle, á nossa liberdade; a crença de nossos paes um escarneio á nossa intelligencia; o suppliciado do Calvario uma ideia indigna do nosso sentimento. Juremos, pois, derrocar a cruz, apodar a crença, aniquillar a ideia.»

«Jurámos,» disseram todos, pondo cada um a mão sôbre a caveira fria e descarnada de seu pae, arrancada ao repouso do tumulo! E a terra tremeu a essa jura, como se vulcão violento lhe palpitasse impetuoso nas entranhas, sem conseguir resfolgar fóra.

—O cemiterio é a historia da crença d'um povo, como a historia é o cemiterio d'esse povo.

Como o tyranno insulta as recordações de grandes feitos, rasgando as páginas da historia, a planta do impio ultraja as virtudes da fé, calcando os ossos nus de seus maiores.

Paz e quietação, ó meu Deus, para o meu cadaver sob a louza da sepultura!

Já que, sacerdote da cruz, não me é dado escutar alli a oração afervorada pela piedade filial, possa, ao menos, descer-me com o orvalho da manhã a benção de meus irmãos.

—A mortalha da alma é a eternidade. Mas a do corpo é o esquecimento, a admiração ou o vilipendio.

O gusano dos sepulchros rõe menos o sudario do cadaver, do que a inveja a memoria do morto.

A alma, porém, está intacta perante o throno divino, aguardando o momento de entrar na balança.

—A baba do verme pollue as folhas da flôr que cáem para a terra; mas não altera o perfume que, embalsamando os ares, sóbe para o céu.

Repouso, ó meu Deus, para os meus restos no seio da terra, e misericórdia para a minha alma antes do julgamento final.

v

E a visão proseguia.

De repente aquella scena tão medonha de horrores furtou-se totalmente á minha vista, para dar lugar a outra não menos terrivel. Foi coma a rapida substituição d'um quadro na camara obscura.

Magestosa fábrica de antiga cathedral, erguida por braços robustecidos ao bafo vivificador da religião, me avultava agora ante os olhos. As torres e as cupulas e os coruchéus, apurando-se para os ares, similhavam as mãos unidas e levantadas do velho, prostrado em oração ao Creator.

Ao travéz dos espessos lanços das paredes eu contemplava, como se ao travéz de clarissimo vidro, o interior do templo sacrosancto.— Passava-se ahi espectaculo grandioso de sublimidade.

Vestido todo de viçosas e recedentes flôres, e allumiado de mil lumes elevava-se ao fundo um magnifico throno sôbre o qual em riquissimo vazo estava a HOSTIA.

O incenso, requintando de suavidade com o aroma delicadissimo das flôres, derramava-se em nuvens na amplidão da nave, aonde a nota solemne do orgão, como se fôra extraída por mão d'archanjo em concerto celeste, vinha sussurrar melodiosa.

Perante a ara santa, caídos todos em joelhos sôbre as duras lageas do pavimento, viam-se promiscuamente as cans do ancião rareadas sôbre a testa pallida, e as madeixas negras da virgem, descendo enoveladas em aneis lustrosos sôbre a candura do seio; e entremeavam-se graciosamente as tenras faces dos meninos, com os rostos crestados dos guerreiros, e as fronte sulcadas dos magistrados.

Um só principio ahi os unia—Deus; e um só fim—a oração.

Emquanto no recinto do templo, todo banhado de luz e de perfumes e de hymnos, me deliciava a vista este espectaculo tão unguido de crença viva e tão repassado de poesia divina, fôra, na profundeza das trevas exteriores, rugia a cólera impotente do blasfemo e a impiedade maldita do atheu.

Pensamento era diabolico o que ahi congregava esses vultos sinistros, que á mingua de palavra se davam reciprocamente o nome de—*philosophos*.

—A philosophia esmaga-a a pedra levantada d'um tumulo.

Philosopho é o homem que vê na vida d'alem-mundo o balsamo das angustias terrestres.

Philosopho é o coração que interpreta o ai do moribundo no limiar da

existencia, como ineffavel saudação da luz radiosa que, através do lençol funerario, lhe aclara uma existencia sem limites.

Grande és, oh Deus! que permittes ao verme envolto no seu lodo o ajuntar o zunido ao cantico inenarravel, que dos milhões d'orbes na amplidão dos céus sobe para o teu throno.

Misericordiosissimo és, que consentes ao homem o elevar-se das profundezas do seu nada, até á concepção da tua Omnipotencia!

E seguia a visão.

Extremo esforço de sacrilegio ia ahí travar-se.— No pallor das trevas sentia-se a espaços o choque soturno de ferros.

Não era o tinir sonoro da espada do soldado, lampejando ao sol brilhante das batalhas, em defensão das liberdades queridas da patria, contra inimigo estrangeiro, não. Não era o afeiçoar da lamina em braza sôbre a bigornia, para máchina civilisadora, ou para relha fecundante da terra, não.

Som era esse como o aspero roçar da broca, nas mãos calosas do cavouqueiro, rasgando as entranhas da penedia. Era como o vagaroso arrastar de cadeias no ultimo lagedo de calabouço sombrio, por matricida allucinado de terrores na vespera de subir ao patibulo.

É que desde muito haviam elles tentado a lucta das ideias; mas debalde: a crença enraizára profunda.

— A ideia mundifica-se no purgatorio da discussão. E da discussão, como do embate dos corpos nasce a luz, tinha saído sempre a verdade, e com ella o confôrto do animo.

Era, pois, mistér tentar outro meio — o da força:

Porisso é que a alavanca buscava embeber-se destruidora nas fendas do solido cunhal do templo. Minados os alicerces, as assombrosas moles de granito da abbobada secular, desabando do alto, viriam esmigalhar-se no pavimento, tingindo-se no sangue espirrado dos membros do crente surpreendido no fervor da oração.

Infernal era a tarefa em que se emfrenziavam. E a minha alma debatia-se horrorisada em torturas incomportaveis.

No auge da lida, reunidos os braços e os esforços, o impulso cresce vigoroso, e no vertice augusto do templo a cruz principia a vacillar... a vacillar...

Acordei.

Como o enfermo, apoz longa noite de martyrio, tendo repousado a cabeça trabalhada por doença febril, acorda com as faces afogueadas, os olhos cha-

mejantes, e o suor a manar-lhe copioso da fronte; assim eu de subito acordei com o corpo meio erguido no leito, apoz bem curto descanso;— se descanso ahi houve.

A luz do sol nascente, em toda magestade e doçura de formosissima manhã de primavera, inundava-me o quarto e brincava em ondas de fogo, estirando-se no despido sobrado.

Fóra, com ufanía de verdura e de flores, viçava a florida acacia perfumada com a silvestre madresilva, que desde a raiz se lhe casava, enredando-se até á extremidade das ramas. E, melodiando sentidissimos quebros, soltava o rouxinol tão saudosos e improvisados gorgeios, que era embriagar de delicias ouvi-o.

Generoso é o sol que, derramando-se em chuveiros de luz, mostra ao homem a altura do abysmo, sôbre que levantára o pé imprevidente.

Benefica é a flor que, embebecendo-nos de perfumes, nos adormece as máguas, acalmando as tempestades do coração.

Abençoada é a ave que, desferindo as harmonias do canto, nos não deixa escutar os gemidos de agonias intranháveis.

Sublime é toda a natureza.— Só o homem é um enigma, sem chegar a ser um absurdo, na criação...

E, caíndo de joelhos, ergui as mãos para Deus; e do coração me rebentou espontanea e fervente a oração.

Infinita é a misericórdia do Senhor, que para o arrependimento deu ao homem a palavra e para alivio as lagrimas!

AUGUSTA

I

184...

Vejo-a ainda... Oiço-a, e fallo-lhe.

Nas suas palavras apalpo ainda um coração angelico!

Levei a noite com os olhos pregados na luz da sua camara; e eu dizia comigo: que as azas do anjo da consolação, Augusta! sacudam nos teus olhos o balsamo do somno da innocencia: dorme!

Eu vélo.

E que fiz eu ao Senhor para te vêr?

Amo o caminho do justo. Nunca blasfemei do seu nome. No perfume das florestas lhe envio eu sempre uma saudade de filho!

Leio em todo o seu nome: e na luz dôce da lua e no fulgor do sol, vejo eu o seu olhar de pae!

Eu que lhe fiz para te vêr, Augusta!

Não soffria eu já muito?

Muito!

Sempre que te avistava lá como a nuvem nas alturas do céu, do fundo d'este meu valle de lagrimas estremecia de medo!

— Medo — mas não de ti!

Medo, de mim!

Augusta!

A voz primeira da tua bocca foi um sorriso. Vejo-te ainda fluctuar para mim, como no alto da montanha longinqua, o lenço, que acena um adeus candido e ultimo á terra em que se nasce!

Augusta! para que me sorriste!...

Vêr-se entre-abrir o céu para cair nas penas d'este fogo... oh! eu te amo! Faltava-me isto para morrer depressa!

Tu és misericordiosa!

Mas não entra a luz de teus olhos no coração da homem? E não vês tu ahi um altar, Augusta!

E para ti!

Como a alma me voaria alegre, se eu soubésse que uma lagrima tua caía no meu tumulto!

Como eu seria poeta se a tua voz se enleasse uma vez nas cordas funebres da minha lyra!

Sorri-me ainda uma vez e fuge-me! leva esta existencia triste e inutil!

Como eu banharia nas lagrimas do meu amor a tua piedade, Augusta! se a ponta do teu pé me desviasse do caminho da vida!

Que faço eu em viver sem ti!

Se ao menos quando entornas pelo teu leito es tuas tranças, negras como o fundo do mar, soubésses que alguém véla o teu somno?...

Se ao menos quando alta noite descanças do teu somno primeiro, olhasses e visses nas trevas, como eu vejo, um nome incendiado!...

Oh! eu te amo!

Amo-te, e... foges-me.

E eu aperto ainda os teus dedos! sinto-os, beijo-os, e distante de ti, atrevo-me a... cair de joelhos!

— Medo?...

Tinha-ol!...

Para que o perguntaste?

N'uma avidéz de amor assim, os olhos até se alevantam ás estrellas do céu!

Amo-te!!

Mettes-me medo, e amo-te! e o coração alonga-se-me para ti, Augusta!

Teus olhos pairam sôbre a minha alma, e n'esta noite minha, vejo-te ainda, sol da minha vida!... Fuge!

Por sôbre a tua imagem curvam-se-me as azas do coração; como pela arca da alliança, as azas d'um cherubim! Vejo-te na minha alma, e isso... basta-me!

Eu o que posso da fundura d'esta miseria desejar mais do que avistar-te ao longe!... Pedra de Horeb!!

No deserto da minha vida encontro-te, derramas-me um sorriso, e... secas-te!

E quando foi que o sôpro do Senhor te fez passar, Augusta! diante dos meus olhos... lembraste!

No vestigio dos teus passos achei eu e perdi o caminho do céu: quando? e eu não te fallei então!

Minha mãe tinha-me dito sempre que quando a hostia se levanta, a gente curva-se.

E eu abaixava os olhos se te via!

E eu não te via!

Hoje, estrella! atravessaste o vacuo da minha alma.

E para que?

O coração é a bussola da felicidade: tu attrahias-me, sim e muito. Buscava-te ha vinte annos, e ha vinte annos que a barra do teu vestido se quebra em ondulações voluptuosas, no leito dos meus sonhos. Mas para que te havia de eu vêr?

Eu tinha medo!

Para que te havia de eu vêr, se para me rasgar nas silvas d'esta angustia... bastava-me uma vez!

Nunca te eu visse! que os teus cabellos, Augusta! prendem-se com uma fita de sêda; mas só uma talhada de marmore apaga um teu olhar assim!

Depois... tu fallas, e a tua voz... Augusta!!

Atta a minha pobre vida n'um teu cabelo, e corta-o!

II

Acabo de me levantar. e o meu signal da cruz é o teu nome.
 Era já dia quando cansado de te contemplar adormeci.
 Vejo-te ainda como estavas...
 Vejo-te e admiro-te!
 Lembras-te de quando ás vezes metade da lua nova, apenas luz, d'uma
 pallidez ineffavel?...
 Era assim a côr da tua face.
 A tua bôca tinha a côr do teu sangue; e o teu vestido caia-te da cinta
 solto como, do hombro, a tunica d'um anjo!
 E tu és um anjo, Augusta!
 És, que sei, e te amo como, o anjo da Annunciação, a Virgem!
 Eu acordei agora, e já o sol declina.
 O sol apaga todas as estrellas do céu, como este amor, todos os affectos
 que eu tinha.
 És o sol da minha alma; e eu amo a noite... Amo-a; que o céu é a face
 de Deus, e é de noite que eu vejo abertos todos os olhos da Providencia! vê!
 Depois, a noite é negra como os teus olhos negros, e os teus olhos bri-
 lhantes como estrellas!
 Sonhei contigo, sabes? Sonhei contigo!
 Estavas sôbre a tua ottomana, mas a tua ottomana era uma nuvem de oiro.
 A tua touca era um Orien; e a almofada dos teus pés, a cabeça achatada
 d'um tigre.
 E elle lambia a planta dos teus pés, Augusta! e os teus olhos allumiavam
 a sallá da luz da aurora...
 Tu, não sabes como eu te amo!
 É necessario ser-se bem infeliz para se amar assim, quando a distancia
 que nos sepára é a de duas estrellas que se buscam ha seis mil annos!
 Tu estás u'uma, e eu na outra das mãos de Jesus crucificado: fechar-se-
 hão algum dia os seus braços ao amor dos homens? Nunca!... E as nossas
 almas ver-se-hão sempre, Augusta, dos limites oppostos do infinito!
 Bem tinha eu medo de te vêr! de te falar, de te ouvir!
 Diante da arca de Deus, Dagon caíu, e as mãos e os pés quebraram-se-
 lhe!
 Eu sou o idolo dos Filisteus...
 Resta-me o coração apenas para te amar, e amar, oh! se hei de!...
 Quando a harmonia da noite, e que é talvez a harmonia das espheras,
 côa em minha alma um gemido longinquo... esse gemido é teu!
 Quando as ondas se alevantam ao céu, e caem em espuma alvissima,
 eu lembro-me de quando diante de ti... ponho os olhos no chão! Amo-te,
 não sabes como, e nem eu sei. Deus que mede d'um passo o infinito, sabe
 que te amo a ti!
 Não sei eu se os teus labios estão virgens da lagea d'um sepulchro; se
 alguma vez caíram lagrimas dos teus olhos, Augusta! em quem dormisse n'al-
 gum resto de... marmore. Não sei se á noite cheia e oancada das delicias do
 dia tens sempre adormecido sorrindo-te como em menina; se os teus dias só
 tem sido uma grinalda de flôres e o vestigio dos teus passos na vida, asseti-
 nado, e leve como a nota d'um anjo. Não sei; mas se alguma existencia cara
 e inalienavel te deixou a ti solitaria, como Christó deixou a cruz no seu des-
 cimento; se alguma vez ao olhar para o passado do alto da saudade sentiste

o corpo converter-se-te em estatua de sal, Augusta!... has de me perdoar que te ame!

Arrasam-se-me os olhos de agoa de te fallar assim, e eu não te amo! Se te amasse havia de nadar em gosto!

Sim: eu que me lastimo assim, é que este amor é um calculo: vés?

E eu aborço os homens pela sua baixeza, e eu amo o ermo e a solidade!

Vil que eu sou!

Oh! mas n'esta eschola de egoismo, se alguma parte me coube... tu perdoa-me! Se não te amo como devo, eu amo-te!... e o amor—é amor!—

Augusta!

Que sonho é este meu em ti, e eu que escrevo, e que fallo, se o teu corpo é o fumo do meu lar!.....
Se o teu coração é para mim o incenso que se derrama em essencias, mas que pertence a Deus!

Eu o que espero de ti, se á tua porta ha hyeroglyphicos de marmore, e o meu tecto é de colmo!

Ha duas castas de almas; e a mão direita de Christo é para as nobres!...

Fizesse-me a guerra a mim imperador! levasse-me a sua lava assoladora até á altura d'um throno! e já os teus pés assentariam bem na minha purpura de sangue, e a minha corôa de lagrimas te ajustaria na cabeça.

Eu tenho uma alma, e só no céu, estrellas que te coroem!

Oh! quando á meia noite o sol passa debaixo dos meus pés... é de lá mesmo que a aurora me acena...

Nem vae em meio a flôr da tua vida; e a mim cáem-me já alguns flócos de neve! Tu, Augusta, és formosissima; eu formoso não tenho se não um coração que te ame!

As iuas plantas até se magoam talvez em tapetes de susa; eu não pisei nunca senão a areia d'este exilio do pobre!

Amo-te, e é quanto possuo e quanto sou!

Queres-me?...

Augusta!!

ALCYNA

ROMANCE

CAPITULO IV

○ camarote de Julio de Mendonça no theatro de S. João, era o numero tres da primeira ordem.

Quando um dos seus lacaios franzira um rico panno de rãz, que elle mandára collocar no interior da porta, representava-se o segundo acto da *Semiramis* e cantava no palco M.^{lle} D.

A graciosa cantôra attrahia n'aquelle instante aos seus labios, *nacarados* na opinião dos folhetinistas da epocha, por um magnetismo de inspiradas harmonias centenares de almas que vinham alli n'um abraço commum haurir o ether subtilissimo d'uma melodia sublime. Podia dizer-se muita coisa a respeito d'esta mulher, que ia todas as noites nos flacidos coches d'um homem opulento ao theatro de S. João, afrontar com a nobreza do seu orgulho legitimado de artista as iras flatulentas d'uma plebe amiserada que se agacha sempre para levantar uma pedra, quando se olha incapaz de medir forças em lucta de competencias. O melhor é não dizer nada. Os seus affeioados que a encommendem a Deus, a actriz sympathica. Não pensem que o adjectivo é um pretexto para dar vulto á phrase. D... era sympathica, e era bella tambem. No caprichoso composto de todas as suas feições estava tudo o que eu entendo por indispensavel á belleza.

O bello não é a perfeição incorrigivel das formas; é o contraste insolente d'uma natureza petulante. O bello não é o arroio que serpêa placido ao fundo d'uma vargem; é o mar que se revolve procelloso em escarcêus nos gargalos d'uma penedia medonha. O bello não é o sol, nem as estrelles, nem a luz; é a tempestade, é o relampago e o raio. O bello não é o colorido de Tiziano, é o traço arrogante de Miguel Angelo. O bello não é Chateaubriand nem Lamartine; é Danton e Mirabeau.

Julio de Mendonça, ao entrar no camarote, disse baixo para Augusto de Sousa,—indicando-lhe o logar inferior: «aconselho-te aquella cadeira para poderes gozar duas vezes a um tempo.»

—Acceito com prazer.

Augusto sentára-se, e Julio tomando um binoculo de sôbre uma capa de marthas que alli estava a um lado, corrêra com elle indifferentemente alguns camarotes da segunda ordem, demorando-o em cada um o instante preciso para reconhecer uma pessoa meditadamente procurada. Era de sua irmã aquella capa de marthas, e se Alcyna não viera para o seu camarote devia de estar com alguma das suas amigas. Mendonça encontrou-a finalmente no n.º 12, deu o oculo a Augusto de Sousa e assentou-se defronte d'esta com grave escandalo d'uma carocha que lhe fazia uma cheirosa vizinhansa no camarote immediato. Foi o caso. A louca da mulher era baroneza havia perto d'um anno, porém affeita a domesticar a sua volumosa cabeça na séria medição de consideraveis quintaes de bacalhau, julgára-se depois com todo o direito de vir cabecear o mesmo compasso ás composições de Verdi, logo que inscrevesse o seu antigo nome de guerra, *Joaquina do Ferrador*, o mais celebre das avós, no archivo das tendeiiras aposentadas. A antiga senhora Joaquina, n'um devaneio de mais subido inthuaiasmo, depois de disparar tres sigittiferas olhaduras á condescendencia lorpa d'um *roué* na plateia inferior contava a um antigo empregado do contracto de tabaco as suas proezas de 1830, epocha em que o feliz adonis completava apenas os seus vinte e cinco annos, começou a distender por tal modo o seu conservatorio musical para dentro dos dominios de Julio de Mendonça, que este pensou ter sôbre a cabeça o pêso imminente d'uma influencia electrica. Avergando aos sustos e tambem ao pêso, Julio tirou do proprio mêdo a coragem guerreira, e sacou para o ar um violento impuchão, de tão mirifico resultado que o deixou respirar livremente, entregue, porém, á laboriosa investigação das causas do phenomeno, e á falsa e intima convicção de que não poderia ser uunca cabeça humana o reagente que produzia o choque. O nariz da sr.ª Joaquina, vermelho como o lenço da cara metade, foi emhater fulo de raiva nas ventas dilatadas do anafado barão, que rezoou por entre dentes uma praga digna do saudoso calendario do antigo merceiro; aos ouvidos da baroneza chegou tambem o ruído impertinente d'algumas gargalhadas mal reprimidas, e isto açulou-lhe porventura o phraseado da sua resinga já encetada. O caso foi que Joaquina do ferrador impoz á jubilada tendeira a missão de desagruar a honra offendida da nobre baroneza, e apesar de que a plateia só fruiu as variantes da mimica, foi opinião geral que e desforra não desvalêra em nada a provada reputação da biliosa neta do primeiro dos ferradores. A ideia de que o ingrato amante da sr.ª Joaquina, que pelos seus raros cabellos a arrastava de precipicio em precipicio até ao abysmo da infidelidade, a ideia, repito, de que o ingrato se rira tambem com a turba incivil, fazia espirrar de furioso despeito o brioso pundonor da moderna baroneza. É para mim ponto de fé que almas de manteiga derrem com facilidade ao menor reverbero do amor. A alma da tendeira, com camarote de assignatura no theatro lyrico, tambem derreteu em pus fedorento pelos cantos da bocca, riscando duas parallelas na maxilla inferior. Para se colher alguma utilidade d'esta curta deambulação, que o auctor fez por sacrificar á verdade minuciosa dos factos historicos archivados no seu romance, diga-se em sentenciosa phrase, que tão destemido era ha onze annos o cidadão portuense que tomava um logar no theatro sem prevenir a invasão dos arrabaldes, como temerario é hoje o que se arrisca á fortuita concurrencia d'uma berlinda em viagem para Braga.

Descêra finalmente o panno ao assobio inexoravel do nervoso contra-regra. Evacuaram dois ou tres renques de cadeiras algumas senilidades ávidas de encasarem ás afumeadas nuvens de lazarento cigarro uma lastimosa repetição das notas do ultimo quarteto; o janota impreterivel, apoiando-se nas costas do

assento fronteiro, afeiçãoou-se de maneira mais commoda para reatar a interrompida contemplação da sua *diva* que, verdade verdade, não sei se era *casta*; e pelos graciosos labios das senhoras começaram a esperguiçar-se em branda molleza os mysteriosos braçinhos d'uma murmuração incipiente. Discutiam-se entre as diversas fulaninhas, as importantissimas controversias de antiguidade e gosto nas variadas *toilettes* das sicraminhas. Qual afirmava que o vestido de *moire-antique*, guarnecido a escumilha, que trajava a viscondessa de Chellas, era o mesmo que ella levára ha tres mezes ao baile do commendacor *Murtha*; consumia todas as véras da sua reminiscencia para se oppôr a isto uma menina, desinquieta como a logica da sua argumentação, que toda se remechia para convencer a mamã de que o vestido alludido não tinha aquellas mangas de sino franjadas com renda de *guipure*. Francisquinha provava ás manas que era feia a *coiffure* azul e branca da prima Narciza e de pessimo gosto a *berthe* orlada de veludo da prima Annica. As outras Francisquinhas evidenciavam finalmente muitos axiomas de tão momentoso interesse, e como n'aquella noute o baile do Viscondé de Ranhados fizera apparecer no theatro algumas damas antecipadamente adornadas, por isso não resvalou ao curioso e impertinente da analyse nem um enfeite, nem um *bandó* ripado, nem um *cachepeigne*, nem um *tulle*, nem um *blonde*, nem uma *brilhantina*, nem um tufo nem um rufo, nem finalmente quantas invenções mirificas se têm lembrado de rufar no nosso vocabulario paciente o capricho das *andrilhacs*; de milagrosa nomenclatura.

Augusto de Sousa passeára o oculo pela maioria dos camarotes e volvéra depois a assestal-o mais detidamente n'alguns já observados. Julio reparando no seu silencio admirativo, disse-lhe interrompendo-o:

«Acho-te muito intretido no teu exame, meu Augusto.

— Na verdade, são lindas as tuas patricias. Eu estava muito bem aconselhado a respeito dos seus iucantos por muitos elogios competentes, mas declaro-te que as acho ainda acima da minha expectativa. É admiravelmente bella esta mulher que está defronte de nós com vidrilhos pretos na cabeça: conheces?

«Conheço. Aquella mulher, que tu alli vês com angelicas perfeições para sublimar até á quinta essencia do lyrismo as idealidades d'um novo Roméo, foi vendida ha dois mezes por ess'outra creatura espherica, que lhe está desluzindo a transparencia do cóllo com os vapores do hálito manteigoso, áquelle homem de bigodes negros, que vem para estes balcões exhibir ao público os milagres da sua mercancia dinheirosa.

— Tem ella um soberbo cóllo, disse Julio affrontando a torrente palavrosa do seu amigo.

«O artista fez-lh'o de marmore para não desmerecer da natureza da substancia.

— Parece-me que a vejo de vez em quando corresponder alguns sorrisos com uma creança de dezoito ou dezanove annos que está no camarote proximo, como se alli fôra pôsto adrede para lhe disputar rivalidades.

«Bem vejo. Gostas d'aquella mulher?

— Muito. Encanta-me a innocencia das suas maneiras, adivinho-lhe uma terna saudade nos reflexos melancolicos d'aquelles olhos capazes de immortalisarem a paixão no sacrificio, e leio não sei que de triste no diaphano d'aquella palidez mesta. Deve ter uma historia aquella mulher, não tem?

«E uma bella historia! Pódes advinhal-a tu ouvindo apenas as duas linhas do prologo. Aquella mulher surgiu ahí nos salões da mais escolhida sociedade quando a luxuosa e candida phantasia de R. G. librava as vigorosas

azas para o mais alto das suas inspirações. Foi elle quem a creou e foi elle tambem o mesmo que, deitando-lhe aos pés a sua lyra partida, teve a generosidade de lhe gisar na carteira a longa cómitiva dos seus satellites, depois que o pai lhe dissera que a sua imaginação era exageradamente idealista para jámais se poder vincular aos syllogismos inexoraveis das necessidades terrenas.

Quem ha ahi d'entre os meus leitores portuenses, se me é licita a ousadia de pensar que os terei eu, que não decline já o nome do homem que ahi fioa representado acima por duas iniciaes, e que ajudado com essas brevissimas ellucidaciones não infira d'ellas o nome da mulher que é ainda hoje a mais bella criação da sua patria?

Ha naturezas que se consomem, que se devoram com o proprio fogo que as evocou do nada, depois que se lhes esvaira a vida da primeira esperanza. Similhanes á urzé crepitante no accender da fogueira, que projecta clarões de vivida luz sôbre todos os objectos que a cercam, e logo a si propria se converte em cinza, deixando escuros e depois negros os arredores que aqueitava, assim ha tambem corações que avergam ao péso d'um amor irrealisavel, sonhando n'um momento de allucinação poetica, que tem por fatal e invariavel sina o deixar saudades no berço onde nasceu, e lagrimas na face da mulher que lhe disse pela primeira vez «levanta-te.» Era d'este tomo o amor de R. G. Foi mais tarde o tóro apagado na minha hypothese. As suas saudades representavam o derradeiro estalido da chamma; e a mulher, que Augusto de Sousa admirara, foi a imagem que ficou nas trevas sem poder consolar-se com a gratissima ideia de que lhê veriam os outros as suas lagrimas. Não sei se a formosa deidade tem já o pranto estanque á hora em que estas linhas se escrevem pelas solidões d'um ermo e por um homem, tão distante da sua socegada imaginação. O nosso commum amigo R. G. esse sei eu que depois de misturar as suas muitas lagrimas de poeta á saudosa corrente do Tejo, com quem elle ia chorar no carpir das suas fundas e surdas magoas, recebem alfim do anjo dos tristes uma condigua metade que, tomando tambem sôbre os hombros o lenho da penitencia, lhe vai já prégando a virtude da resignação, e colhendo d'esta fertil semente alguns lyrios que tornam quasi amenos os espinhos da estrada. Petrarcha transido de saudades, que o finavam depois da morte de Laura, expirou finalmente aos setenta annos, deixando no mundo um filho e uma filha (a).

R. G., que foi decerto menos desventuroso que o principe da lyra italiana, pôde pelo menos deixar quatro de cada especie.

«Augusto, continuou Julio alevantando-se para sair, remonta o oculo á terceira ordem e contempla até que eu volte aquellas doloridas Iphigenias, todas virgens depois do parto, que d'alli estão armando com o iris tentadiço dos volantes á pyramidal ingenuidade d'essa camada de palermas que ahi está por baixo.

Augusto de Sousa não o escutou e quando Julio fazia menção de retirar-se, travou-o do braço com força, perguntando-lhe:

— Quem é aquella mulher, Julio?

«Qual mulher?

— A do numero doze da segunda.

«Vejo lá duas, penso eu.

— A do logar superior.

(a) C'est comme Pétrarque qui, après avoir perdu Laure, mourut de douleur á soixante — dix ans, en laissant un fils et une fille.

«Aquella mulher, respondeu Julio sorrindo, não te direi por ora quem é. Logo no baile do visconde... mas que tens tu, Augusto? que quer dizer esse rapido descorar? caberá a ella a gloria de te acordar no coração alguma reminiscencia mal apagada?

— Cabe, sim; redarguiu Augusto erguendo-se e poisando a mão direita sôbre o hombro de Julio, *uma reminiscencia mal apagada*, disseste bem, que não se apagará nunca; uma reminiscencia tremenda. Pareceu-me ver n'aquelle maldito camarote a sombra d'uma mulher que ha dois mezes vi metter debaixo da terra e sobre cujo tumulo ajoelhei ha oito dias. Depois, depois fallaremos n'isso, meu caro Julio.

Ia a começar o terceiro acto. Mendonça saíu, e Augusto de Sousa engorovinhou-se na penumbra do camarote.

Augusto scismava ao som da muzica, scismar ao som da muzica! sabe a leitora gentil o que isso quer dizer? Scismam ao som da musica aquelles que, como o author d'este livro, se viram desherdados pela natureza da percepção acustica para os segredos e para as maravilhas da arte divina.

Scismar ao som da musica, é gostar com os labios d'alma (se a alma tem nariz como o demonstrou Garrett com o *defluxo intellectual*, porque não ha de ella ter labios, que são inquestionavelmente coisas muito mais bonitas e muito mais decentes?) é gostar com os labios d'alma, repito, o nectar suavissimo de dulcissimas harmonias que nos chegam ao coração, sem tocarem no ouvido.

E que não pensem os escolhidos da arte que nós os scismadores, fomos os menos caridosamente dotados. Não os invejo pelo menos, eu. A nós cá nos fica o telescopio da razão para nos ressarcir com premio da providencia escassa, avultando-nos ao longe as creações, phantasticas mas bellas, da nossa natureza sensitiva. A nós não nos destôa nunca uma nota mal cadenceada, porque os extasis da audição intima nos trazem a alma por um oceano de harmonias onde ella nem a si mesma se encontra. Entenda-se bem. Não me julguem cúmplice de *Théophile Gautier* no desejo de divorciar a musica da poesia para fazer da primeira o holocausto da segunda. O ingenhoso escriptor invoca os nomes de *Victor Hugo*, de *Lamartine*, de *Alexandre Dumas*, de *M.^{lle} Mars* e de *Luiz xv*, para nos convencer com factos privativos a cada uma d'essas existencias de que o verdadeiro talento *aborrece*, é o seu estylo, a linguagem da musica. Não o creio. O author de *Angelo* e de *Raphael* não podiam recompensar com despresos a sibylla que tantas vezes lhes segredava ás suas inspirações o colorido harmonico dos seus mais bellos monumentos.

Lamartine desmente *Gauthier* n'esta bella estrophe:

*Pourquoi m'entraînes-tu dans ce torrent sonore,
Comme une feuille sèche enlevée à ses bords?
Pourquoi le coeur pesant s'allège-t'il encore
Au tourbillon joyeux des rapides accords*

e *Victor Hugo* n'estes sentidos versos que eu com mágoa separo d'outros mais bellos, todos em louvor da mesma ideia:

*Qui de nous n'a cherché le calme dans un chant!
Qui n'a, comme une soeur qui guérit en touchant,
Laisse la mélodie entrer dans sa pensée!
Et, sans heurter des morts la mémoire bercée,
N'a retrouvé le rire et les pleurs à la fois
Parmi les instruments, les flûtes et les voix!*

Luiz xv, tambem não tinha n'esse menospreço, que se lhe assacá, aquellas arias que a duqueza de Chateau-roux lhe cantava no castello de Choisy antes de ler-lhe a vida da celebre Sorel, que a dama da espirituosa côrte imitou um pouco mais do que era preciso para o governo da casa, nem as posteriores canções que mais tarde no couce das orgias d'esse grande lupanar de *Versailles* lhe entornavam no ouvido indolente os labios, lubricos como os braços desnudados, da *Pompadour* e de *M.^{me} Dubarry*, os dois ultimos nomes d'essa longa historia de meretrizes (a).

A musica e a poesia são irmãs gêmeas, nascem ambas no coração, lá se alimentam juntas, e desterrar uma do berço commum é matar a outra. E já que falamos na celebre *Pompadour* rebusquemos na amavel côrte dos seus poetas uma opinião irmã da nossa. Cá está o abbade de *Bernis*, sempre condescendente a emittir sentenças sôbre pontos de esthetica transcendente; (que santinhos não eram aquelles cardeaes e abbades! — e eram, sim; peccavam tanto como os d'hoje e com menos hypocrisia.) diz o gracioso amante da costureirinha da *rua da Comedia* — que a poesia tira da pintura as imagens, e a harmonia da musica (b).

Ficam pois salvas as minhas intenções. Mas tenho para mim, e com isto filio-me nas convicções de A. Karr, que o triumpho mais completo da arte só a alma pôde dal-o, e não o ouvido. O pai do imaginoso escriptor, pianista celebre, dizia de si proprio:

« A mim só me contentam o meu orgulho de artista os inthusiasmos « que vem do coração, as lagrimas que escorregam na face, e esse escutar « contemplativo que denuncia uma insulação completa do lugar onde se « está. Se toco deante de muitos expectadores, penhora-me o que vem de- « pois de todos comprimentar-me; captiva-me o que chora sem dizer uma « palavra.»

O novo amigo de Julio de Mendonça continuava a entreter-se com os sonhos da sua phantasia, quando lhe estrugio nos ouvidos o silvo agudissimo d'uma furiosa requinta que me parece, ainda lá está hoje a imborcar penitencias no canal auditivo dos resignados *dillettanti*. Com receios de ensurdecer poz o chapéo na cabeça e foi passear para o corredor.

N'esse instante Julio, que até então se demorara no salão com alguns dos seus amigos, entrou no camarote onde estava Alcyne.

— Ora finalmente que te lembraste de nós, disse a mulher que o leitor já conhece com seus risos de fatal,... olha, a Augustinha já não está pouco zangada contigo.

«Deixa falar, não eston, não. O que eu queria era que tu me acompanhasses á carroagem; estou tão incommodada! — O accento de melancholia com que estas palavras desabrochavam naturalmente dos labios, harmonisavam-se maravilhosamente com o triste de todas as feições. Dir-se-hia que aquelle coração aprendera a falar assim n'um longo tirocinio de padecimentos. O leitor conhecerá mais tarde esta mulher.

— Pois vamos, sim; respondeu Julio.

«Não, espera, havemos de ir todos, mes dize-nos primeiro, proseguiu Alcyne cobrindo um lenço de seda na cabeça. d'onde è aquelle rapaz, que estava contigo no camarote?

(a) Archive-se uma excepção gloriosa. O nome da rainha *Leczinska* é tanto mais admiravel na altura da sua immaculada pureza, quanto era difficil então o escapar ao naufragio n'esse revolto oceano de embriagados delirios. A historia conserva ainda outra pagina limpa para uma das damas da côrte. Está n'ella o nome da marqueza de *Flavacourt*.

(b) *L'abbé Bernis*. Oeuvres. Discours sur la poésie.

— É de Lisboa. Chegou hoje.

— Veio-te recommendado?

— Não. Apresentou-m'o ha duas horas no *Guicharal* o Eduardo de Magalhães:

— Ah! então hade ser o mesmo de quem elle falou á *Mimi* que está ahí no *treze* e que elle diz ser muito rico e muito extravagante. Não será?

— É possível por ora só lhe conheço o coração e o talento. Ha pouco me perguntou elle quem tu eras...

— Eu bem reparei... tu disseste-lh'o?

— Não; e contou-me depois que tu... parece-me que foi assim que elle disse... lhe lembráras uma mulher que elle viu ha dois mezes descer a um tumulo, magoando-o com essa recordação despertada de improviso. Vê se encontras amanhã o original d'esta imitação n'algum dos teus romances.

Alcyna não respondeu nada. Fitou os olhos no pavimento e começou a reflectir no que seu irmão lhe dissera estendendo machinalmente a mão para o braço direito de Julio, ao mesmo tempo que Augusta se apoiava docemente sôbre o esquerdo.

Augusto de Sousa, perseguido ainda no corredor, pelos rechiados berros da endemoninhada gaita tinha vindo para o vestibulo do theatro; ahí mesmo porem quando Augusta entestava com as entradas da plateia, a maldita lo-grava da sua fallacia pertinaz, e o desgraçado, para sair da entalção, vi-ra-se forçado a prevaler-se da porta que communica para as carroagens, e lá se encostara a fumar, contemplando ao mesmo tempo os innovelados rôlos de chuva que desciam do céu a condensar-se nos enxurros.

Accendia elle o terceiro charuto, quando um lacaio, accomettido de febre importunamente buliçosa, lhe roçou o lado esquerdo para mandar chegar o coupé da senhora D. Augusta de Mello.

Augusto puchava sôbre si a mesma porta que se fechára sôbre as costas do criado, quando encarou a dous passos de distancia com a mesma mulher do camarote n.º 12, hirta, immovel estatelada, com os olhos pregados nos seus. A segunda aparição d'aquella mulher, inesperada, subita, como se n'esse mesmo instante houvéra surgido da terra, parecera-lhe um mudo sarcasmo á saudade afflictiva, que ella para alli viera espalhar. Não se dizem as alterações prismaticas por que passou em menos d'um segundo o rosto de Augusto de Sousa. Revigorizou-o a presença de Julio, mas ainda assim todo o recobrado tino foi pouco para descrever com o chapéo uma saudação ceremoniosa ás senhoras, que o seu amigo acompanhava. Alcyna e Augusta entraram na carroagem; a primeira contente da sua influencia satanica, a segunda assoberbada pelo flagello d'uma tosse impertinente. Esta disse para o irmão da sua amiga:

— Vaes amanhã jantar com minha tia, Julio?

«E tu não vaes hoje ao baile?

— Não.

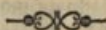
«Pois sim, irei, filha.

Augusta abaixou a cabeça. Julio beijou-a na testa, e a carroagem partiu. Um quarto de hora mais tarde, rodava uma outra pela rua dos Clerigos acima, em direcção ao hotel do Calvario. Conduzia Julio de Mendonça e Augusto de Sousa.

(Continúa)

VIEIRA DE CASTRO

BEATRIZ



Tu és o cóllo que embala
Suas primicias d'amor;
Tu és a essencia que exhalla
Ao ir-se abrindo uma flôr.

Tu és um beijo materno,
Tu és um riso infantil;
Sol entre as nuvens do inverno,
Rosa entre as flôres d'abril.

Tu és a nuvem d'agosto,
Meu alvo vello de lâ!
Tu és a luz do sol pôsto,
Tu és a luz da manhã,

Tu és a rosa de maio!
Tu és a flamula azul
Que atam á flecha do raio
As tempestades do sul.

Tu és a timida corça,
Que mal se deixa avistar;
Tu és a trança, que a força
Do vento leva no ar.

Tu és a gôta que salta
Do niveo calix da flôr!
Tu és o aljofar, que esmalta
Virgineas rosas d'amor!

Tu és a agua das fontes!
 Tu és a espuma do mar!
 Tu és o lyrio dos montes!
 Tu és a hostia do altar!

És a roseira que a custo
 Levanta as rosas do chão!
 És a vergontea do arbusto,
 Anjo do meu coração!

És o pimpolho, és o gômo,
 És um renovo d'amor!
 Tu és o vedado pômo...
 Tu és a minha Leonor!

Tu és a Laura, que eu amo;
 E a minha Taboa-da-Lei,
 E a pomba, que trouxe o ramo,
 E a margarida, que achei!

Tu és o lyrio, a bonina
 Dos valles do meu palz!
 És a minha Catharina!
 Tu és a minha Beatriz!

JOÃO DE DEUS

UM TEMPORAL NA MADEIRA

1836

Densa bruma,
Sem cessar,
Tolda e afuma
Todo o ar:
Reina o espanto;
Sons, em tanto,
D'orgão santo
Chora o mar.

E a procella
Seus corceis
Já flagella
Nos parceis.
E ora corre
Sôbre a torre
Ora morre
Nos marneis.

Cresce a feia
Cerração.
Dansa a areia
Co'o tufão,
E ergue um pobre
Sim o dobre,
Sem que o dobre
Viva mão.

Das neblinas
Glaciaes,
Surgem ruinas
Sepulchraes;
Passae prestes,
Ó cyprestes,
Aos agrestes
Matagaes!

Já co'os braços
Cedro anção
Fere a espaços
Céu e chão,
Range e imita
Cenobita,
Que arfa e grita
N'um sermão.

E a tormenta
No perfil,
Já se assenta
Do alcantil;
Eis na massa
Grossa e baça
A luz passa
D'um fuzil.

Qual carreta
O ar troou.
Foi planeta
Que estalou,
Ou ao fundo
Céu rotundo
Talvez mundo
Que rolou.

Santo Antonio
Divinal!
Que demonio
Colossal
Desce os montes,
Torce as fontes,
Quebra as pontes
E enche o val?

Oh! que intenso
Remoinhar
N'esse immenso
Lagamar,
Onde tectos,
Ninhos, fetos
E esqueletos
Vão de par!

Nos casebres
D'um curral
Vai co'as lebres
O pardal,
E o morcego
Meio cego
Corta o pego
N'um rosal!

Mas na fraga,
Como um véu
Que alva maga
Dissolveu,
A neblina
S'illumina
E a collina
Beija o céu;

Foi um sonho
Feio e vão
O medonho
Furacão;
Que a mantilha
Que te humilha
Lanças, ilha,
Presto ao chão.

Qual donzella
Só, sem véu,
— Pura estrella
Do azul céu —
Que em bacia
Vasta e fria
Nua o dia
Surprende,

Occultando
No licôr
Claro e brando
Seu pudor,
Só espelhos
Vê vermelhos
Dos joelhos
Em redor.

Assim leda
E feliz
Na agua queda
Te sorris,
Seductora
Mais que a aurora
Quando córa
De rubis;

Grutas, fragas,
Selva e flor
Vêm nas vagas
Seu primor;
Manso ao prado
Rociado
Volve o gado
E o pastor,

E as rans, cego
Povo vão,
Sem socego
Vaias dão,
Mais indinas
Que ferinas,
As verrinas
Do gaivão.

N'um aziago
Pedregal
Se abre um lago
De crystal;
Surdem fadas
Delicadas
Por arcadas
De coral.

E, buscando
Chuva e sol,
Vão bailando
No arrebol,
Nos mirantes
Scintillantes,
Nos diamantes
Do serpol.

Vem torrentes
Das soidões
Em luzentes
Turbilhões,
Quaes soldados
Arnesados
De assolados
Batalhões.

Das choupanas
F alcantis
Vem serranas
Aos redís,
De colletes
Violetes
E barretes
Mui gentís.

As palmeiras
'Stão-se a ouvir
Das ribeiras
O garrir,
E nos flancos
Dos barrancos
Casaes brancos
A sorrir.

Vôa a andrena
E a doirar
Paz serena
Volve ao ar,
E em camilha
D'escumilha
Dorme a ilha
Sôbre o mar.

Mais formosa
D'isempção
Que uma rosa
Na soidão,
Mais brilhante
Que um diamante
No turbante
D'um sultão.

HISTORIA E CAUSA DA DECADENCIA DOS BONS ESTUDOS (*)

ESCRIPTO INEDITO

DE

Antonio Nunes Ribeiro Sanches

REFLEXÕES SÔBRE AS ESCHOLAS ECCLESIASTICAS

Louvemos, e admiremos, Ill.^{mo} Sr. a real posição de Sua Magestade que Deus guarde de suprimir as escholas que estavam em poder dos ecclesiasticos regulares: alegremo-nos, e reduplicuemos os nossos ardentes e amorosos votos pela sua conservação quando temos n'elle o tão amoroso pai como sr. providente do nosso bem, e do nosso augmento.

Tem visto v. ill.^{ma} que as escholas ecclesiasticas foram sómente instituidas para ensinar a doutrina christã, saber os mysterios da fé, expressos nas sagradas escripturas, e nos santos padres. Todo o fim, e todo o cuidado d'aquelles primeiros mestres, era de formarem o perfeito christão, e não pensavam ensinar aos seus discipulos aquelles conhecimentos necessarios para viver no estado civil, ou para os servir nos seus cargos; estavam aquelles piedosos christãos tão fóra de servir a républica, que tinham então por peccado assentar praça de soldado, ou ser Juiz para julgar causas civeis, ou de crime. Governaram os santos Apostolos, e os Bispos, seus successores, as suas igrejas, ou as suas congregações difficeis; como se governaram depois os conventos dos frades; todos uniformes na santa fé, todos unidos pela caridade christã, e se havia algum entre elles que se não conformava á santa doutrina que professava a congregação, lhe negavam os santos sacramentos, e lhe impediam assistir aos officios divinos. Assim viveram estes christãos nos primeiros tres seculos da christandade, umas vezes tolerados com clemencia pelo estado dominante, outras vezes com crueldade

(a) Vem do numero 4.

pelos Principes tyrannos: mas sempre foram obedecidos, e venerados, apezada sua tyrannia; porque lhes pagavam os tributos comdividos, e executarvam as suas leis como fieis, e obedientes subditos. Seria n'aquelles tempos pecado que os Bispos ou Prelados pensassem o possuir bens de raiz, o ter jurisdicção temporal sôbre os leigos, e a servir cargos da républica. Repou-savam no governo politico que os defendia das invasões dos inimigos do estado; porque tinham por pecado pertencer-lhe para o servirem; estando todos dedicados a servir sómente de todo o coração, e com todas as suas forças, a seu divino mestre N. S. Jesus-Christo.

Mas logo que o imperador Constantino Magno abraçou o christianismo, logo que mandou fechar os templos da idolatria, izentar os ecclesiasticos de servir cargos da républica, e ao mesmo tempo dar jurisdicção aos Bispos de julgar causas civeis, e de serem sem appellação suas sentenças, immediatamente saíram os christãos seculares, e ecclesiasticos d'aquella santidade devida, e para fallar-mos ao modo dos nossos tempos pode-se dizer que os christãos do tempo de Constantino voltaram para o seculo, porque pelas doações que faziam ás egrejas, e aos conventos, já tinham bens moveis, e de raiz, já serviam os cargos civís, e militares; já eram reputados por subditos para servirem a sua patria.

Mas o que é digno de reparo n'esta mudança devida, é que não mudaram, nem adiantaram o ensino das escholas que tinham antes de Constantino, e que adiantaram com excesso aquella incumbencia de ensinar, e de corrigir os costumes, o que veremos abaixo. Parece que os ecclesiasticos mestres de escholas no tempo d'este Imperador, eram obrigados a ensinar estas obrigações com que nascem todos os subditos antes de ser christãos, porque logo que por lei do imperio a religião christã era a dominante logo que os christãos eram obrigados a concorrer com os seus bens, ou com as suas pessoas a servirem as suas patrias, parece era da obrigação d'aquelles mestres, educal-os com taes principios que satisfizessem a obrigação com que nasceram, e a obrigação que contraíram quando se baptizaram. Já as escholas do sentelismo pela maior parte estavam extinctas já não havia outras mais que a dos Ecclesiasticos, e se n'estas a mocidade não fóra educada para aprender o que havia de obrar pelo resto da vida ficava destituída de todos os fundamentos para viver como bom cidadão, e como bom christão.

Mas que fizeram os mestres das escholas, nos mosteiros, e nos cabidos das sés? não ensinaram outra doutrina nem outros conhecimentos que aquelles que contribuiam para fazer o bom christão, ou o bom ecclesiastico.

E que fizeram os Bispos auctorizados já a governar, e a reger os costumes? estenderam este poder, não só dentro dos seus cabidos, e das suas egrejas, mas ainda dentro de todas as cidades, e aldeias, obrigando a viver como viviam os christãos dentro dos conventos, ou n'aquellas congregações da primeira christandade, das quaes dissemos acima a sua constituição, e governo.

De tal modo que os ecclesiasticos quizeram governar-se, e governaram o estado civil, pelas regras, e pelas constituições dos conventos, e das cathedraes, onde se vivia em communidade, onde os bens temporaes eram em commum, onde as vontades, e as opiniões tanto nas cousas celestes, como nas mundanas, eram, e deviam ser conformes, porque todos viviam debaixo da regra, e do mando do Prelado.

Mas o que deu maior movimento a estas disposições ecclesiasticas, foram as leis referidas acima, de Constantino Magno. Este pio Imperador poz em execução como tambem seus successores. « Que o estado civil fosse regido,

e governado pelas regras, e constituições dos conventos, e dos cabidos; abrogando, e derogando ao mesmo tempo as leis civis, e as politicas do imperio romano, como vimos acima, abolindo o cargo de censor, do qual se apoderaram os Bispos: derogando ao cargo de Pretor, ou Chanceler mór o poder de dar alforria aos escravos, e que as sentenças dos Bispos fossem sem appellação, abolindo a natureza das cousas que hão de servir ao estado em todo o tempo; dando immuniidade aos subditos d'elle, e aos seus bens de raiz para não servirem, nem pagarem os tributos, sem os quaes não se póde conservar uma républica.

Ainda que muitas coisas concorreram para a destruição do imperio romano, é evidente que estas disposições, e leis de Constantino foram a causa principal. Mas já me apercebo que vou sair sómente do objecto d'este papel que propuz a v. ill.^{ma} para ver o fundamento da educação politica, que deve ter o estado christão catholico. E como as universidades são hoje os seminarios do estado politico e religioso da suplica christã, permita-me v. ill.^{ma} indagar a sua origem, e seus objectos, e quantas circumstancias concorreram para que os Imperadores, Reis, e républicas fossem governadas, como são ajuda hoje por estas escolhas.

Já que os Summos Pontifices e os Bispos (a) se arrogaram o poder absoluto da educação das escolhas da christandade, e de corrigir os costumes, é preciso que indaguemos a origem d'estes poderes, e então veremos que Sua Magestade Fidelissima é o senhor com legitimo *jus* de decretar logo para a educação dos seus leaes subditos, não só nas escolhas da puericia, mas tambem em todas aquellas onde aprende a mocidade. Pareceu-me, ill.^{mo} sr., ser da maior importancia esta materia, porque agora não achei auctor que tratasse d'ella, como necessita o *juz* da Magestade.

A fórma, a união, o vinculo do estado civil, e politico, e o seu principal fundamento, é aquelle consentimento dos povos a obedecer e servir, com as suas pessoas e bens, ao soberano, ou que este consentimento seja reciproco, ou que seja tacito, ou declarado, sempre fórma o estado, ou Monarchico, ou républicano.

Mas o que constitue o ajuntamento, ou corpo civil, e sagrado, é o *juramento* da fidelidade mutua entre o soberano, e os subditos, tacita, ou declaradamente. No auto d'esta convenção invocam os contratantes d'este pacto ou contracto a *divindade* que mais veneram por *testimunha, e caução*, que hão de executar o que promettem; sujeitando-se ao premio, ou ao castigo, conforme o cumprirem.

D'aqui vem que todos os estados soberanos estão formados por invocação d'aquella divindade, que mais veneraram os povos, e o soberano.

D'aqui vem chamar-se o estado sacro-santo e cousa sagrada.

D'aqui procede que nenhum estado civil póde formar-se, nem existir em seu vigor, sem uma religião, e sem observar-se o sagrado juramento.

Eu bem sei que nas monarchias, que se fundaram conquistando, não entreveio n'ellas aquelle consentimento mutuo, nem juramento de fidelidade no instante que se formaram pela força da espada. Mas logo que o conquistador quizer conservar a sua conquista, é necessario decretar leis: é necessario que elle dê a conhecer aos povos conquistados, que viverão mais felizes no presente governo que no passado; os povos consentem tacita, ou declaradamente, dão juramento para exercitar os cargos d'aquelle estado, e d'este modo o conquistador, e os conquistados, cada qual por seu interesse

(a) Conc. de Trent. sessão 25, de reformati cap 2.^o

proprio convem reciprocamente; o soberano de os conservar, e os subditos de obedecer, invocando a divindade por caução e testemunha da convenção que celebram. Quando os portuguezes no campo de Ourique aclamaram a D. Affonso Henriques por seu rei; quando em Coimbra aclamaram o mestre de Aviz por rei de Portugal, tacita, ou declaradamente, lhe deram todos *juramento de fidelidade* invocando o summo Deus como testemunha, e caução que lhes obedeceriam, e serviriam com suas pessoas, e bens, comtanto que estes reis os governassem, e defendessem, e que vissem mais felizes que no estado precedente.

D'este modo tão livre, e tão excellente, ficou o estado de Portugal formado; os seus soberanos não conhecem superior mais do que a Divindade suprema que invocaram no acto de juramento de fidelidade que lhe prometiam os seus povos, prometendo tacita, ou declaradamente de governal-os de tal modo, que fossem mais felizes do que antes eram.

D'aqui provém o sagrado do estado, porque foi formado com invocação do altissimo, como testemunha, e como caução dos juramentos reciprocos.

D'aqui vem o supremo poder dos nossos reis, que têm em si vinculadas todas as jurisdicções do primeiro general, que pôde dar juramento, levantar-o, alistar tropas, e licenciar-as, etc., tem a jurisdicção de pôr Juiz, pôde condemnar a penas pecuniarias, exilio, e de vida e morte: É o primeiro vedor da fazenda do estado, pôde cunhar moeda, fazer todas as leis que achar são necessarias para promover toda a sorte de agricultura, commercio, ou industria: É o primeiro pai, e conservador dos seus estados: É o senhor de decretar todas as leis que achar necessarias para a conservação dos seus dominios, fundando estabelecimentos para formar toda a sorte de subditos na educação da mocidade, nas artes liberaes, e mechanicas, nas sciencias necessarias no tempo da paz e de guerra.

Está tão bem incluído no *ius* da Magestade aquelle supremo cargo de primeiro mestre, ou de primeiro sacerdote da religião natural desde aquelle instante que se formou o seu estado civil, e politico pelo juramento.

Não se offenderá v. ill.^{ma} n'este attributo que dou aos monarchas christãos catholicos: todos se convencerão facilmente do que affirmo quando pensarem que as duas leis mais irrefragaveis de qualquer estado assim formado são as seguintes.

«Que a conservação do estado civil, é a primeira e principal lei;

«Que cada subdito está obrigado a obrar com os outros, como elle quizer que obrassem com elle.»

Emquanto os homens viviam como feras, e como vivem ainda hoje muitos povos da America, e da Africa, o mais esforçado e o mais valente era o que, caçando e matando, tinha o maior dominio, porque estes homens, viviam, e vivem da caça, ou dos fructos, conchas, peixes da borda do mar, e o mais experimentado seria e é ainda hoje o maioral d'aquelles ranchos. Já se sabe que a maior parte d'estes povos vivem sem nenhum conhecimento da divindade, como na bahia de S. Lourenço, e em outros muitos logares do mundo habitado.

Mas tanto que os homens se ajuntaram, por pacto, e consentimento mutuo de se ajudarem, e socorrerem entre si, já nem o mais valente, nem o mais ousado, ha de ser o primeiro. Porque os homens no ponto d'aquelle contracto mutuo depozeram no poder, e na disposição do soberano, ou maioral, todas as acções voluntarias que obravam antes que se juntassem em sociedade; depozeram nas suas mãos aquelle poder que tinham de matar, de furtar, e todas aquellas acções que seriam nocivas, e destruidoras da sociedade.

Ficou então em deposito na mão do soberano aquelle poder dos subditos para obrar acções exteriores; ficou á sua disposição regrad-as por leis, prevenir que se não comettesse insulto, que alterasse, ou corrompesse a união e harmonia que deve reinar no estado civil; ficou no seu poder castigar-as como achasse conveniente para a sua conservação.

Duas cousas ficaram sómente no poder dos subditos mesmo n'aquelle instante que deram juramento de fidelidade ao seu soberano.

A primeira: a propriedade de seus bens, com obrigação tacita, ou declarada, que parte de sua renda seria para sustentar o estado.

A segunda: aquella liberdade interior de querer, amar, aborrecer, julgar, ou não julgar, ver, ou não ver: que são acções interiores que passam dentro de nós, e que se não mostram por acções exteriores, que todo o mundo possa observar vizivelmente.

D'este estado da sociedade civil assim formado, resultaram logo *igualdade* entre todos os subditos; e a *subordinação* aos magistrados.

Porque todos os subditos, enquanto subditos, enquanto estão ligados por aquelle juramento de fidelidade, todos são iguaes; e a maior ruína d'um estado é que entre elles haja diversidade, uns com obrigação de obedecer, e outros absolutos, uns sujeitos ás justiças, e outros sem nenhum imperio (a).

Como o principe soberano, não póde exercitar todos os cargos dos seus exercitos, e das suas armadas; como não póde julgar todos os processos, e demandas; como é impossivel a pessoa humana cumprir com todos os cargos que requer a fazenda real, e attributos para sustento do estado, o que faz é dar estas varias incumbencias áquelles subditos que forem mais capazes de as exercitar, e cumprir. Assim que cada um d'estes é condecorado com parte ou porção da Magestade.

D'aqui vem que toda a distincção, subordinação e preeminencia que houver entre os subditos provém sómente do *jus* da Magestade. Aquella distincção de nobreza de fidalguia provém sómente do poder do soberano, e não da ascendencia, nem da geração: porque todos os subditos, pelo juramento da fidelidade, são eguaes, como fica demonstrado.

(a) Platão d.º 3.º de República.

(Continúa)

CHRONICA

Eis-me de novo no meu antigo officio de chronista. Cada vez mais somenos em materias de graçola e espirito, bem hei de deixar ver que atravessci impassivel a epocha do carnaval n'esta boa terra de Coimbra. Eu por mim tenho cogitado as estopinhas em espreitar todos os cantinhos e em varrer todos os alvitres, e não sei que haja para fallar-se, a não ser de Ristori; ainda bem que este nome é já de si bastante para encher uma chronica, em que esta seja de seculos.

Peço não me acoimem de nimiamente exageradas as minhas ultimas palavras, que são verdadeiras, como christãs as letras do Evangelho.

E se póde causar estranheza que o nome d'uma mulher ateste as páginas de historias seculares, não me será fadiga citar ainda aqui o nome de Eva, a qual, apesar de formozissima, como asseveram os chronistas contemporaneos de Adão, e do que eu cordialmente duvido, occupa com bem menos razão uma historia de cinco mil oito centos e sessenta e quatro annos, se é verdade o que diz Bossuet e outros historiadores.

Preparado este nariz de cera, que com a devida venia passamos a ajustar entre as rechonchudas bochechas do pacientissimo burguez, vamos escrever alguma coisa que possa satisfazer ás titillações curiosas das minhas sympathicas leitoras, se posso crer que ainda as tenha este pobre folheto, nascido ao que parece de baixo da fatal influença d'arvezado signo. Entremos no theatro: é alli a primeira tragica do mundo, e mais de mil almas suspensas, extaticas e enlevadas na jubilosa esperanza de a poder admirar, aguardam silenciosas o momento bemditoso da sua appareição.

Deve de ser uma noite cheia; cheia de sensações extenuantes, oppulenta de delicias nervosas, e fertil de deleites insoffridos. As senhoras de Coimbra aposentaram-se a qual havia de exhibir-se mais formosa na elegancia, mais elegante na belleza, e mais attractiva na simplicidade do seu composto. Divizava-se só-

mente na physionomia de todas ellas um não sei que de triste, melancholico, e suave, que era como um mago presentimento a advinhar-lhes as sensações dolorosas que n'aquella noite haviam de magoar o seu sensivel coração.

De resto os camarotes pareciam ramos de flores suspensos nos ares por fios inviziveis preparados d'ante-mão para a victoria da grande artista, e bastantes pela exuberancia dos seus perfumes a saciar as mais dilatadas fossas nazaes d'algum poeta que fosse alli beber inspirações; e levo-me a crer, entrando pelos insondaveis dominios da mythologia, que ou Calliope, muza antiga da poesia, viera estender as suas candidas azas por sôbre aquelle cambiante d'amores, ou que a fada Mab convertêra aquelle recinto n'um paraizo terrestre.

Entre todas aquellas flores, porém, vi eu uma a que a modestia mal deixava entreabrir as petalas, mas mais que todas linda. Era na primeira ordem. Se a visseis recostada sôbre aquella mão artistica, dirieis ser o anjo da meditação a expandir magoas, innocencias, tristezas, perfumes que o coração aspira, mas que a alma guarda no sacrario das suas mais intimas recordações.

Se a visseis cingida em suas vestes de fada dil-a-hieis *rosa* immarcessivel lubrificada pelas lagrimas da noite.

Se lhe visseis a fronte pallida como raio de lua nova, lá encontrarieis as capellas virginaes cambiadas em corôas de noivado, e nos purissimos affectos de mãe extremosa.

Formosa como uma estatua de Praxiteles reúne na physionomia as mais sublimes perfeições da esthetica: virtuosa como Esther concilia no espirito os dotes primorosos d'uma existencia typica.

Uma mulher d'estas resume sempre em si a essencia d'um poema, ou os elementos d'uma acção heroica; e senão compulse-se por um instante a historia dos grandes homens.

Camões, o principe dos nossos poetas, escreveria os seus Luziadas sem o amor de Catharina d'Athaide?

Dante cogitaria o seu inferno sem o affecto da sua Beatriz?

Horacio traçaria as suas odes sem os carinhos da sua Lydia?

Raphael desenharia na tela os seus primeiros quadros sem os extremos da sua Fornarina?

Mucio Sevola queimaria a mão n'um brazeiro ardente se não fosse uma certa Clelia?

Creio bem que não; e na minha humildosa opinião S. Bernardo foi um grande physiologista do coração quando disse— que não havia vida onde não existia amor.

Estas poucas mas eloquentes palavras são uma verdade de quilate subido cá n'este mundo de miserabilissimas tranquibernias eleitoraes, como lhe chama o meu amigo e collega M. F.. (a) homem respeitavel pela sua sciencia, pela sua influencia eleitoral (apezar de perder as eleições), e mais que tudo respeitado pelas proeminencias adiposas do seu repletô abdomen, que lhe faz passar uma bem

(a) Escrevem-se as primeiras iniciaes para não evocar suspeitas.

aventurada vida n'este desventurado val de lagrimas, seguindo assim á risca os preceitos phylosophicos de não sei que sensualista, que fazia residir no estomago a séde exclusiva de todos os phenomenos intellectuaes.

Como porém vos ia dizendo, minhas amabilissimas leitoras, a senhora de quem vos fallava estava n'um camarote da primeira ordem, cujo numero vos não digo por temer ir agravar a sua modestia, virtude rara n'esta epocha de vaidades tolas.

Perguntando-me, porém, se o tal numero é divisivel ou primo (a), se é impar ou par, dir-vos-hei que é impar, e que não é divisivel senão por si ou pela unidade.

Na occasião em que estou escrevendo estas poucas e desengraçadas linhas está aqui ao meu lado o meu condiscipulo e amigo H... a quem foi bastante ler as primeiras palavras d'ellas para prever, pelos effeitos da luz que se expandia, o astro que então nos allumiava. Interrogai-o se ainda o não advinhastes, e vereis se vos menti então, ou se vos minto agora n'este ultimo fecho, que vou pôr a este capitulo de pathologia amorosa.

Se Pradier e Miguel Angelo, se Rubens e Tiziano resuscitassem hoje dos seus tumulos de marmore, e a vissem tão formosa e tão linda como a vi n'aquella noite, e sempre... os primeiros partiriam corridos o cinzel que lhes ganhou a sua gloria, os segundos queimariam o delicadissimo pincel que lhes acareou a immortalidade.

O impossivel nem se pinta, nem se desenha.

Deus fôra o unico esculptor d'aquella estatua, animando-a de virtude, belleza, piedade, e religião.

Conta a fabula que a nympha Coenis dissera a Neptuno estes dois versos escriptos em Socrates:

... Dá femina non sim
Omnia proestabis..

Se foi certo, creio conviccionalmente que as nymphas de então eram menos formosas que as mulheres de hoje, quando estas se chamassem C...

Fallemos de Ristori.

Disse um, senão o primeiro, dos nossos escriptores contemporaneos, o sr. Antonio Feliciano de Castilho, que é grande ouzadia fallar de Ristori ainda que em effigie.

Alguem supporá talvez que seja maior o meu arremetimento em fallar d'um talento descripto, pezado e aquilatado por um escriptor de tal pulso.

Creio que não.

O sol que se espelha á superficie do mar, deixa melhor ver a transparencia e a limpidez das suas agoas, e Castilho foi o sol que allumiou aquelle mar de perfeições artisticas. Partamos d'um principio.

O verdadeiro talento nem se discute nem se aprecia.

Ouve-se e respeita-se.

(a) Recordações mathematicas do auctor.